



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA**

SILVIA LILIA SILVA SOUSA

**“MEMÓRIAS DAS ESQUINAS: AS TRAJETÓRIAS DE PROSTITUTAS NA
BATALHA PELO BAIRRO DA CAMPINA, BELÉM-PA.”**

**BELÉM-PA
2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA**

SILVIA LILIA SILVA SOUSA

**“MEMÓRIAS DAS ESQUINAS: AS TRAJETÓRIAS DE PROSTITUTAS NA
BATALHA PELO BAIRRO DA CAMPINA, BELÉM-PA.”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, para obtenção do título de Mestre em Sociologia e Antropologia, com ênfase em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira.

**BELÉM-PA
2017**

Silvia Lilia Silva Sousa

“Memórias das Esquinas: as trajetórias de Prostitutas na Batalha pelo Bairro da Campina, Belém-PA.”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, para obtenção do título de Mestre em Sociologia e Antropologia, com ênfase em Antropologia.

Aprovada em: , , _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira - Orientador

Prof. PhD. Marcio Couto Henrique – Examinador externo

Prof^a Dr^a M^a Angélica Motta Maúes – Examinadora interna

Prof. Dr. Antonio Mauricio Dias Costa – Examinador interno

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA

Sousa, Silvia Lília Silva

"Memórias das esquinas: as trajetórias de prostitutas na batalha pelo bairro da campina, Belém-Pa" / Silvia Lília Silva Sousa. - 2017.

Orientador: Flávio Leonel Abreu da Silveira
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Belém, 2017.

1. Prostituição - Belém (PA). 2. Prostituição - Belém (PA) - História. 3. Prostituição - Aspectos sociais. 4. Prostitutas - Belém (PA). 5. Narrativa (Retórica). I. Título.

CDD 22. ed. 363.44098115

À Minha Família e às Putas do bairro da Campina.

Agradecimentos

Construir esta dissertação, sem dúvida, foi uma tarefa árdua que certamente envolveu muitas pessoas. A estas pessoas gostaria de manifestar minha imensa gratidão e carinho. Agradeço primeiramente à minhas mães Antônia Maria e Maria Natalina pelo apoio incondicional, pelos exemplos de força, determinação e coragem que sempre vi transparecer em suas atitudes e conselhos. Aos meus irmãos Alan e Alaysses, que sempre estiveram ao meu lado torcendo pelas minhas conquistas. Aos meus avós maternos Iracema e Reinaldo por terem me criado com tanto carinho. Ao meu companheiro Marcos Diego pelo apoio e companheirismo em meio aos momentos mais críticos desta jornada. Ao meu filho Mateus que sem dúvida é minha força, quem me motiva diariamente a ser uma pessoa melhor. A minha sogra Maria de Jesus, meu sogro Paulo Vinícius e meu cunhado Luiz Guilherme pelo auxílio e força em todos os momentos em que precisei estudar. Ao meu Orientador Flávio Leonel, por seguir junto a mim nesta “batalha” acadêmica desde a graduação até o mestrado.

Agradeço também a Lourdes Barreto pelo companheirismo dedicado a mim em todos os momentos da pesquisa. Você, com sua inteligência e histórias incríveis, me guiou como ninguém na construção desta dissertação. Sinto-me honrada em construir este estudo junto a você, “a puta mais antiga do Brasil”, fundadora do movimento de mulheres prostitutas, uma puta mulher de luta. A Eunice Cinderela pessoa incrível que tive o prazer de conhecer nas esquinas da Campina, fundamental para que pudesse construir esta dissertação, obrigada pela dedicação, carinho e conselhos. A Maria Silva, mulher forte, guerreira, mais uma puta mulher que tive a sorte de encontrar na Campina. A Dona Maria, Vitória Margalho, Dona Emiliana e Selma Lúcia, estas putas maravilhosas, exemplos de força e empoderamento que dispuseram do seu tempo precioso para narrar suas histórias a esta estudante de antropologia. Agradeço ao GEMPAC que durante um ano foi a minha segunda casa, à Leila Barreto, Amélia, Maria Elias, Maria Rita e Jaqueline, mulheres maravilhosas que carregam consigo uma força gigantesca e com muita garra abraçam esta instituição tão importante para a sociedade brasileira. A todas as putas, pois com vocês adquiri aprendizados que vão muito além do universo acadêmico. Em meio as entrevistas, festas, almoços, cafés e conversas descontraídas, descobri pessoas fascinantes que hoje me inspiram enquanto mulher, mãe, militante e enquanto ser humano melhor. Obrigada pelos conselhos, ensinamentos e amizade.

A Dona Francis e sua filha Valéria, Seu Bernardo, Senhor Tadeu e Senhor Paquito pela contribuição a pesquisa. Agradeço também aos meus queridos amigos que ao longo do ensino médio, graduação, mestrado e movimento estudantil estiveram ao meu lado estudando, lutando e me motivando em todos os momentos de minha trajetória. Dentre eles agradeço em especial à Carla Moreira pela força nesta trajetória de dois anos de mestrado.

RESUMO

No presente trabalho volto meu olhar à prostituição no contexto urbano belenense, especificamente ao bairro da Campina, área central da cidade de Belém/PA, onde predominou entre os séculos XIX e XX o centro da boemia e o principal ponto de prostituição da capital. Neste bairro foi construída no ano de 1921 a famosa zona do meretrício, também conhecida como “quadrilátero do amor”, que permaneceu fechada na década de 1970 pelo governo militar. Partindo dos estudos de antropologia urbana em interlocução com os estudos de gênero, me proponho na presente dissertação compreender as relações que as mulheres prostitutas mantêm com o bairro estudado, levando em consideração suas trajetórias, memórias e lutas. Sendo assim, percebo que por entre as esquinas, boates e pensões emergem histórias que povoam as memórias destas mulheres, narrativas que permitem refletir sobre diferentes interpretações quanto à cidade, portanto, referem-se as outras formas de exercer a sociabilidade e de experienciar a urbe.

Palavras-chave: Prostituição, cidade, Bairro da Campina, memórias, mulheres.

ABSTRACT

In this paper i will look at prostitution in the urban context of Belem, specifically in the Campina neighbourhood, central area of the city of Belém / PA, where bohemia and prostitution in the capital predominated between the 19th and 20th centuries. In this district, the famous zone of the meretrício was built in 1921, also known as “quadrilátero do amor”, that was closed in the 1970s by the military government, and remained so throughout that decade. Starting from the studies of urban anthropology in interlocution with gender studies, I propose in this dissertation to understand the relationship between female prostitutes and the Campina neighborhood, taking into account their trajectories, memories and struggles. Thus, I perceive that among the street corners, nightclubs and small hotels, emerge stories that exist in the memories of these women; narratives that allow the reflection of different interpretations regarding the city. Therefore, they reference other forms of exercising sociability and experiencing the city.

Keywords: Prostitution, City, Campina Ward, Memories, Women.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - Lourdes Barreto	23
Fotografia 2 - Eunice Cinderela.	24
Fotografia 3 - Dona Emiliana.	25
Fotografia 4 - Dona Maria	26
Fotografia 5 - Selma Lúcia.	27
B Fotografia 6 - Maria Silva.	28
Fotografia 7 - Vitória Margalho.	29
Fotografia 8 - Asilo das Madalenas.	34
Fotografia 9 - Hospital São Sebastião	34
Fotografia 10 - Boêmios da Campina	37
Fotografia 11 - Ver-o-Peso, mercado do peixe	51
Fotografia 12 - Sede do GEMPAC(Grupo de Mulheres Prostituta do Pará)	53
Fotografia 13 -Travessa Padre Prudêncio	54
Fotografia 14 - Rua Gaspar Viana	56
Fotografia 15 - Balcão da Boate Las Vegas	57
Fotografia 16 - Interior da Boate Las Vegas	58
Fotografia 17 - Primeiro Encontro Nacional de Mulheres Prostitutas	68
Fotografia 18 - Entrega de preservativos no Programa Formativo Informativo	74
Fotografia19 - Lourdes Barreto	96
Fotografia 20 - Lourdes Barreto	102
Fotografia 21 - Eunice Cinderela	104
Fotografia 22 - Selma Lúcia	110
Fotografia 23 - Emiliana Ramos	114
Fotografia 24 - A janela do quarto	116
Fotografia 25 - Maria Silva	119

LISTA DE SIGLAS

AIDS Síndrome da Imunodeficiência adquirida

CUTS Central Única de Trabalhadores (as) do Sexo

DAVIDA ONG de Mulheres prostitutas do Rio de Janeiro

DASPU Grife de Mulheres prostitutas

DSTs Doenças sexualmente transmissíveis

HIV Vírus da Imunodeficiência Humana

GEMPAC Grupo de Mulheres Prostitutas do Pará

NSWP Global Network of Sexy Work Projects

PT Partido dos Trabalhadores

PLAPERTS Plataforma Latino Americana de Personas que Ejercen el Trabajo Sexual

PSOL Partido Socialismo e Liberdade

RBP Rede Brasileira de Prostitutas

UFPA Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – CAMPINA, O BAIRRO - PROSTITUTA.....	29
1.1 HISTÓRIA E MEMÓRIAS	29
1.2 A ZONA E SUA DINÂMICA.....	41
1.3 CAMPINA, “UMA FÊMEA APAIXONADA E SOFRIDA”	44
1.4 PERCURSO: ITINERÁRIOS TRAÇADOS NO CAMPO	49
1.5 AS RAIZES DA PROSTITUIÇÃO.....	60
CAPÍTULO II – O GRUPO DE MULHERES PROSTITUTAS DO PARÁ (GEMPAC) E A LUTA NAS ESQUINAS	66
2.1 DA CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO PUTA À CRIAÇÃO DO GEMPAC	66
2.2 O GEMPAC E SUA RELAÇÃO COM A CAMPINA	72
2.3 O CARÁTER COSMOPOLITA.....	75
2.4 PROSTITUIÇÃO; TRABALHO IDENTIDADE E ESTIGMA	79
CAPÍTULO III – CADA MARIA TEM A SUA HISTÓRIA”.....	89
3.1 MEMÓRIA E NARRATIVA	89
3.2 MEMÓRIAS DE PUTAS: CINCO OLHARES SOBRE A CAMPINA.....	93
Lourdes Barreto: ‘Eu Sou Puta!’	96
Eunice: a Cinderela do GEMPAC	103
Selma Lúcia: a coroa de programa	110
Dona Emiliana Ramos da Costa: entre o cochê e a putaria	114
Maria silva: “Eu sou uma Puta Santa!”	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123

INTRODUÇÃO

Pensar a cidade é adentrar em um campo complexo permeado por diversos mundos e múltiplas realidades (VELHO, 1994) que se entrecruzam na trama cotidiana da vida vivida (CERTEAU, 1994). A cidade narrada a partir dos dramas vividos por seus habitantes evidencia as diversas formas como esses sujeitos experienciam e interpretam a urbe. Por entre as narrativas emergem imagens, paisagens, mapas, enfim, memórias que enfatizam temporalidades que vibram na urbe (ROCHA& ECKERT, 2010) e perpassam por diferentes formas de vivê-la.

Esta dissertação segue os estudos referentes à antropologia urbana que privilegiam as percepções dos sujeitos citadinos sobre a urbe. Partindo deste campo de análise, me proponho a pensar as relações que antigas prostitutas¹ mantêm com o Bairro da Campina, Belém (PA), a partir dos estudos de suas trajetórias e memórias. Certamente, em Belém do Pará, podemos encontrar outros espaços destinados à prostituição como, por exemplo, a BR-316, ou em bairros como São Braz, Jurunas, Pedreira, Condor, bem como nas casas de shows ou boates – entre elas a famosa Locomotiva - que compõem o cenário da prostituição na cidade, espaços onde possivelmente as prostitutas estabelecem laços afetivos ao longo do tempo.

Contudo, o que mais me motivou a realizar este estudo no bairro da Campina foi seu longo histórico de relacionamento com tal ofício. Neste *locus* urbano predominou entre meados do século XIX até a década de 70 do século XX, o centro da boemia da cidade de Belém. Em 1921, por exemplo, foi demarcado na Campina um espaço próprio ao exercício da prostituição que se constituiu enquanto importante lugar de sociabilidade e boemia da e na cidade. Conhecido como “quadrilátero do amor” a zona do meretrício da Campina é um universo complexo e heterogêneo, permeado por múltiplos sujeitos que ali transitam, habitam, trabalham, choram, amam, vivem.

Em meio a meus estudos sobre antropologia urbana, percebi que o fazer antropológico na cidade exige do pesquisador em campo um constante exercício de estranhamento. Desnaturalizar aquilo que parece familiar (VELHO, 1994) permite olhar os sujeitos citadinos em suas relações com a cidade de Belém, lugar onde nasci e me criei, a

¹ Categoria êmica que está relacionada ao tempo em que as mulheres se prostituem na área. O “antigo” aqui não está necessariamente relacionado à velhice. As interlocutoras também utilizam termos como “Velha Guarda” e “veteranas”, para se referirem às mulheres que permanecem há mais tempo atuando na prostituição.

partir de uma nova ótica. Neste contexto, pensar o universo da prostituição na urbe é adentrar em campo complexo, repleto de múltiplas trajetórias e realidades que, muitas vezes, afetam (FAVRET-SAADA, 2010) o pesquisador e marcam diversas relações de alteridade, neste caso, este investimento pessoal e acadêmico demonstrou um universo desconhecido para mim, o qual busquei conhecer melhor por intermédio da etnografia.

Entender como a cidade pode ser interpretada a partir de múltiplas perspectivas é uma forma de perceber os diversos usos que os habitantes fazem dela. Compreender aspectos desse processo a partir das narrativas de prostitutas é também lançar o olhar para as margens, para as suas táticas (DE CERTEAU, 1994) de permanência na urbe belenense, o que demonstra maneiras de burlar, protestar e enfrentar os preconceitos e violências que sofrem na profissão. Volto, portanto o meu olhar para quem esteve e está ali todos os dias: a quem vive, circula, observa e é sujeito no e do processo de transformação do bairro.

A análise das trajetórias de prostitutas que, de alguma forma, têm suas vidas ligadas a este bairro é fundamental para direcionar o olhar ao outro que experiencia a cidade no contexto urbano, que é sujeito nos processos de transformações dos espaços, mas que ao mesmo tempo, paradoxalmente, alguns fazem questão de não enxergar e, por isso, são os principais alvos das medidas higienizadoras, ditas revitalizadoras (JACQUES, 2012). Sujeitos estes dotados de agência que em suas práticas cotidianas, mesmo que de maneira sutil, encontram táticas para permanecerem nesses espaços (DE CERTEAU, 1994).

Neste trabalho foram realizadas pesquisas de campo sistemáticas junto às prostitutas do bairro da Campina, desenvolvidas a partir de minha permanência no GEMPAC e seus arredores. Ao longo destes onze meses de trabalho de campo, circulei por vários pontos de prostituição, visitei moradores da área participando do cotidiano de minhas interlocutoras dentro e fora da militância. Fomos a festas, bares, fizemos compras, faxinas, cozinhamos juntas, almoçamos, jantamos e participamos de eventos. Nesses momentos observei e fui observada, avaliada, incluída de alguma forma no grupo. Desta maneira, a então estudante de antropologia, tornou-se estagiária do GEMPAC. É importante ressaltar que esta dissertação tem como área de análise principal o “quadrilátero do amor”, pois é neste espaço do bairro da Campina que as interlocutoras da pesquisa mantêm um vínculo afetivo maior.

Segundo Clifford Geertz (2011) para que uma prática antropológica seja viável é necessário a realização de uma etnografia densa. Para desenvolver tal descrição acerca das experiências de prostitutas é necessário compreender as formas de sociação, inclusive as de sociabilidade (SIMMEL, 1968), presentes entre esse grupo, seus códigos, determinadas expressões e categorias nativas. A descrição proposta por Geertz concebe os fatos observados,

as entrevistas e conversas obtidas no campo não apenas como dados empíricos duros e meramente descritivos, mas atrelados a reflexões, compreensões de simbologias e, por isso, para este autor a etnografia não é apenas um método e, sim, teoria. A descrição densa, no que diz respeito à análise de trajetórias consiste, também, em descrever não só o que foi dito, mas quais os significados que permeiam essas falas, como tal história foi contada, realizando leituras através das expressões, do tom de falas e também do silêncio.

De acordo com Roberto Cardoso de Oliveira (2000) observar o local de pesquisa, analisar os comportamentos e os objetos é de fundamental importância para se situar no campo. Entretanto, os diálogos – tanto informais como as entrevistas - são fundamentais para a compreensão dos questionamentos e a formulação de outros problemas e se apresentam, assim, enquanto ferramenta fundamental à realização desta pesquisa. Por esse motivo é importante refletirmos sobre nossos posicionamentos e experiências em campo, e como isso se reflete na pesquisa. Na perspectiva de James Clifford (1998) e Christian Ghasarin (2008) a presença do antropólogo em campo e a sua relação com a vida nativa permeia inúmeros acontecimentos, muitas vezes mascarados na pesquisa pelo próprio pesquisador, os quais revelam uma questão de extrema importância para a antropologia: a alteridade. Engana-se quem pensa que esse momento não é cheio de incongruências, percalços e situações constrangedoras. A revelação do diário do antropólogo Bronislaw Malinowski (1997) é um exemplo concreto disso.

Para pensarmos o trabalho antropológico é de fundamental importância refletir sobre relações de alteridade que permeiam esse campo e, sobretudo, na observação participante. De acordo com Ghasarian (2008), para os defensores da observação participante, tal método possibilita ao pesquisador um contato maior com o grupo estudado e, por esse motivo, permite observar o comportamento do outro mais de perto, tornando o antropólogo menos estranho e invasivo ao contexto estudado.

A partir de tal discussão é interessante levarmos em consideração os seguintes questionamentos: será possível transformar algo extremamente subjetivo, como é a experiência vivida, em um texto antropológico objetivo? A experiência retrata fielmente a realidade? De acordo com James Clifford a experiência tem sido utilizada como forma eficaz de autoridade etnográfica, pois são as ações e as interpretações de um único ser que contam. Há, portanto, segundo o autor, um caráter intersubjetivo na experiência etnográfica. O antropólogo ao relatar sua participação junto ao grupo estudado não retrata fielmente os fatos. A narrativa centralizada na experiência do pesquisador deixa de lado as múltiplas visões presentes nas percepções dos demais sujeitos participantes. A partir destes questionamentos

novas formas de antropologia, não mais centradas apenas na experiência e no discurso do antropólogo emergem, onde dois indivíduos ou mais aparecem nos textos etnográficos, e podemos falar assim em dialogia e polifonia.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar os estudos de narrativas e trajetórias, onde as experiências dos sujeitos são narradas, a necessidade do pesquisador falar “com” e não “por” seus interlocutores se torna palpável. É necessário, portanto, que o pesquisador tenha sensibilidade para detectar o que os interlocutores querem dizer. O que Evans Pritchard (1978) chamou de tema socialmente relevante. Como o próprio autor explicou, ele não foi ao Sudão com o objetivo de estudar bruxaria, contudo toda a vida Zande estava atrelada a tal tema. Diante disso, em minhas pesquisas de campo pude ver que um dos temas socialmente relevantes às mulheres que atuam em uma instituição que luta pelos direitos das mulheres prostitutas era a militância. Tal tema fará parte de minha dissertação, pois compreendo que a relação com o bairro da Campina é marcada, também, por tensões e lutas por direitos deste coletivo.

Entretanto, dentre todas essas possibilidades abertas ao fazer etnográfico, a tentativa de distanciamento do objeto para manter uma objetividade científica e dar conta da realidade nativa, parece não fazer mais tanto sentido a este novo cenário da antropologia. De acordo com Norman Denzin (2013), o fazer etnográfico não é inocente, pois segundo este autor o que ensinamos aos leitores parte de nossas visões de mundo, sendo o pedagógico, portanto, político. Assim como Denzin, Bruno Latour (1995) afirma que não existe autonomia na produção científica. Longe de ser algo externo à sociedade, a ciência é em si parte integrante do social, portanto sofre influência direta dos grupos ali inseridos, e é legitimada por estes. Todo o avanço científico advém, de certa forma, de pressões da sociedade que exigem do cientista respostas aos seus problemas.

Sob esse ponto de vista a produção do conhecimento científico não se restringe ao laboratório ou à academia. Existem atores de fora desses locais que auxiliam na construção da ciência. Latour (1995) afirma, ainda, que a relação entre ciência e sociedade não se limita ao campo das Ciências Sociais, essa relação invade todas as disciplinas, inclusive as que reclamam para si o estatuto de ciências exatas. De acordo com esse autor a ciência produz crenças e, como toda crença, ela também apresenta seus mitos, são eles: o primeiro mito consiste em proteger a atividade científica de toda a poluição das ideologias, paixões, dos interesses, das coisas vulgares, e o segundo mito admite que se deva proteger a ciência da sociedade.

Cria-se, assim, um lugar de pensamento dúbio que acaba desqualificando a sociedade de maneira geral, achando que a mesma nada teria a contribuir para o progresso científico, porém não podemos esquecer que as demandas científicas partem da sociedade e a ciência também é fruto da sociedade de maneira geral. Diante dessas perspectivas é importante pensarmos a quem nossas pesquisas são direcionadas e como iremos realizá-las. A antropologia contemporânea passa a refletir sobre o papel do antropólogo no campo e, sobretudo, sua posição nele.

A utilização de narrativas orais que privilegiam a perspectiva do outro, suas interpretações e experiências, proporciona ao saber antropológico compreender as múltiplas formas de interações sociais. É importante ressaltar que, de acordo com Geertz (2011) o antropólogo não retrata fielmente a percepção do outro, o que fazemos é reinterpretar interpretações. Esse “olhar por cima dos ombros” nos revela que não há possibilidade de produzir um estudo sobre tal tema como uma pretensão de neutralidade. No campo em que atuo o contato com mulheres prostitutas requer sensibilidade para perceber certas nuances que extrapolam a observação. A valorização de conversas informais e a participação em eventos são fundamentais para a compreensão de determinadas questões e o fomento de novas problemáticas. Reside aí a importância do trabalho etnográfico denso e é esta perspectiva que guio o presente estudo.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo “Campina, o bairro-prostituta”¹, a partir de reflexões em conjunto com meu orientador Flávio Silveira, parto da perspectiva de que a Campina se configura enquanto um bairro-prostituta. Tal abordagem se propõe a pensar a prostituta enquanto parte integrante do bairro. As putas são parcela riquíssima das histórias e das paisagens daquele local, porque são o bairro. Elas engendram diversas formas de sociabilidades e, conseqüentemente, são vistas nesta pesquisa como sujeitos na dinâmica deste *locus* urbano. Neste capítulo apresento a história do bairro, bem como reflexões acerca dos espaços do bairro e das paisagens ali presentes.

No capítulo 2, intitulado “GEMPAC e a luta nas esquinas” volto meu olhar à militância organizada de mulheres prostitutas. Início minha reflexão contextualizando o movimento que surge a partir do final da década de 80 e segue com a criação de ONGs por todo Brasil, para posteriormente pensar na relação entre esta instituição e o bairro estudado, e para além dele, já que analiso seu caráter cosmopolita. Ainda neste capítulo procuro discutir brevemente questões as quais esta instituição estabelece como táticas organizativas, bem como de empoderamento a partir da identidade puta e, assim, das lutas pelo reconhecimento da

¹ É válido ressaltar que a análise que compreende a Campina enquanto bairro-prostituta foi construída a partir das falas das interlocutoras e faz alusão a relação entre este logradouro com a prática da prostituição.

prostituição enquanto trabalho. No terceiro capítulo volto minhas reflexões às trajetórias de vida de cinco interlocutoras e as suas relações com o bairro da Campina. Compreender as prostitutas de carne e osso, como bem analisa Cláudia Fonseca (1996) é privilegiar suas falas, suas histórias, desatrelando as histórias das putas dos antigos espaços aos quais os estudiosos a limitavam – como os arquivos policiais, hospitais, jornais e abrigos – para apresentar outras dimensões de suas vidas. É necessário analisar a prostituição sem cometer essencializações, problematizando a pluralidade de relações que permeiam tal ofício. Nesse sentido, a autora citada atenta para olharmos muito além da prostituta sofrida, vitimizada, sem rosto, sem nome, história, projetos. É nesta perspectiva que desenvolvo minha análise das trajetórias de prostitutas.

A ESCOLHA DO TEMA

Para além da metodologia e dos objetivos da pesquisa é necessário contextualizar o que me levou a realizar este estudo. Desta forma é válido ressaltar que a antropologia urbana é um campo muito caro a minha formação acadêmica. Ainda durante a graduação, nos anos de 2011 a 2012, tive a oportunidade de trabalhar como bolsista de iniciação científica com o professor Flávio Leonel Abreu da Silveira, meu atual orientador de Mestrado, no projeto denominado “Paisagens culturais, memória coletiva e trajetórias sociais. Estudo antropológico de fronteiras culturais no mundo urbano contemporâneo na cidade de Belém – Pará”. Neste projeto, pesquisei com antigos trabalhadores (sapateiros, costureiras, alfaiates) que desenvolviam suas atividades laborais em edificações antigas, ou em áreas próximas a estas no bairro de Batista Campos, Belém, na tentativa de compreender a percepção destes trabalhadores sobre o bairro e sobre a dinâmica das paisagens citadinas.

Meus estudos, que até então estavam relacionados à religião, tomaram novos rumos. Aos poucos a visão do antropólogo como o pesquisador que busca em outras culturas, suas problemáticas e inquietações (MAGNANI, 2003), deu lugar à percepção da cidade como um campo extraordinariamente amplo e diverso. Nesse período, me deduzi em leituras sobre a Escola de Chicago, entrei em contato com as obras interessantes de Georg Simmel (1983), Howard Becker (2003), Michel De Certeau (1994), Willian Foote-Whyte (2005), dos antropólogos Gilberto Velho (1980, 1994, 1999), Roberto DaMatta (1997), José Cantor Magnani (2003), Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (2009, 2010), Flávio da Silveira (2009), entre outros, que me levaram paulatinamente a perceber que fazer antropologia na Cidade, como bem afirma Velho (1980), é realizar um constante exercício de estranhamento. Exercício que pratico ainda hoje e acredito que farei pelo resto da vida.

Deste projeto também nasceu meu trabalho de conclusão de curso intitulado “Memórias de Artífices: Um estudo sobre o bairro de Batista Campos, Belém, a partir das trajetórias de antigos trabalhadores.” (SOUSA, 2015). Posso dizer que este primeiro contato com a antropologia urbana abriu um novo campo de análise a minha percepção enquanto estudante de Ciências Sociais. Estranhar o familiar (VELHO, 2013) e vislumbrar as “banalidades” cotidianas tão caras ao olhar antropológico permitiram que percebesse o *locus* urbano como um universo rico e complexo (VELHO, 1983, 1994, 2013).

Contudo, além dos estudos sobre Antropologia Urbana, outro campo de reflexão, de alguma forma, sempre esteve presente em meu leque de interesse: os estudos sobre gênero. Apesar de não ter uma disciplina específica a este tema durante a graduação, o que me fez grande falta, pois sempre tive certo interesse pela temática. Dessa forma, ao conversar com uma amiga que estudava as relações entre trabalho e prostituição, tive o primeiro contato com o GEMPAC (Grupo de Mulheres Prostitutas do Pará). Ao descobrir que esta ONG ficava localizada em uma edificação antiga, justamente no centro histórico da cidade, imediatamente me veio a ideia de pesquisar sobre as relações destas mulheres com o bairro e, assim, entender melhor esta questão.

Ao desenvolver meu projeto ficou clara a minha intensão em falar da boemia, contudo, o campo muitas vezes nos revela surpresas, mudando nossos projetos e problemáticas. Ao realizar meus primeiros contatos, impressões e entrevistas, no final do ano de 2013, pude perceber que as mulheres pouco falavam de boemia, elas queriam realmente falar de sua situação enquanto trabalhadoras, dos momentos que viveram – e vivem - na zona, seus projetos e suas trajetórias na militância. Aos poucos percebi que para compreender as relações que estas mulheres mantêm com a Campina teria que ir mais fundo do que apenas me deter no estudo da boemia. Era necessário um estudo sobre as suas memórias que contemplasse as suas trajetórias, percorrendo seus itinerários e, sobretudo, deveria estudar a sua organização enquanto movimento.

Logo compreendi que a cidade desnudada pelo olhar da prostituta apresentava rostos, corpos, classes, etnias e gêneros. A prostituta que percorre suas áreas mais escondidas, que desvenda como ninguém as ruas, os guetos e as áreas nobres é errante por excelência. Aquela que inverte trajetórias, ressignifica os espaços, engendrando novas formas de sociabilidades (SIMMEL, 1968). A cidade, por sua vez, é o *locus* onde estas mulheres descobrem seus corpos, suas sexualidades. É onde elas se constroem enquanto mulheres, militantes, amantes, mães e sujeitos da própria história. É no bairro da Campina que Lourdes, Cinderela, Maria Silva, Dona Emiliana, Dona Maria, Vitória, Selma, entre outras, fazem-se putas (OLIVAR,

2013). Neste “devir puta” (OLIVAR, 2013) se constitui com as experiências dos sujeitos da pesquisa, a prostituição é compreendida para além de apenas desejos sexuais, pois envolve afeto, luta, tensões, poder entre outras relações tecidas por estas mulheres na trama cotidiana.

PRIMEIROS CONTATOS E TRABALHO DE CAMPO

O meu primeiro contato com as prostitutas do GEMPAC aconteceu, ainda, no mês de novembro do ano de 2013 pela parte da tarde. Depois de inúmeras visitas frustradas, finalmente, encontrei a sede provisória do GEMPAC aberta. Nesse período, grupo se reunia na Travessa Campos Salles, esquina com a Rua Carlos Gomes, espaço cedido por um amigo do grupo em função das péssimas condições da edificação onde funciona a ONG. O casarão que abriga o GEMPAC, uma edificação antiga, tombada pelo patrimônio histórico e localizado na Rua Padre Prudêncio, na esquina com a Rua General Gurjão, estava passando por reformas, pois nesse período boa parte de sua estrutura física encontrava-se comprometida devido a um recente desabamento que ocorrera na edificação.

Esse novo espaço onde prostitutas e colaboradores se reuniam ficava, provisoriamente, na parte baixa de uma bela casa antiga, aparentemente conservada. A parte inferior da residência, que acredito ser um antigo porão, contava com pequeno compartimento na frente, onde ficavam amontoados documentos, banners, entre outros pertences do grupo, e um compartimento atrás semicoberto que funcionava como copa. Nesse dia conheci Cinderela, prostituta antiga do bairro, membro do GEMPAC, e sua filha Joyce, naquele momento integrante da coordenação. São pessoas extremamente simpáticas que me receberam muito bem, e se mostraram dispostas a me ajudar em minhas pesquisas. Ainda no mesmo ano, em outra visita, conheci Vitória, outra prostituta associada ao Grupo de Mulheres Prostitutas do Pará. Posterior as visitas realizadas no ano de 2013, retornei em 2014 e 2015 em eventos como “Dia Internacional da mulher livre”, “Putá Dei” e o aniversário de 25 anos da instituição.

O retorno efetivo a campo ocorreu em fevereiro do ano de 2016. Em meio a forte chuva da tarde tão frequente neste período do ano na cidade de Belém, descemos eu e meu companheiro, Diego, a Rua General Gurjão. O aspecto arruinado das edificações apresenta as dinâmicas daquelas paisagens urbanas. Entre a chuva constante da tarde que resguarda moradores em suas casas, quase sempre fechadas, com muitas grades e cadeados, preciso descer ruas e cruzar esquinas para chegar ao meu destino. Com cadeado sempre na porta o

GEMPAC fica trancado, porém sempre disponível a quem quiser entrar, conversar, tomar um café, e seguir junto às mulheres na luta.

Ao chegarmos à sede do GEMPAC fomos recebidos com belos sorrisos por Cinderela, Lourdes Barreto e Maria Silva. Apresentamo-nos e conversamos a respeito do meu interesse em realizar minha pesquisa com as prostitutas da área. Lourdes gostou da ideia e nos convidou a retornar no outro dia para a entrega de camisinhas. Convite aceito ficamos por horas conversando. Ajudamo-las a fechar o GEMPAC e, por volta das dezoito horas, subimos a Rua Carlos Gomes em direção à Avenida Presidente Vargas. Ao subirmos as ruas estreitas, Lourdes e Cinderela, nos contavam sobre a antiga zona do meretrício que funcionava no bairro. Em meio à paisagem ruiforme, Lourdes recordava as antigas casas de prostituição que funcionavam na área. De acordo com ela as donas das pensões, cafetinas, eram chamadas de “madames” e, assim, recordava: “aqui moravam as madames, eu mesma já morei em várias dessas casas.”.

Na quinta-feira retornei sozinha ao GEMPAC e fui instruída por Lourdes que a melhor forma de conhecer as mulheres da área seria entregando preservativos. Poucos minutos após minha chegada, colocamos as caixas de preservativos na mesa e, por volta das dezesseis horas, o movimento começou. Prostitutas das mais variadas idades e procedências, filhos e filhas de prostitutas, moradores, trabalhadores e alguns transeuntes começavam a chegar ao local.

Com sorrisos nos rostos, sempre receptivas e bem-humoradas, elas pegavam seus preservativos, paravam, tomavam um café e conversavam conosco. Lourdes me apresentou a todas. Ao desenvolver de minha estadia em campo Lourdes Barreto e Eunice Cinderela se apresentaram não apenas como importantes personagens da história da prostituição no bairro, mas como interlocutoras indispensáveis a minha inserção no campo. Ali, sou conhecida como uma estagiária que está pesquisando sobre a relação das prostitutas com o bairro, sobre o GEMPAC e o trabalho na prostituição. Além disso, Lourdes e Cinderela pedem a elas que conversem um pouco comigo. Todas concordam e prometem retornar antes ou depois da “batalha”².

O GEMPAC tem um papel importantíssimo em minha pesquisa. É através dos membros do GEMPAC (Lourdes, Cinderela, Leila, Amélia, Jaqueline, Maria Rita, Maria

²Percebo o termo batalha como uma categoria de extrema importância no universo da prostituição. Quando me direciono as prostitutas e pergunto “o que significa batalhar?” elas respondem que o termo se refere ao ato de se prostituir. De acordo com Lourdes “batalhar é trabalhar”, especificamente trabalhar na prostituição. A batalha envolve um conjunto de performances, sociabilidades e engendra relações como o próprio espaço. A batalha inclui o ato de produzir performances corporais para atrair clientes, criação de vínculos afetivos com pessoas e de pertencimento a determinados lugares. Batalhar, enfim, é uma *tática*.

Silva, Vitória e Maria Elias)³, que me sinto acolhida durante minhas visitas a campo. São estas pessoas, sobretudo, Lourdes e Cinderela, que facilitam minha aproximação com as prostitutas da área e me ajudam a traçar itinerários sobre o mundo da prostituição. É através delas que consigo adentrar espaços de batalha, são elas que me guiam nas reflexões que busco estabelecer. São minhas parceiras de caminhadas, que me auxiliam e corrigem nas horas apropriadas, enfim, são essas mulheres que me ensinam e apoiam na pesquisa.

Por entre as esquinas, boates e pensões, emergem histórias que povoam às memórias (HALBWACHS, 2006) destas mulheres, narrativas que permitem refletir sobre diferentes interpretações sobre a cidade e, por isso, sobre outras formas de sociabilidades, portanto, de experienciá-la e de envelhecer na urbe. Tais narrativas possibilitam pensar sobre como estas mulheres ocupam os espaços da cidade, como se organizam e os transformam ao longo do tempo, onde executam seu trabalho. A Campina percorrida por mulheres prostitutas se apresenta enquanto “fêmea”⁴. Este corpo “fêmea” da cidade é marcado por cicatrizes de um passado reconstruído na memória destas mulheres. É nas esquinas do bairro que elas constroem suas vidas, descobrem o corpo e a sexualidade, amam, choram, enfim, lutam.

³Nem todos os membros do GEMPAC são prostitutas. Amélia é Policial Militar aposentada e está atrelada ao movimento HIV/AIDS, Jaqueline é militante do PSOL e Leila Barreto trabalha na Universidade Federal do Pará.

⁴A Campina fêmea faz referência à fala de Lourdes Barreto. Esta questão será melhor discutida no tópico 1.2 desta dissertação.

APRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS

Box 1: Lourdes Barreto



Fotografia1 - Lourdes Barreto. Fonte: www.facebook.com. 2016.

Lourdes Barreto, 74 anos, é uma figura importante no cenário nacional e internacional na luta a favor dos direitos das trabalhadoras sexuais. Ela é reconhecida, hoje, como uma das principais militantes brasileiras do movimento de prostitutas. Sócia fundadora da Rede Brasileira de Prostitutas e do GEMPAC (Grupo de Mulheres Prostitutas do Pará), instituição ao qual se mantém como Coordenadora Geral. Lourdes chegou a este bairro em 1956, quando viveu em diversas casas da zona do meretrício. Lutou contra o fechamento da zona na década de 70 e permanece até os dias atuais como ativa representante do Movimento Puta.

Box 2: Cinderela

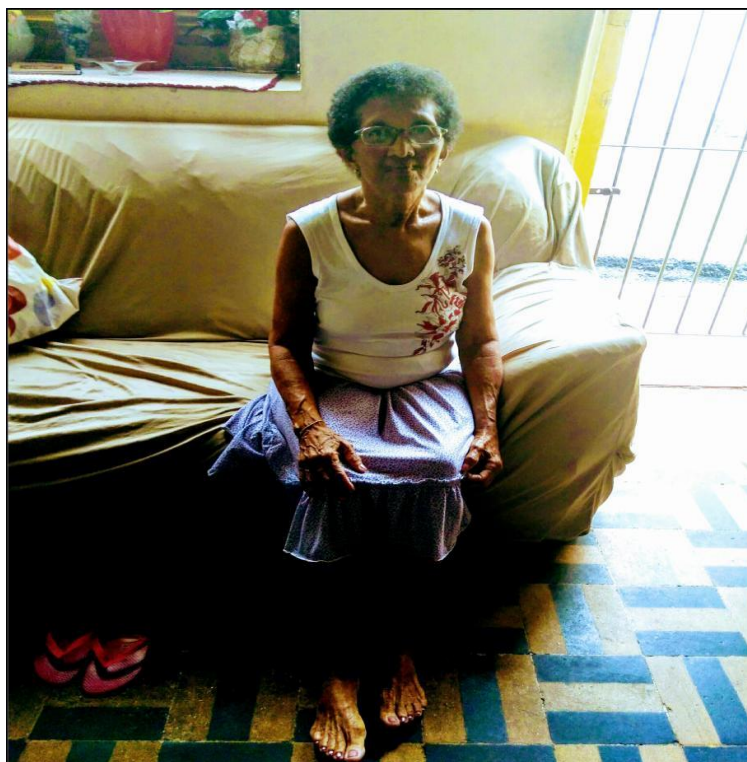
Fotografia 2 - Eunice Cinderela, casa da Mara. Foto Silvia Lilia. 2016.

Eunice, 57 anos, mais conhecida como Cinderela. É prostituta do bairro da Campina e faz parte do colegiado da instituição. Cinderela se considera educadora sexual, pois realiza diversos trabalhos voltados a prevenção de DSTs como entrega de preservativos, ilustrações de uso, tudo isso aliado a conversas sobre tratamento e exames de doenças sexualmente transmissíveis. Amante de música e dança extremamente vaidosa, Cinderela gosta de permanecer sempre arrumada e cheirosa, além de ser uma puta neopentecostal e incansável pregadora.

Box 3: Dona Emiliana

Fotografia3 – Dona Emiliana. Foto: Silvia Lilia. 2016.

Natural do município de Chaves, Ilha do Marajó, dona Emiliana tem três filhos. É uma das prostitutas que batalha há mais tempo no bairro da Campina (pelas minhas contas esta senhora trabalha na área há mais de 40 anos). A senhora já realizou trabalhos no GEMPAC, contudo não é uma prostituta militante. Aos 72 anos, dona Emiliana, ou Emília, como alguns preferem chamá-la, permanece na batalha e, segundo a senhora, é dessa forma que complementa sua renda familiar.

Box 4: Dona Maria

Fotografia 4 – Dona Maria em sua casa na Rua Riachuelo. Foto Silvia Lilia. 2016.

Maria Ferreira (76 anos), conhecida como Dona Maria, é moradora do bairro da Campina. Ela teve quatro filhos e fala com muito orgulho da família que construiu. É uma antiga prostituta da área que viveu o período áureo da famosa zona do Meretrício. Hoje, a senhora mora com o marido e o filho em uma edificação antiga na Rua Riachuelo.

Box 5: Selma Lúcia

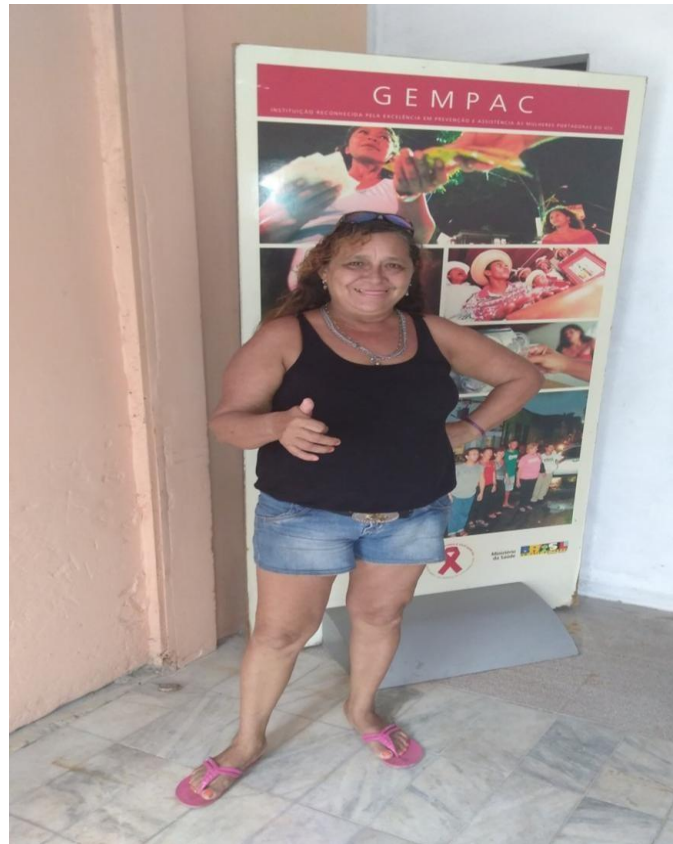
Fotografia 5 - Selma Lúcia no quarto onde trabalha na Rua General Gurjão. Foto: Silvia Lilia. 2016.

Selma Lúcia Oliveira 55 anos. Prostituta do bairro da Campina há 37 anos. É natural da cidade de Belém do Pará. Selma prefere ser chamada de “coroa de programa” (já que não é mais uma garota). Carismática e atenciosa, Selma apresenta a prostituição como uma forma de ganhar dinheiro e se livrar da solidão.

Box 6: Maria Silvia

Fotografia 6 – Maria Silvia. Rua General Gurjão ao lado do GEMPAC. Foto: Silvia Lilia. 2016.

Maria Silva, 50 anos, é uma puta militante que integra o colegiado do GEMPAC. É natural do município de Tomé-Açu. Mãe de três filhos, avó dedicada. Ao longo da pesquisa era fácil ver Maria com um dos netos na instituição. Mulher intensa e de personalidade forte, por isso mesmo não tem problema algum em levantar considerações e expor a opinião sobre determinados temas.

Box 7: Vitória Margalho

Fotografia 7 – Vitória Margalho no GEMPAC. Foto Silvia Lilia. 2016.

Vitória Margalho, 53 anos, prostituta integrante do GEMPAC. Vitória trabalha no bairro da Campina como prostituta há mais de 30 anos. Sua área de “batalha” abrange o complexo do Ver-o-Peso, onde a interlocutora também trabalha como vendedora de canecas. Descontraída e animada, Vitória sempre relata o gosto pelo teatro, bem como o sonho de gravar um CD com suas composições.

I CAPÍTULO - CAMPINA, O BAIRRO-PROSTITUTA

A puta

*Quero conhecer a puta.
A puta da cidade. A única.
A fornecedora.
Na rua de Baixo
Onde é proibido passar.
Onde o ar é vidro ardendo
E labaredas torram a língua
De quem disser: Eu quero
A puta
Quero a puta quero a puta.*

*Ela arreganha dentes largos
De longe. Na mata do cabelo
Se abre toda, chupante
Boca de mina amanteigada
Quente. A puta quente.*

*É preciso crescer esta noite inteira sem parar
De crescer e querer
A puta que não sabe
O gosto do desejo do menino
O gosto menino
Que nem o menino
Sabe, e quer saber, querendo a puta.*

(Carlos Drummond De Andrade)

1.1-HISTÓRIA E MEMÓRIAS

Nascida às margens da Baía do Guajará a Campina é o segundo bairro mais antigo da Cidade de Belém do Pará. Rodeada por cores e cheiros que permeiam o mercado do Ver-o-Peso, a Campina segue múltipla, extensa e frenética, figurando como o coração do comércio belenense. O pequeno caminho aberto com algumas poucas ruelas de chão batido onde até o século XVIII só mantinha vizinhança com o bairro da Cidade – conhecido hoje como Cidade Velha – se impõe pela beleza de suas edificações e pela presença do comércio que segue as estreitas ladeiras de suas ruas e travessas.

Em meio à beleza presente entre um complexo de paisagens⁵, ao deambularmos em um passeio atento por seu emaranhado de ruas, avenidas e travessas é possível também identificar as múltiplas contradições sociais que premeiam a realidade do bairro⁶. Pode-se dizer que o corpo da Campina é dotado de inúmeras paisagens que se entrecruzam, tensionam e harmonizam aos espaços da cidade. Portanto, o casarão revitalizado, bem como a Estação das Docas⁷, o morador de rua, a puta, o vendedor ambulante, a edificação arruinada, formam juntos um conjunto de paisagens (SILVEIRA, 2009) multifacetadas que pulsam na urbe. Todos eles juntos, formam o que compreendo como bairro da Campina, e é neste cenário heterogêneo e complexo, que o presente estudo se desenvolve.

De acordo com o historiador Ernesto Cruz (1992), a abertura de suas primeiras ruas datam o século XVI. Nesse período o núcleo urbano da, até então colônia, crescia a partir do forte do Presépio e, até o século XVIII, suas ruas eram divididas em apenas dois bairros: o bairro da Cidade - hoje Cidade Velha - e o bairro da Campina. Ainda no século XVIII as ruas eram irregulares com áreas pantanosas e alagadas, as chuvas constantes e a grande quantidade de rios e pontos alagadiços faziam da construção do núcleo urbano uma luta árdua contra as águas (DE ALMEIDA, 2011). Segundo Carmem de Almeida (2011), a ideia de expansão da cidade fundamentada no dessecamento de áreas alagadas, como o alagado do Piri, foi vitoriosa durante todo o século XIX. Ainda de acordo com a autora [...] “os planos de expansão fundaram-se por sua vez em convicções não raramente constituídas em cidades da Europa, avaliadas como exemplos a serem observados” (DE ALMEIDA, 2012. p.2).

A ideia de uma cidade aos moldes europeus ganhou destaque, sobretudo durante o século XIX, com a expansão da indústria gomífera no cenário mundial. Como Belém e Manaus eram as duas principais exportadoras do produto, logo os setores ligados ao cultivo e à exportação de látex viveram a opulência de um período que foi conhecido como a *Belle Époque*. Foram construídos inúmeros casarões, estabelecimentos comerciais (Café Chique),

hotéis (Grande Hotel), teatros (Teatro da Paz), Mercado de Ferro do Ver-o-Peso e, ainda, a pavimentação de ruas com a implantação do bonde, entre outras melhorias que ficaram restritas às áreas centrais da cidade, como o Bairro da Campina, deixando de lado a maior parte da população, que continuou vivendo amontoadas em barracos, em sua grande maioria insalubres. De acordo com a historiadora Maria de Nazaré Sarges

O mais importante a ser mostrado sobre a vida na metrópole da Amazônia no *fin-de-siècle* é sua realidade concreta, em que as contradições sociais inerentes ao sistema capitalista afloravam muito mais, visto que o desenvolvimento econômico do capitalismo trazia em seu bojo o paradoxo do progresso, da modernidade, na qual convivem miséria, a prostituição e toda uma gama de enormes desgraças sociais como o fausto e o luxo que consumia fundamentalmente o importado (SARGES, 2010, p. 157).

A prostituição vista, então, como “desgraça social” era uma perspectiva compartilhada entre muitos intelectuais, médicos e autoridades da época, sobretudo quando se relacionava ao baixo meretrício. O bairro da Campina, permeado pelo gozo da *Belle Époque* paraense, onde *cocotes*, como eram conhecidas as prostitutas de luxo, desfilavam com seus belos vestidos feitos com os mais finos tecidos (HENRIQUE & AMADOR, 2014), também abrigava a pobreza dos cortiços e do baixo meretrício. Com o crescimento do bairro, a Campina passou a concentrar boa parte do comércio local, levando alguns muitos moradores a migrarem para áreas mais periféricas (SARGES, 2010). No centro deste bairro funcionavam diversos estabelecimentos, incluindo os destinados aos prazeres sexuais. Segundo José Ronaldo Trindade, em sua dissertação intitulada “Errantes da Campina” (TRINDADE, 1999), entre o final do século XIX e início do século XX este bairro já era conhecido por sua boemia, e funcionava como principal ponto de prostituição da cidade.

Ao final do século XIX o bairro concentrava inúmeros cortiços e botecos, alvos de constantes críticas de autoridades médicas e intelectuais, devido tanto ao aspecto considerado insalubre destas edificações quanto à presença do ébrio e da meretriz, dois personagens altamente estigmatizados. O ideal presente no século XIX segundo Foucault (2011) estava diretamente ligado ao controle dos corpos. O biopoder exigia corpos limpos, sadios e uma sexualidade vigiada. O discurso médico neste período estava perpassado pela higienização dos corpos, por esse motivo, cortiços, bem como hábitos considerados pouco saudáveis eram tão combatidos.

⁵ A partir da perspectiva de Flávio Silveira compreendo paisagem como um conceito polissêmico, imerso a múltiplos sentidos e interpretações.

⁶ *Locus* onde a pobreza ainda coexiste com o hotel de luxo, pontos turísticos e residências tradicionais. De acordo com Lourdes Barreto, o bairro da Campina é ausente de políticas públicas.

⁷ Complexo Turístico inaugurado no ano de 2000, onde funcionava o antigo porto fluvial da cidade de

Tais concepções também circulavam por Belém e afligiam as autoridades locais. Segundo Trindade (1999), Henrique e Amador (2014), nos jornais da época que circulavam em Belém era possível visualizar uma clara associação do morador do cortiço à imoralidade, sujeira e ociosidade. De fato, a presença de cortiços na área central de Belém, habitados por pessoas pobres, refletia a imagem de um paradoxo marcado pela visível desigualdade social que assolava as terras belenenses. Dessa forma era preciso retirar os “micróbios dos cortiços”⁸ para higienizar o centro. Segundo Ronaldo Trindade (1999): “Seriam, assim, portanto, os cortiços inimigos do progresso, já que ‘enfejavam’ a cidade, abrigavam a ‘classe ruim’, transmitiam doenças e corrompiam as pessoas física e moralmente, pois a imoralidade grassava nessas moradias como fome em tempos de guerra” (TRINDADE, 1999. p. 82).

Como bem esclarece o autor o impasse ao progresso belenense estava intrinsecamente ligado à pobreza. Certamente, por entre as esquinas da Campina também desfilavam figuras ilustres e prostitutas de luxo. Contudo, “os micróbios” que insistiam em permanecer no centro de Belém pertenciam às classes menos abastadas. Ainda de acordo com este historiador: [...] “foram os pobres, e apenas eles, as vítimas da perseguição sem trégua, os alvos da reeducação dos costumes, a quemurgia moralizar e disciplinar. Eram eles, como queriam os letrados do período, o entrave ao progresso e à civilização” (TRINDADE, 1999. p. 117).

Conforme a historiadora Margareth Rago, em sua obra “Prazeres da Noite” (1991), desde o século XIX o interesse pela prostituição esteve ligado à preocupação com a moralidade pública, instigando juízes, médicos, criminologistas, literatos e jornalistas a intensificarem os debates a respeito do tema, e a promoverem o estabelecimento de códigos de conduta específicos para mulheres, num período de expansão urbano-industrial. (RAGO, 1991).

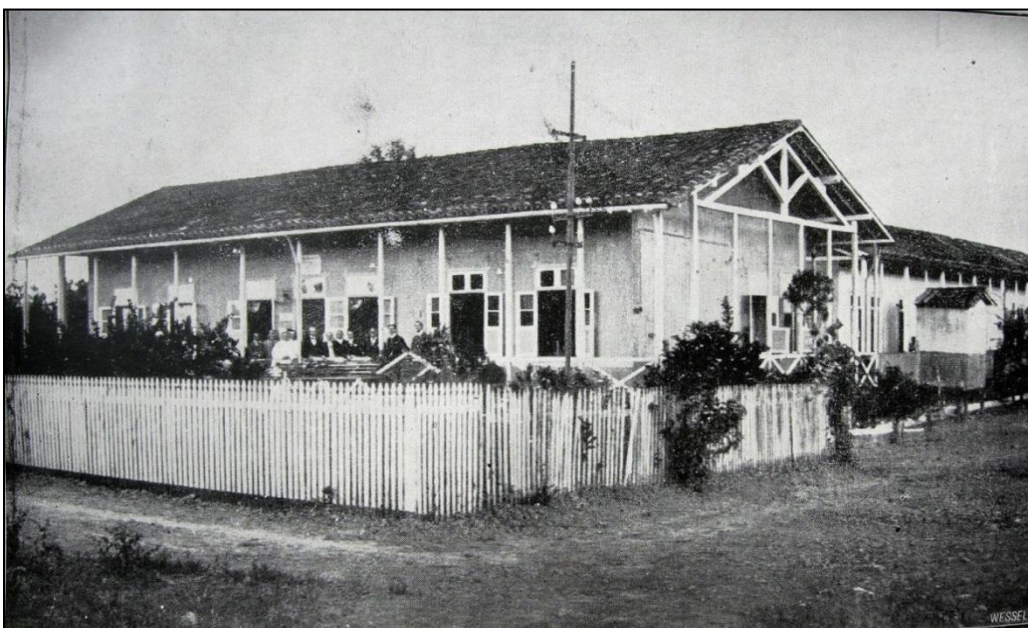
Diante disso, segundo esta autora, o enquadramento do conceito de “rainha do lar” em oposição à “mulher da vida” foi um importante instrumento para o controle do comportamento feminino, estigmatizando, assim, àquelas mulheres que fugiam às práticas morais impostas pela sociedade da época como desviantes (BECKER, 2008).

Na segunda década do século XX a Campina ainda era alvo da preocupação das autoridades. Neste período o contágio da sífilis era o grande mal que assolava o meretrício. De acordo com os historiadores Henrique e Amador (2014), a partir de fins da primeira década desse século, “médicos e intelectuais paraenses começaram a demonstrar preocupação com o suposto aumento crescente do número de prostitutas em Belém.” (HENRIQUE & AMADOR, 2014. p. 3).

Em 1921 foi delimitada uma área destinada e controlada pelo Estado onde funcionaria a famosa Zona do Meretrício, que contava com inúmeros estabelecimentos destinados ao prazer. A criação de um lugar específico aos deleites sexuais passava por medidas de controle em relação à própria atividade da prostituição. Ao delinear espaços específicos a tal atividade, o poder público poderia controlar com maior eficiência estes espaços e sujeitos. Com isso, prostitutas eram cadastradas e passavam por constantes exames médicos, na tentativa de evitar ou tratar as temidas “doenças venéreas”.



Fotografia8 - Asilo das Madalenas. Fonte: www.ebah.com.br. Acesso em 2016.



Fotografia9 - Hospital São Sebastião. Fonte: fauufpa.org. 2016.

⁸Ibidem, 1999, p. 82.

Conforme Henrique e Amador (2014) a zona do meretrício abarcava um conjunto de ruas centrais do bairro. Eram elas: General Gurjão, Primeiro de Março, Padre Prudêncio, Riachuelo, Carlos Gomes, Bailique, Lauro Sodré (Atual O de Almeida), Avenida Quinze de Agosto (atual Presidente Vargas).



Figura 01 – Croqui da localização da zona do meretrício. Fonte: www.belemantiga.blogspot.com.br. Acessado em 2016

Devido às proximidades com a região portuária, a zona atraía inúmeros trabalhadores dos portos. Por ali circulavam marinheiros, estivadores, gente de toda parte do Brasil e do mundo a procura de diversão. Pensar os portos enquanto espaços de trocas não apenas de mercadorias, mas culturais, permite compreendê-los enquanto espaços cosmopolitas (FARIAS, 2011). Contudo, o cosmopolitismo não estava restrito apenas aos portos da cidade. A própria zona do meretrício pode ser entendida enquanto um *locus* cosmopolita. Por ali circulavam pessoas das mais variadas nacionalidades e classes, compartilhando não apenas desejos, como também, trocas culturais. Das salas refinadas até as pequenas casas de prostituição, diversos mundos se encontravam no bairro.

Por suas esquinas e ruas estreitas cruzavam-se – e ainda hoje ali se encontram – múltiplas realidades (VELHO, 1994). Rodeada pelas mais belas *cocotes*, senhores e senhoras da alta sociedade que costumavam frequentar o Grande Hotel, ou tomar o chá da tarde na Fábrica das Palmeiras, sabe-se que este bairro não só era habitado por pessoas ilustres, como também acolhia sujeitos considerados marginais. Pelas ruas Riachuelo, Padre Prudêncio, Primeiro de Março, Bar do Parque, circulavam ébrios, prostitutas, cafetinas, marinheiros,

boêmios, poetas, entre outros personagens que compunham as tramas cotidianas deste bairro e desfrutavam, assim, os prazeres da Campina.

Além da zona, este bairro era o grande centro cultural de Belém, famoso pela presença de estabelecimentos como o Bar do Parque, bem como pelo carnaval através de sedes como Boêmios da Campina, dentre os inúmeros bares e botecos que compunham o seu cenário - e muitos deles ainda hoje o compõem -, a vida noturna da cidade. De acordo com Farias:

Sem dúvida, a região do centro histórico de Belém é de grande importância cultural para a cidade, inclusive tornando-se por um tempo, um verdadeiro reduto de artistas e intelectuais, tais como o poeta Ruy Barata, cuja vida boêmia dos tradicionais encontros no Bar do Parque, tornaram-se um símbolo da vida cultural daquele espaço (FARIAS, 2011, p. 230).

O bairro boêmio é lembrado com saudosismo por Lourdes Barreto, antiga prostituta do bairro. A partir da narrativa de Lourdes emergem lembranças de um período em que neste bairro funcionava o chamado “quadrilátero do amor”, nostalgicamente lembrado por ela como um tempo em que a Campina “cheirava a Laquê”. Sobre a boemia, Lourdes relembra o carnaval da Escola de Samba Boêmios da Campina, escola que mantinha uma íntima ligação com as prostitutas e que, além de participarem dos eventos em seus desfiles e bailes, também ajudavam a mantê-la viva pelas esquinas do bairro. Segundo ela: “As trabalhadoras do sexo ajudavam a botar o Boêmios da Campina, que era uma das maiores escolas de samba da época. O Boêmios da Campina estava no coração das trabalhadoras sexuais porque elas contribuía, leiloavam joias para ajudar a colocar a Escola na avenida”.



Fotografia10 - Boêmios da Campina. Fonte: www.facebook.com. Acesso em 2016.

Assim como Lourdes, Cinderela relembra os tempos em que desfilava nesta escola. “Eu adorava dançar, saía no Boêmios e no Xavante. Me chamavam de Corrupto, porque eu dançava muito.” As batalhas de confetes que ocorriam na Avenida 15 de Agosto, atual Avenida Presidente Vargas, são narradas por Lourdes, num tempo em que o bairro era o centro da boemia da cidade. Segundo Lourdes: “Esse bairro aqui era a alegria da sociedade, a alegria, do amor, do prazer”. Para ela o Bar do Parque era um espaço de sociabilidade entre os boêmios da época [...]“bar do Parque também era muito importante, ali tinha do marginal ao grande intelectual. Ainda tem isso, mas não é mais como era antes”. Dona Maria também relembra a folia de carnaval que embalava o cotidiano do bairro:

Eu fui de baiana para o carnaval aqui na “Peixotão”, a Peixoto né?! Que era uma sede. Aí eu ia com aquela saia, aquelas coisas na cabeça, a gente ia “praquele” outro bar com a Lourdes, aí ia um monte de mulher, mas só aquelas “mulher” bem vestida. A gente dançava até às quatro horas da madrugada, mas era muito bom! Os sambistas... tinha um sambista que veio do “Rio de Janeiro”, era o Cobra, que chamavam...era bom de pé. Depois quando terminava essa festa a gente ia por aí, e era gente, gente, gente na rua (DONA MARIA, 2016).

De acordo com o historiador José Espírito Santo Júnior (2013), nos anos 60 o bairro da Campina era caracterizado pela presença de cabarés e gafieiras. Embaladas ao som de bregas

antigos e músicas caribenhas, que circulavam através dos portos da cidade. Essas festas eram frequentadas por boêmios das mais variadas procedências, sendo realizadas em espaços como os da zona do meretrício, das Ruas Primeiro de Março e Riachuelo, Bar do Parque, Praça dos Estivadores, entre outros. Nesse sentido, estas áreas do bairro Campina podem ser compreendidas, a partir do conceito “região moral” de Robert Park. De acordo com Park:

Cada vizinhança, sob influências que tendem a distribuir e segregar as populações cidadinas pode assumir o caráter de uma “região moral”. Assim são, por exemplo, as zonas de vício encontradas na maioria das cidades. Uma região moral não é necessariamente um local de domicílio. Pode ser apenas um ponto de encontro, um local de reunião (PARK,1987,p.54).

Vista enquanto “região moral” a zona do meretrício era aquele espaço onde boêmios, prostitutas, cafetões, prostitutos, “viados” e gigolôs se encontravam em busca de trabalho, dinheiro e diversão. Ainda, segundo Robert Park (1987), tais regiões morais surgem devido às restrições que a vida urbana impõe aos indivíduos e, em parte, à permissibilidade que essas mesmas condições oferecem.

Estas áreas de encontros estavam presentes para além do bairro da Campina, especialmente nos bairros Condor, Jurunas, Guamá, Cremação e Pedreira, que compunham pontos de diversão. Tais logradouros e seus espaços eram constantemente denunciados por moradores destas áreas como áreas de vício. A maioria dessas denúncias circulava através dos jornais da época (ESPIRITO SANTO DIAS, 2013). De acordo com Espírito Santo Júnior, as batidas policiais eram frequentes nesses locais, sob afirmações de que incomodavam as famílias devido às constantes bebedeiras e arruaças que ocorriam naqueles lugares frequentados pela gente marginal.

Nesta perspectiva é possível partirmos da teoria do sociólogo Georg Simmel para pensarmos tais lugares enquanto espaços de sociação e de sociabilidades, onde diversos indivíduos interagem motivados por interesses comuns (SIMMEL, 1983), não raro, por livre e espontânea vontade. Para este autor estudar os processos de interação é de extrema importância já que Simmel compreende a sociedade não como uma somatória de indivíduos, mas como um conjunto de indivíduos que interagem entre si motivados por diversos tipos de interesses, por isso, para o autor, a sociedade está em constante devir e produção de formismos de distintas ordens.

Em meio ao regime militar e frente a um código de conduta moral regido com base em medidas repressivas, nos anos 70 o declínio e o fechamento da zona pareciam inevitáveis. De acordo com José Júnior (2013), no dia 31 de março de 1970, parlamentares se reuniram para

discutir o futuro da zona. A câmara parecia não ter uma posição unânime que decidisse pelo fechamento. O discurso do até então vereador do MDB (Movimento Democrático Brasileiro), Jader Barbalho, apesar de contrário às ações violentas da polícia, e a conseqüente extinção da zona, ainda admitia a prostituição como um “problema social” que precisava ser solucionado a partir de cuidados como “infância desamparada”. De acordo com o historiador:

A posição do parlamentar em defesa das meretrizes dizia respeito, portanto, mais à forma de execução da operação, não era exatamente um clamor de inspiração solidária às mulheres que viviam naquela região. Constata-se tal assertiva, quando se localiza na fala do Vereador elogios às ações do governo, reconhecendo que o “governo tinha tentado encontrar uma fórmula para solucionar o problema”, tecendo inclusive elogios às entidades beneficentes “Câmara Júnior” e “Rotary Club” que ficaram responsáveis pelo processo de acolhimento e assistências das meretrizes após o fechamento da zona (ESPÍRITO SANTO, 2013, p. 96).

Segundo Espírito Santo Júnior (2013) e Luiz Saraiva (2013; 2009) o fechamento da zona não estava atrelado apenas a um código de moral, e de bons costumes regido pela repressão durante o governo militar, mas também a todo um processo de especulação imobiliária que pretendia investir na verticalização do bairro. Para isso, era necessário “limpar” o bairro de todos os sujeitos considerados “marginais” ou “desviantes”, assim como acabar com os espaços onde estes sujeitos se abrigavam.

No governo do Alacid Nunes a zona perderia seu brilho. Diante de diversos mandados de retirada, no dia primeiro de abril de 1970 a zona do meretrício foi fechada. Tal processo de moralização e higienização do bairro instaurado pelo governo militar fez a Campina aos poucos reduzir o número de estabelecimentos destinados à prostituição. Nesse período muitas casas de prostituição foram fechadas, prostitutas foram perseguidas e impedidas de sair, muitas foram deportadas. A zona entendida por uma visão moralizante, enquanto um espaço sem ordem, imoral, deveria ser exterminado do centro da cidade. Sobre esse período, Lourdes afirma que [...]“a zona foi fechada na década de 70, quem estava dentro não saía e quem estava fora não entrava⁹. Muitas mulheres foram deportadas¹⁰. Eu não fiquei presa por que sabia que ia fechar. Então, aluguei uma casa aqui por perto”.

Em seu artigo “As dinâmicas das paisagens em Belém (PA): memórias, ruínas e imaginário do mundo urbano”, Flávio Silveira (2016) analisa a partir das memórias de alguns sujeitos citadinos as suas percepções acerca das dinâmicas das paisagens presentes nos bairros de Belém. Dentre os bairros privilegiados pela pesquisa é interessante analisar os relatos de

⁹ As mulheres foram presas e não poderiam circular pela cidade.

¹⁰ Muitas mulheres foram remanejadas para áreas distantes do centro, como o bairro da Cidade Nova, em Ananindeua.

antigos moradores sobre o bairro da Campina. Na fala de um morador deste bairro, seu Joaquim, o senhor rememora a importância da zona do meretrício, e menciona a presença das prostitutas a quem sua mãe destinava as tarefas de lavadeira. Sobre a zona trago um trecho da narrativa em que o senhor conta com pesar a história da interdição. A partir da fala do idoso, Silveira (2016) comenta:

Disse que quando Alacid Nunes (que considerou governador da ditadura) teve a insensatez de acabar com a zona do meretrício porque comprara um apartamento próximo ao local e não queria a prostituição perto de sua morada, além de iniciar o declínio de parte importante da vida boêmia do bairro, toda parte lúdica; preventiva; saneadora, que era o meretrício sucumbiu às normas de (des)controle impostas ao local pelo político, diante do seu exercício de poder e desinteresse pelos laços éticos-morais e estéticos que existiam no local (SILVEIRA, 2016, p. 107).

Em relação ao fechamento da zona muitas versões são narradas sobre as motivações que levaram Alacid Nunes a cometer tal medida. De acordo com Seu Tadeu¹¹, Alacid Nunes fechou a zona porque não gostava de ver as prostitutas na frente dos cabarés. Valéria, 29 anos, filha de Dona Frances, moradora antiga da área, narra outra versão da história, segundo a moça o povo costuma comentar: “eu ouvi falar que uma prostituta mostrou as partes para Alacid Nunes e ele não gostou e mandou fechar”. Como já foi mencionado, além da perspectiva moral, existem outros fatores, como interesses imobiliários que influenciaram tal medida, entretanto é interessante atentar para as múltiplas versões dadas a este acontecimento. É válido destacar que esse processo não se desencadeou de forma passiva, pois de acordo com Lourdes Barreto as prostitutas juntamente com a Pastoral da Mulher Marginalizada, entidade atrelada à Igreja Católica e outras pessoas sensibilizadas à causa, lutaram para que as mulheres presas fossem libertas. Lourdes destaca a participação da Pastoral da Mulher Marginalizada como elemento importante naquele momento para organização das prostitutas, entretanto, a instituição mantinha um papel tutelar que, de certa forma, impedia as prostitutas de se assumirem enquanto “putas”. O grande objetivo desta entidade era retirar as “pobres meretrizes” da vida cruel e mundana, que permeava a prostituição. Nesse período, de acordo com Lourdes, a zona contava com 180 estabelecimentos onde cerca de 2.800 mulheres “batalhavam” diariamente.

Um ano após o fechamento da zona, Lourdes entrou com um pedido segurança pública para a sua reabertura, contudo, os locais de prostituição não voltaram a funcionar da mesma forma. O ambiente deveria ser o mais discreto possível e a música não poderia estar em volume alto. Foram proibidas as vendas de bebidas alcóolicas e as prostitutas eram

¹¹ Sapateiro que trabalha na zona desde a década de 60.

frequentemente violentadas pela polícia. Lourdes conta que prostitutas não podiam sair às ruas em determinados horários, pois poderiam ser presas. Ela mesma foi presa ao se dirigir a sua casa para amamentar a filha, Leila. Sobre isso Lourdes afirma o seguinte: “Eu fui atravessar a rua para amamentar a Leila. Meus seios estavam cheios de leite. Aí fui presa. Chegando na delegacia eu contei para o delegado e ele disse: Vai embora, vagabunda!”.

De acordo com esta interlocutora a ditadura militar foi um momento muito difícil, marcado pela repressão e violência irradiada de forma implacável, sobretudo contra grupos considerados “marginais”, perigosos à ordem e à moral impostas naquele momento. Com a reabertura da zona a prostituição se expandiu para outras áreas além do quadrilátero, passando a adentrar cada vez mais os espaços das ruas e, portanto, das esquinas.

Sobre esse momento de reabertura da zona, Eunice Cinderela conta um pouco acerca de como funcionava a prostituição na área. Segundo a interlocutora, mesmo com todos os problemas da reabertura, ainda funcionavam no bairro diversos estabelecimentos destinados à prostituição. Cinderela fala do bar Cascatinha, do Sambar, Casa Verde, entre outros estabelecimentos que compunham o cenário da prostituição na área. A prostituta também relembra a prática de prostituição de rua, chamada “pistão”. “Ah, eu no pistão ficava com vestido rodado, passava um carro eu chamava”. Cinderela relembra que neste período diversos sujeitos faziam parte da prostituição na área. Dentre estes personagens a interlocutora cita a presença dos “prostitutos”, “michês” e dos “viados”, pois [...] “aqui ficava tudo misturado, eram os viados, as prostitutas e os prostitutos, também. Os viados ficavam na Praça da República, nós ficávamos pro outro paredão e os prostitutos do outro lado”.

Ao adentrar nas narrativas de Lourdes e de Cinderela percebo o quanto a prostituição é algo presente no bairro. A Campina boêmia, evocada e lembrada com saudosismo pelas interlocutoras em suas narrativas se reconfigurou, engendrando novas dinâmicas à prostituição. A Campina de hoje aparece na fala destas mulheres com um espaço que paulatinamente perdeu o brilho emanado pelas constantes festas e inúmeras casas de espaços de prostituição, que outrora embalavam o cotidiano do bairro. Contudo, percebe-se que este local ainda guarda espaços e festas destinados à prostituição. Ao transitar pela Rua Gaspar Viana pude perceber como este local movimentava inúmeros trabalhadores, transeuntes, putas, vendedores ambulantes, que durante a noite mobilizavam espaços destinados à tal atividade. Nesta rua são localizados diversos bares, boates, casas de prostituição que apresentam um movimento frenético. Pode-se dizer que a putaria² se reconfigura neste bairro, mas não morre. Ela se modifica, dinamiza, apresenta permanências com a presença dos puteiros, mas se

² Categoria êmica ressignificada de forma positiva por minhas interlocutoras para se referir a prática da prostituição e boêmia.

moderniza, agrega elementos da atualidade com a abertura de novas boates, com jogos de luzes e aparelhagens.

A cidade, portanto, nos revela imagens, paisagens que “povoam nossa memória” (ROCHA, ECKERT, 2010), lugares que nos fazem lembrar pessoas ou momentos importantes em nossas vidas. Momentos aqui (re)interpretados a partir das experiências no campo e das narrativas coletadas. De acordo com Rocha e Eckert (2010): “A descrição da cidade que somos nós e que está em nós, é uma narrativa que se transforma no jogo da memória de seus habitantes tanto quanto do etnógrafo que reinterpreta as interpretações dos habitantes que pesquisa em suas trajetórias.” (ROCHA, ECKERT, 2010. p. 122). Neste sentido, as memórias sobre as experiências na urbe passam a ser elementos fundamentais na construção das narrativas. E é a partir delas, que o bairro da Campina vai sendo ressignificado pelos sujeitos citadinos.

1.2 - A ZONA E SUA DINÂMICA

Compreendo a zona do meretrício da Campina como um lugar carregado de memórias, entrelaçado por afetos, tensões, religiosidades e redes de sociabilidades que configuram uma forma própria de habitar a cidade. A partir das narrativas dos interlocutores, a zona é ressignificada, (re)interpretada, num fluxo constante do ir e vir entre passado e presente onde os sujeitos dão sentido ao lugar. De acordo com Yi-Fu Tuan (1983), o lugar é qualquer localidade que tem significado para algum indivíduo. É onde os sujeitos se estabelecem e criam laços. Neste sentido, percebo a zona da Campina não apenas como o lugar das putas, como também o lugar do boêmio, da cafetina, de moradores entre outras categorias de trabalhadores que ali se estabelecem. Configura-se enquanto uma paisagem do bairro carregada de significados para os sujeitos desta pesquisa (SILVEIRA, 2009).

A zona também pode ser entendida a partir do conceito de região moral formulado pelo sociólogo Robert Park (1984). Apoiando-se em Park (1984) os antropólogos Taddeus Blanchette e Ana Paula da Silva (2009) conceituam a zona como uma região moral [...] “onde a presença das prostitutas é amplamente reconhecida pela sociedade e onde tem uma concentração relativamente grande de locais de prostituição.” (BELANCHETTE & SILVA, 2009.p. 3). Pensá-la enquanto região moral é refletir que a zona é um espaço citadino de encontros onde os indivíduos buscam diversão, compartilham códigos próprios permeados por relativa permissividade. Para Lourdes Barreto, a zona é [...] “um espaço cultural,

religioso, político, comercial, de companheirismo, de fazer o enterro das pessoas, onde tu congregas as pessoas, assim como em outros espaços. Só que é um espaço coberto de estigma.” Em conversa com Selma, percebo que para ela a zona é um *locus* de sociabilidade, onde esta prostituta encontra amigos, conversa, se diverte e se sente viva.

Estas perspectivas são interessantes para pensarmos a zona não apenas como um local onde as pessoas vão em busca de sexo, mas sim de encontros, de circulação de ideias, culturas, prazeres, afetos e tensões. Na zona as putas se organizam para fazer política, constroem laços de amizades, aprendem outras línguas, enfim, estabelecem um conjunto de relações que extrapolam o âmbito sexual. Contudo, como afirma Lourdes, a zona é um espaço carregado de estigma (GOFFMAN,1996), local socialmente camuflado onde se evita a passagem, se higieniza e esconde.

Podemos pensar a zona da Campina enquanto um lugar dinâmico que se modificou tanto espacialmente quanto em relação às formas de prostituição, que estendeu do espaço privado para o público. A prostituição que outrora funcionava em casarões, alguns muito luxuosos, ou em pequenos prostíbulos ou pensões, com a interdição na década de 70 se organizou de outra forma adentrando as esquinas¹². É válido ressaltar que os cabarés¹³ eram permeados tanto pelo luxo e gozo, como também pela exploração. De acordo com Lourdes em alguns espaços as mulheres não tinham alimentação adequada, não podiam cochilar durante o trabalho, deviam manter a produtividade (ESPIRITO SANTO, 2014). Pode-se perceber que a zona também é um espaço de tensões e de estigmas (GOFFMAN, 1996) onde, infelizmente, as prostitutas ainda se deparam com a violência.

De acordo com Lourdes Barreto a prostituição nas esquinas no bairro da Campina tem um momento histórico específico: o fechamento da zona na década de 70. Foi com a tentativa de retirada das putas da zona do meretrício que estas começaram a se dispersar e a ocupar as esquinas. Posteriormente, com a reabertura pode-se perceber que a prostituição se reconfigura, ganhando novos locais e contornos. A partir desse momento as prostitutas transformam as calçadas, até então meros espaços de passagens em seus lugares (TUAN, 1983) de trabalho. Engendram aí outras formas de sociabilidade, de delimitação de territórios existenciais.

¹² É preciso indicar que ainda existem espaços privados reservados a prostituição como boates e casas de prostituição.

¹³ Local de trabalho e, em muitos casos, de moradia das prostitutas, geralmente, gerenciados por uma madame ou cafetina, ou mesmo, por um cafetão.

Como bem discute Natália Sganzella (2011) em sua dissertação “Feita só por mãe!”: o ponto é um território, espaço e lugar ao mesmo tempo. É um território porque é delimitado uma área para cada mulher batalhar e, além disso, é também um espaço, pois são locais de passagem. Existe ali um fluxo de pedestres que atravessam estas esquinas e ruas a todo momento, mas também é um lugar porque ali a prostituta cria uma relação com a rua, com as outras prostitutas, com os moradores e trabalhadores. Há uma relação afetiva que transforma aquele pequeno local de passagem no seu lugar no mundo, em seu local de trabalho e de sociabilidade.

Para além de um local reservado ao prazer sexual a zona é um espaço onde pude ver pulsar uma frequente religiosidade. Ao entrar em um prostíbulo da Travessa Padre Prudêncio, a presença de imagens e de folhinhas de santos, terços, bem como a realização de novenas e cultos evangélicos no GEMPAC, me fizeram atentar para o caráter religioso da zona. Ali, a todo o momento escuto pregações que saem calorosamente da boca de Cinderela e de outras prostitutas da área.

Certo dia estava conversando com Selma. Ela estava com o celular em mãos, ouvindo e cantando uma música gospel. Em seu ponto, Selma fez uma oração e cantou uma música baixinho para, segundo ela, “afastar a inveja”. Cinderela é uma incansável propagadora do evangelho: a todo o momento conversa com as prostitutas da área sobre Deus e suas graças, carrega sempre consigo seu caderno de oração onde contém o nome de amigos, familiares, conhecidos, aos quais dedica suas orações diárias. É inevitável que a concepção cristã sobre o corpo, bem como o papel da mulher e sua sexualidade, em alguns casos, influencie na forma como as prostitutas compreendem a profissão e a própria sexualidade. Em determinados momentos é comum escutar que “querem sair desta vida”, que a profissão desagrade a Deus, e que só permanecem ali por necessidade.

Estes discursos frequentes em algumas falas estão atrelados, sobretudo, ao estigma que a prostituição carrega em nossa sociedade. Nessa perspectiva é importante problematizar a presença do/da pesquisador/a entre elas, e o que isso representa para algumas mulheres. Em que momento e para quem se deve dizer que é puta, ou mesmo ressaltar aspectos positivos e negativos da profissão? Certamente, a prostituição é uma profissão que por conta do estigma que carrega, ainda está envolvida por situações de violência e descaso, contudo, tratar estas narrativas apenas como identidades negativas, como se estas mulheres só vissem aspectos depreciativos em ser puta recai na vitimização. É pensar que as “pobres prostitutas” são sujeitos sem agências e que foram “jogadas na zona” de tal forma a não conseguirem de maneira alguma sair dela. Essa visão legítima estigmas, preconceitos e emperra os debates

que percebem as putas enquanto mulheres empoderadas. É necessário atentar que as putas permanecem numa constante negociação com a realidade (VELHO, 1994), e que não seguem inertes no processo histórico.

Apesar da religiosidade não necessariamente impedir o exercício da profissão, para algumas mulheres, ela redefine o ato sexual. Apresenta, portanto, limites corporais entre o que deve ser realizado ou não na batalha. A fala de Cinderela é esclarecedora para esta reflexão: “Eu mudei de vida na prostituição, mas continuo. A boca que eu falo meu Deus, meu Deus, não faço mais boquete. Também não faço mais anal”. Com base em concepções religiosas cristãs que condenam a sodomia e o sexo oral, a prostituta agencia sua sexualidade e estabelece limites corporais na hora do programa. Isto demonstra que as práticas sexuais realizadas durante o programa também estão ligadas a códigos morais, religiosos, à afetividades (PANSINI, 2015 TEDESCO 2008) – afinal, existem performances e atos que são realizados apenas com os parceiros – que profissionalizam o ato sexual. É interessante pensar que a religiosidade e a idade¹⁴ também são elementos importantes nesse processo de limites simbólicos corporais.

Partindo das discussões acima é importante refletir que para além da percepção que agrega a zona valores negativos, como a desordem e delito, podemos pensa-la como um lugar heterogêneo e complexo, permeado por fluxos de “circulação desejante” (PERLONGHER, 1987. p.166), memórias, tensões, religiosidades, estigmas, enfim, por um conjunto de relações tecidas nas tramas cotidianas que se tensionam na vida vivida.

1.3 - CAMPINA, “UMA FÊMEA APAIXONADA E SOFRIDA”.

Campina. O nome é feminino, e é dessa forma que é entendida por uma de minhas principais interlocutoras na pesquisa, Lourdes Barreto. Para Lourdes: “A Campina é mulher, é fêmea!”. A poética com que esta mulher compreende a cidade e o bairro da Campina, lugar onde vive desde 1956, está intrinsecamente atrelada as suas experiências na urbe belenense. O bairro da Campina ganha, assim, um corpo feminino, romantizado pela poética da prostituta. “Eu vejo o bairro da Campina como uma fêmea apaixonada, mas sofrida, que não encontrou nenhum marido que cuidasse dela e nenhum amante que cuidasse dela”.

De acordo com Rocha e Eckert (2010), os sujeitos interpretam a urbe a partir de suas experiências, diante disso, em tais interpretações emergem visões de mundo, concepções

¹⁴ As prostitutas mais velhas se recusam a realizar determinadas práticas, seja pela percepção de que são impróprias à mulher, ou por reclamações de que as limitações do corpo não permitem algumas posições.

morais, representações de gênero, enfim, percepções acerca do mundo urbano que revelam muito de “quem somos e como vivemos” (ROCHA & ECKERT 2010). Desta forma, na fala de Lourdes, certas concepções em torno do feminino e do masculino são constantes: “Belém também é fêmea”; “A Campina é fêmea, o Estado é o macho”; “o GEMPAC é homem”. Nestas narrativas encontramos a imagem da mulher que necessita de “cuidados” masculinos. Em torno desta percepção estão presentes valores sociais e representações do feminino que são socialmente construídas, que estão e são propagadas entre as putas.

A Campina é a mulher abandonada [...] “por seus maridos e amantes, que são os prefeitos e governadores”. Em sua perspectiva, o bairro é uma mulher de vários parceiros que a abandonam e não cumprem seu papel de zelar por ela. O Estado, dessa forma, assume facetas masculinas permeadas pela concepção de “homem provedor” que não cumpre o seu papel e, por isso viola, abandona. E, quando se mantém presente, agride, porque em todos os momentos em que o Estado esteve presente junto a este espaço-fêmea ele o modificou, higienizou, transformando as pulsações do seu corpo.

Se o Estado é um macho que abandona, o GEMPAC, na percepção de Lourdes é o oposto [...] “ele é macho, o GEMPAC, né?! Mas é um macho carinhoso, é um bom amante, um bom marido, como a Campina é uma boa mulher”; “o melhor marido que a Campina tem é o GEMPAC, porque cuida desse bairro”. É justamente por fazer ações que competiriam ao Estado que o GEMPAC adquire características positivas. O GEMPAC se preocupa com o bairro da Campina, cuida, luta por ele¹⁵. De acordo com Lourdes, a Campina sofre o estigma por ser uma área de prostituição. A Campina, assim, parece-me figurar como a puta. A puta que ama, cuida, mas que também é agredida, violada, desrespeitada. É a partir dessa reflexão que compreendo a Campina enquanto bairro-prostituta. O espaço citadino, assim, recebe características dos sujeitos que o compõem, adjetiva-se, adensando-se no devir de sua gente.

O amor romântico (GIDDENS, 2005) também é algo presente na Campina. A ideia de matrimônio emerge, por vezes, quando as putas narram histórias de encontros e desencontros amorosos. Ao conversar com Lúcia - prostituta que batalha próximo ao GEMPAC, na travessa Padre Prudêncio - ela rememora com tristeza a perda do marido. [...] “Eu tinha um marido, mas nós nos desencontramos. Ele foi viajar e nunca mais eu vi ele. Foi um desencontro, sabe?!”. Em uma conversa descontraída com Lourdes ela confessa o sonho de ver as filhas casando na igreja. A percepção que invade o senso comum de que a prostituta tem uma vida “desregrada”, de que são mulheres sem família, de vida fácil, incapazes de se

¹⁵ A relação do GEMPAC com o bairro será melhor abordada no segundo capítulo.

inserir em certa ordem “moral”, destoando do que encontro em minhas pesquisas. De acordo com Margareth Rago (1991) esta imagem atrelada à prostituta, surge, sobretudo no século XIX como um importante discurso em torno de um contra-ideal feminino. Nesta perspectiva, a puta, mulher da rua, se diferencia da mulher da casa (DA MATTA, 1997), e a ela é desatrelada toda concepção de maternidade, matrimônio, amor romântico, quicá de humanidade.

Esta percepção acerca do bairro em relação ao Estado detém uma relação dúbia: uma história de amor marcada por momentos trágicos que permeiam o gozo e o desprezo, onde a mulher apaixonada sofre por um amor não correspondido, por um macho que não consegue amá-la como merece, e muito menos é capaz de prover suas necessidades afetivas¹⁶. Por outro lado, o momento da redenção do verdadeiro amor aparece nesta história quando o GEMPAC entra em cena. Este sim, segundo Lourdes, mostra-se como o marido ideal. Nesta relação está embutida uma série de representações de gênero, principalmente quando ao bairro são atribuídos valores socialmente construídos sobre o feminino – a Campina tal qual a mulher, cuida, acolhe, é apaixonada por um macho que a despreza – ao Estado, “o macho”, são atribuídos os valores, sobretudo negativos, destinados ao homem – oprime, viola os direitos, abandona e tem a obrigação de cuidar da mulher.

O GEMPAC, que também é atrelado ao gênero masculino, figura enquanto homem amoroso, justamente porque consegue, minimamente, prover a fêmea em seus anseios. A Campina se apresenta, então, como uma fêmea acolhedora que outrora já foi bela, luxuosa, muito bem cortejada, mas que hoje se encontra abandonada, com ares de decadência. A figura do poder público omissa faz dessa fêmea apaixonada e acolhedora, uma mulher que sofre com o desprezo. Contudo a Campina não é uma fêmea passiva, ela resiste. Resiste a falta de políticas públicas, a falta de manutenção, de segurança e persiste apesar da higienização.

Outra reflexão ao qual me proponho realizar em torno desta problemática relaciona-se à imagem da puta enquanto paisagem do bairro. A puta é a paisagem porque constitui parte pulsante do bairro, uma vez que existe e resiste neste lugar. Para compreensão de tal abordagem me apoio conceitualmente nos estudos de Flávio Silveira (2009), Austin Berque (1998) e Simon Shama (1996). Parto destes autores para pensar a paisagem como um produto da cultura, e que por esse motivo se apresenta de forma hermenêutica. Dessa forma os sujeitos interpretam a paisagem a partir do olhar da cultura e de suas experiências. De acordo com Silveira (2009) [...] “o homem simultaneamente representa e é a paisagem”. Para este autor, a

¹⁶ A ideia de prover não está restrita ao âmbito financeiro, estrutural. Está atrelada, também, à concepção de que a mulher precisa do afeto e preocupação do amante.

paisagem não é algo fora dos sujeitos, e sim algo integrante do ser que modifica e é modificado pelo *locus* onde habita.

Nesta perspectiva, as putas interagem, modificam e participam ativamente da dinâmica do bairro da Campina, ao mesmo tempo em que são agenciadas pela dinâmica do lugar. Dessa forma, de acordo com Berque, paisagem e indivíduo são “co-integrados, em um conjunto unitário” (BERQUE, 1998. p. 86). A partir desta perspectiva é possível compreender a fala de Lourdes Barreto quando diz: “eu me sinto parte desse bairro”. As putas são parte do bairro, pois são o bairro em seu devir.

Ao narrarem suas memórias sobre a Campina os interlocutores evocam paisagens. Estas paisagens passadas que perduram através da memória se tensionam com as paisagens do bairro no presente. Os cenários urbanos narrados, permeados por ruas animadas, embalados por músicas e onde funciona(va)m diversas casas de prostituição, restaurantes, bares, contrastam com as paisagens atuais apreendidas por estes sujeitos. Alguns casarões que até a década de 60 funcionavam como luxuosas casas de prostituição, hoje apresentam aspecto arruinado. As ruínas que constituem parte das paisagens atuais do bairro mexem com as lembranças de antigas prostitutas, boêmios e moradores, que relembram com saudosismo os bons tempos da zona.

É interessante refletir que na fala da maioria de meus interlocutores – sobretudo os que trabalham ou vivem no bairro há muito tempo – a Campina de hoje é percebida enquanto área abandonada. A ideia de abandono norteia as falas das pessoas. De acordo com Selma [...] “antes era animado, agora falta cliente por causa da violência”. Para Vitória “era mais bonito era mais divertido”, e complementa: “quando eu vim pra cá tinha o Seresteiro, que um bar, tinha uma boate que era o Curumbá, ali perto dos Correios, aqui na praça da Bandeira também tinha um motel.... A gente ia pra lá, depois que começou esse negócio de violência”. Na fala de Dona Maria [...] “a gente saía meia-noite, era a hora que ela abria (boate), dançava tudinho. Vinha pra suas casas tudo... não vinha gente caindo chamando nome. Mas agora só é esculhambação, você vê, não vê por aí?!”. Estas percepções compartilhadas pelos sujeitos da pesquisa remetem a forma como vivem e compreendem as dinâmicas do bairro. Estas múltiplas visões acerca do bairro estão permeadas não apenas pela ideia de um abandono do poder público, mas, também, por uma quebra de concepções morais, ou de regras daquilo que para essas pessoas norteia uma ética de viver bem na cidade.

Hoje as ruas do quadrilátero apresentam outra dinâmica, as antigas casas de prostituição, agora funcionam como estacionamentos, ateliês, residências, pontos comerciais. Contudo, é necessário destacar que as putas ainda resistem em suas imediações e em outras

áreas, como na Gaspar Viana onde pode-se encontrar boates, bares, botecos e um intenso fluxo de pessoas em busca da diversão. Talvez estas outras formas de ocupar o bairro pareçam estranhas aos interlocutores que têm a sensação de que a boemia acabou. Outra questão associada a essa desilusão com o presente está associada as outras redes de sociabilidades consideradas ilícitas, marginais, envolvendo o tráfico e consumo de entorpecentes, por exemplo.

Ainda, de acordo com Lourdes, o bairro por conter desde muito tempo inúmeros pontos de prostituição, “a Campina sofre muito estigma!”. É interessante pensarmos que neste caso o estigma não está restrito somente às prostitutas, mas se estende também ao lugar que, segundo a interlocutora, não é prioridade para as autoridades. Na percepção de Lourdes a Campina, apaixonada, é a mulher que cuida, a amante que acolhe a todos. Que abriga a meretriz, o ébrio, o poeta, o comércio, o hotel de luxo. Ali podemos encontrar desde os indivíduos da mais alta classe social àqueles que vivem, trabalham e transitam entre suas esquinas e calçadas, mais ou menos pauperizados. Nas palavras de Lourdes: “Vejo o bairro da Campina como uma grande mulher, uma grande companheira que consegue agregar todo mundo. Aqui tu tens o camelô, a trabalhadora do sexo, o comerciante, o taxista. Essa é a relação da sociedade com esse bairro. Esse bairro, pra mim, ele é fantástico!”. A narrativa de Lourdes aponta questões para pensarmos sobre este logradouro enquanto um *locus* complexo e heterogêneo, atravessado por múltiplas realidades (VELHO, 1994) e que abriga os principais pontos turísticos da cidade, o grande comércio da região, artistas e seus ateliês, prostitutas, agências de turismo, bancos, mas também apresenta áreas pobres, e onde, segundo Lourdes, as políticas públicas não chegam¹⁷. De acordo com esta interlocutora:

Campina tem sido um bairro de muita referência pra mim. É um bairro que tem muita ausência de políticas públicas. É o segundo bairro de Belém, mas onde tu tens uma pobreza muito grande. Tem nesses casarões aí morando mais de doze, treze famílias, vivendo com menos de meio salário mínimo. Temos muito camelô, muitas pessoas usuárias de drogas, muitas pessoas em situação de risco social, onde há uma violência também muito grande, como nos outros grandes bairros de Belém, porque é um bairro completamente esquecido. A sociedade acredita que seria um bairro de classe média, mas não é! É um bairro de classe baixa, onde a maioria das casas são de herdeiros que não conseguem até fazer manutenção das casas, né?! Tem grandes prédios históricos bonitos, mas o bairro da Campina, ele é muito bonito: passou sobre os 400 anos de Belém a beleza do bairro da Campina, dos bairros do centro de Belém, como da Cidade Velha, primeiro bairro de Belém, aqui é o segundo (LOURDES, 2016).

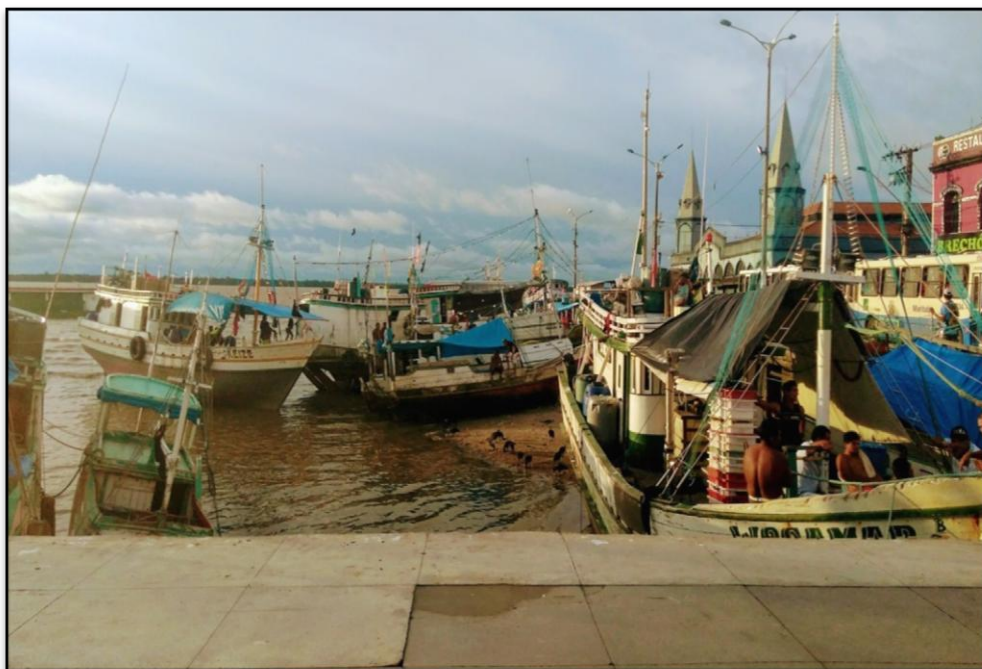
¹⁷ É valido ressaltar que quando Lourdes reivindica a presença do Estado na área ela o faz em forma de políticas públicas, e não numa relação de higienização. Problematicar a expansão do tráfico de drogas na área, nada tem a ver com uma percepção conservadora sobre tal fato, e sim, da necessidade de investimento em políticas sociais. É, portanto, uma necessidade de pensar também em saúde pública e não numa retirada à força das pessoas, pautada em uma repressão policial.

A multiplicidade de interações promovidas pelos indivíduos e a consequente forma como se organizam (SIMMEL, 1983), expressam a cidade como um ambiente, onde coexistem diferentes formas de sociabilidade, diversos mundos onde os sujeitos realizam múltiplos papéis (VELHO 1994). Para pensar as relações que as putas mantêm com bairro é necessário captar a potência de suas narrativas, realizar uma descrição densa (GEERTZ, 2011) que privilegie as formas como elas interpretam e experienciam o bairro. Nesta perspectiva, percebo que as putas e o bairro da Campina se mantêm intimamente co-integrados (BERQUE, 1998), quando as putas são as paisagens, sendo, por isso, agentes/agenciadoras e agenciadas em suas dinâmicas cidadinas cotidianas.

Para compreender um pouco desse universo complexo chamado de bairro da Campina precisei, algumas vezes, me perder pelos perigos e encantos de suas esquinas, exercer errâncias (JACQUES, 2012). Entre essa variedade de sujeitos citadinos acolhidos por esta “fêmea”, eis que surge uma jovem estudante de antropologia a se aventurar pelo seu corpo a procura de novas problemáticas e experiências inspiradoras que permitam compreender a sua dinâmica – e, assim, da própria Belém - através do olhar das mulheres prostitutas, de suas experiências e narrativas.

1.4 - PERCURSOS: ITINERÁRIOS TRAÇADOS NO CAMPO

Em meio ao corre-corre frenético de pessoas, as deambulações pelo bairro possibilitam observar a bela vista do mercado do Ver-o-Peso. As diversas embarcações, sempre presentes neste cenário compõem a paisagem local e marcam a constante relação com as ilhas que circundam a metrópole. Ao subir a Avenida Presidente Vargas é possível encontrar supermercados, bancos instalados em edificações antigas, hotéis, agências de turismo, assim como, o pequeno vendedor de castanhas, o ambulante ao lado com sua venda de frutas, o artesão, diversos moradores de rua abrigados provisoriamente em frente a Central dos Correios, ou nos demais estabelecimentos presentes ao longo desta Avenida.



Fotografia 11 - Ver-o-Peso. Foto Silvia Lilia. 2016.

Ao caminhar pela Rua João Alfredo me deparo com uma diversidade de estabelecimentos comerciais que vão desde a grande loja até o pequeno comerciante, com sua “banca” instalada na calçada. Esta rua é quase sempre muito agitada, por ali emergem vários sons que configuram as paisagens sonoras presentes no bairro (SANSOT, 1983). Embalados através dos diversos ritmos que compõem o cenário musical da metrópole, os anúncios de vendedores apresentam-se enquanto atrativos para a aproximação de clientes, tudo isso se mistura as diversas falas entoadas pelos inúmeros transeuntes e demais trabalhadores, que por ali circulam todos os dias. Quando a tarde chega todo esse emaranhado de sons parece não ser maior que o soar da chuva costumeira que se faz presente neste horário, e que por alguns instantes, ameniza o calor tão característico da urbe belenense.

Ao continuar o trajeto me deparo com a Rua Riachuelo, conhecido ponto de prostituição do bairro. Esta rua é evitada por boa parte das pessoas, pois é comum a presença de sujeitos como o ébrio, a prostituta, o morador de rua, o louco, os “outros urbanos” que, de acordo com Paola Jacques (2012), paradoxalmente, alguns fazem questão de não enxergar e são os principais “alvos das medidas higienizadoras e ditas revitalizadoras” na urbe amazônica. Sujeitos estes dotados de agências e que em suas práticas cotidianas, mesmo que de maneira sutil, encontram táticas para permanecerem nesses espaços (DE CERTEAU, 1994).

Coexistem em seu espaço físico pequenos restaurantes, habitações, vendedores ambulantes, bares, além de algumas pensões que as prostitutas alugam para realizarem seus

programas, ou até mesmo, como moradia. Pelas esquinas as prostitutas aparecem dispersas, algumas surgem na fronteira com a Avenida Presidente Vargas, outras adentram às ladeiras desta rua ocupando as demais esquinas. Ao atravessar este logradouro em um dia de caminhada pelo bairro reconheço Marta¹⁸, prostituta antiga da área, a quem Lourdes havia me apresentado no GEMPAC. Marta estava na esquina da Riachuelo com a Avenida Presidente Vargas conversando com um homem.

A mulher, que aparenta ter entre 55 e 60 anos, vestia uma calça jeans azul claro naquele dia. Usava uma blusa solta no corpo, cabelos amarrados, enquanto conversava com o homem (talvez um amigo, trabalhador da área ou, quem sabe, um possível cliente), Marta tecia habilmente uma peça de crochê. Uma cena pouco comum quando se tem uma imagem pronta, fixa, da prostituta, sem atentar para as complexidades do *métier*, que não é realizado da mesma forma em todos os lugares. Talvez essa imagem destoe de uma visão generalizadora em relação ao como deve ser a performance de uma mulher prostituta em seu local de trabalho. É dessa forma complexa que as prostitutas praticam a Campina. Uma paisagem como esta leva-nos a refletir sobre como a prostituição é realizada de múltiplas formas, agenciando diversas performances naquele local.

Ao descer a Rua General Gurjão é possível notar a paisagem ruiforme, daquele que outrora foi o trajeto mais luxuoso e cobiçado da zona do meretrício belenense, onde hoje resguarda antigos moradores, sempre trancafiados em seus lares e alguns poucos estabelecimentos comerciais, além de estacionamentos. Este percurso narrado aponta para o meu destino de todas às terças, quartas e quintas-feiras: o GEMPAC (Grupo de Mulheres Prostitutas do Pará), ONG que luta em prol dos direitos de mulheres prostitutas há 26 anos. A sede do GEMPAC ocupa uma edificação antiga, cedida pela Santa Casa de Misericórdia, e fica localizado na Rua Padre Prudêncio na esquina com a General Gurjão. Nesta edificação, outrora, também funcionou como bar que abrigava em seu andar superior quartos onde as prostitutas atendiam seus clientes.

¹⁸ Nome fictício para preservar a identidade da mulher ao qual se refiro.



Fotografia12 - Sede do GEMPAC (Grupo de Mulheres Prostituta do Pará). Foto Antônio Jailson. 2016.

Ao lado do GEMPAC é possível observar entre oito e nove horas da manhã a presença de mulheres prostitutas. Sentadas ou em pés, todas a postos, quando lançam olhares sensuais, algumas ousam parar alguns possíveis clientes para agradá-los, tecem elogios, distribuem gracejos garantindo sorrisos, ou mesmo, um programa. A Campina é também um bairro diurno que amanhece envolto de sensualidade em suas esquinas. Estas mulheres transitam pelo bairro diariamente, abrigando-se entre esquinas ou às portas de prostíbulos e de bares.

Na Rua General Gurjão com a Travessa Padre Prudêncio encontro cerca de três mulheres na batalha. Ao adentrar a Travessa Padre Prudêncio observo um movimento maior. Em dias mais movimentados é possível ver a presença de dez ou mais mulheres sentadas ao longo da calçada. Elas conversam, riem, enquanto observam o fluxo de pessoas. Os olhares sensuais e o jeitinho carinhoso de chegar ao cliente é uma característica marcante. Com sorrisos nos rostos e um jeito atencioso elas negociam seu trabalho. Por este logradouro também transitam vendedores, trabalhadores, moradores da área, bem como usuários de entorpecentes que com passos apressados e olhares sempre atentos usam e comercializam seus produtos entre a rua e a calçada. Quando o carro da polícia percorre a área, o movimento por um tempo se esvai, retornando seu fluxo minutos depois do carro ir embora.



Fotografia13 - Travessa Padre Prudêncio. Prostitutas durante a batalha. Foto Silvia Lilia. 2016.

Quando pensava em espaços de prostituição imaginava garotas espalhadas pelas esquinas, sensuais, corpos a mostra a se oferecerem em meio a olhares fixos e apetites vorazes. Tudo isso, levado por uma trama que decorria em meio à escuridão noturna, horário tão característico desta profissão. Contudo, a prostituição nesta área do bairro Campina guarda singularidades. Podemos perceber o jogo de sedução nas esquinas, mulheres com peças curtas e outras não, e diante da presença masculina é possível ouvir ressoar um convite, tudo decorre à luz do dia. É possível visualizar mulheres com aparência entre vinte e trinta anos, outras mais velhas - entre os seus, quarenta, cinquenta, sessenta e até setenta anos - batalhando pelas esquinas. As mais novas com shorts curtos, blusas decotadas e barrigas a mostra, as mais velhas geralmente usam calça jeans, vestidos ou bermudas. É Válido ressaltar que, nem todas as mulheres permanecem em um ponto fixo por muito tempo. Isso varia de acordo com o movimento, a concorrência, as condições oferecidas pela casa ou boate, mas também pela violência. Dessa forma, as putas se estabelecem num determinado local ou transitam entre pontos a procura por espaços melhores e mais lucrativos. Um dia ouvi de uma prostituta que ela era “como mariposa”, ficava aqui e lá, não tinha um lugar fixo, estava sempre batendo as asas em direção a um lugar melhor para si.

Às proximidades do GEMPAC, numa edificação antiga localizada na Rua Padre Prudêncio, encontro Mara¹⁹, dona de uma casa de prostituição da área. Neste pequeno estabelecimento diversas mulheres batalham diariamente. O número varia de acordo com o

¹⁹ Nome Fictício.

dia, em algumas situações pude perceber a presença de duas mulheres, em outros momentos até seis ou mais mulheres realizam seus programas no local. Tive a oportunidade de entrar na casa de Mara por duas vezes. A primeira vez fiquei pouco tempo, pois encontrei com Lourdes às proximidades desta residência e fomos convidadas a entrar. Em outro momento pude conversar um pouco com Mara e observar mais o movimento da casa. Neste dia, dez de março de 2016, por volta das dez horas da manhã cheguei ao GEMPAC e percebi que suas portas estavam fechadas. No dia anterior havia marcado com Lourdes e Cinderela de nos encontrarmos nesse horário na ONG. Quando vi que não havia ninguém no local, pensei: “E agora? O que fazer?”.

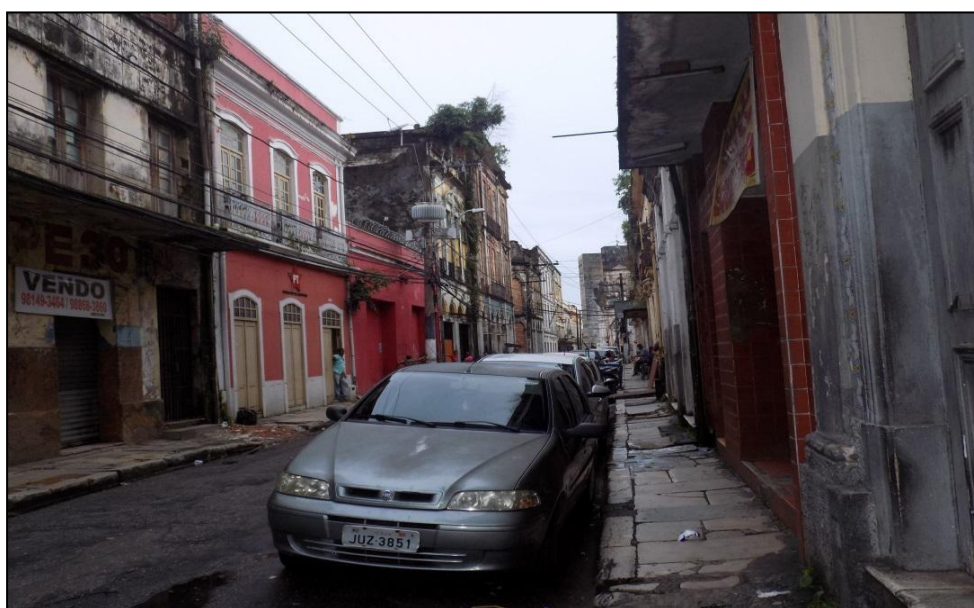
Decidi esperar ali mesmo, percebi que as meninas da casa estavam batalhando e pedi para ficar próxima a elas. Mara, cordialmente me convidou para entrar, eu respondi que não gostaria de atrapalhar. Em poucos minutos percebi que atrapalharia se ficasse em frente à casa, onde costumam atrair clientes. Neste momento, um homem repentinamente se aproxima e com olhar fixo caminha bem próximo ao meu corpo. No mesmo instante, uma das prostitutas falou: “É melhor você entrar, ou vão te confundir!”. Imediatamente entrei na casa de Mara e pude dialogar um pouco com ela e outras mulheres que ali estavam. Ao conversar com Cinderela sobre o fato, esta me falou que os homens gostam das “novatas”. Uma mulher nova numa zona de prostituição tem diversos clientes garantidos.

A casa de Mara é uma edificação antiga, aparentemente com cerca de quatro a cinco cômodos, e funciona como prostíbulo. Sentadas a frente da casa as mulheres procuram possíveis clientes. Em meio a transeuntes masculinos ouço convites como: “Oi lindo!” ou “Bora?”. Olhares são lançados juntamente com movimentos corporais que configuram o conjunto das performances exercidas na “batalha”. Ao entrar neste espaço é possível visualizar um pequeno compartimento, onde ficam localizados uma mesa de madeira, uma cômoda com espelho, a estante da televisão adornada com diversos animais de pelúcia e uma cesta, com a bela imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Pela parede várias folhinhas com imagens de santos, dois leques abertos, e cortinas estampadas que servem como divisórias da casa.

Por todo lado pode-se ver flores artificiais que enfeitam e colorem ainda mais o ambiente. No compartimento ao lado fica a sala. Por entre a mobília, sofás e uma pequena mesa de madeira repleta de cosméticos para consumo das mulheres. No interior da edificação fica localizado o quarto onde são realizados os programas. Poucos minutos depois de entrar, uma das mulheres que ali batalham entra acompanhada do mesmo homem que, anteriormente, caminhou em minha direção. Nesse momento elevam-se os volumes dos televisores ligados e

cerca de quinze minutos depois os dois saem do quarto, o homem caminha em direção a dona da casa, e a ela realiza o pagamento. Durante os poucos minutos que fiquei ali era possível sentir os mais diversos aromas de óleo corporal, perfumes e hidratantes que invadiam o ambiente.

Ao descer a Rua Gaspar Viana com Cinderela, adentramos em outro lado da prostituição da Campina. Permeada por casarões antigos, alguns com aspecto decaído, a Gaspar Viana se caracteriza pela grande presença de espaços destinados à prostituição. Por ali mulheres, em sua maioria, entre dezoito e vinte e trinta anos desfilam com roupas sensuais, algumas com saltos e maquiagem carregada, esperam por possíveis clientes. O movimento começa às dezesseis horas, o local movimentado não apenas prostitutas e donos de bares ou de boates, como também alguns vendedores informais que vendem bombons, cigarros e comidas pela área. Neste local coexistem diversos estabelecimentos voltados à prostituição como boates, bares e prostíbulos.



Fotografia14- Rua Gaspar Viana. Foto Silvia Lilia. 2016.

Ainda nesta rua entramos na Boate Las Vegas²⁰. O segurança desconfia de minha idade e pede a identificação, Cinderela informa que é prostituta do GEMPAC. Depois de confirmada a idade entramos com uma caixa de preservativos no local. Ali, conversamos com o proprietário e uma trabalhadora, explicando o motivo de nossa visita e, conseqüentemente, sobre o meu trabalho. Todos concordaram que poderíamos ficar no estabelecimento e

²⁰ Nome fictício para preservar o estabelecimento, bem como frequentadores e trabalhadores (as).

autorizaram que tirássemos fotos do ambiente. Enquanto eu observava o movimento e obtinha fotos, Cinderela conversava com os conhecidos, entregava preservativos, abrindo os caminhos para que pudéssemos retornar nos próximos dias.

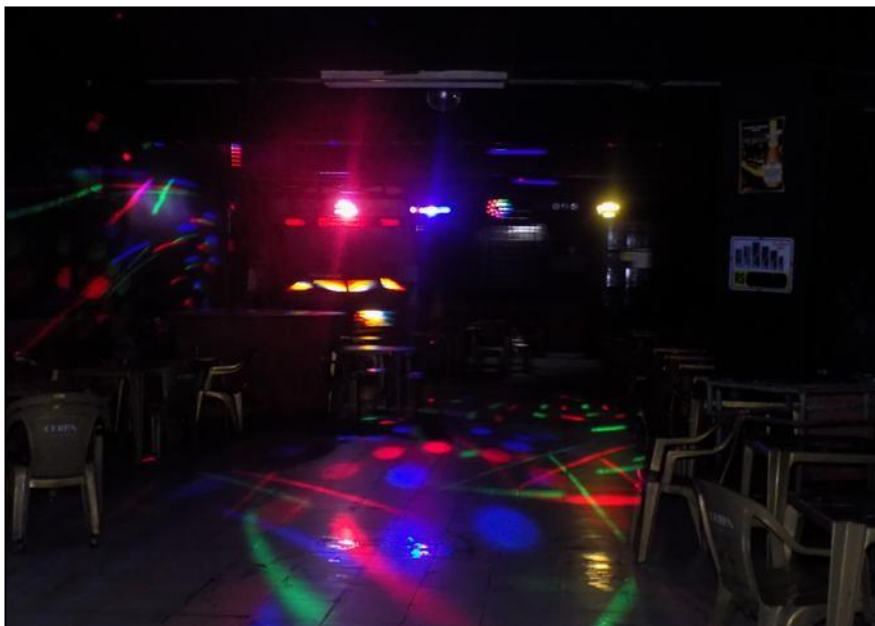


Fotografia15 - Balcão da Boate Las Vegas. Foto Silvia Lilia. 2016.

Em sua parte inicial a boate apresenta um salão com mesas e cadeiras, além de um grande balcão onde são realizadas as vendas de bebidas. Ao entrar pela porta central é possível visualizar um espaço mais escuro, permeado por jogos de luzes, mesas e cadeiras espalhadas pelo salão, um palco onde a dançarina realiza a performances de *pole dance*²¹, numa tela localizada em uma das paredes laterais são apresentadas constantemente cenas de sexo, além da pequena aparelhagem que tocava uma variedade de ritmos. Nesta área da boate os rostos são pouco nítidos, a escuridão do ambiente é amenizada apenas por jogos de luzes que dão tanto efeito misterioso quanto festivo ao ambiente.

As prostitutas da área são mais novas, suas roupas mais curtas, seus rostos bem mais maquiados que as mulheres das Ruas Padre Prudêncio e General Gurjão. De acordo com Cinderela, algumas mulheres mais velhas também frequentam a área, mas pode-se perceber que mulheres mais jovens dominam o espaço.

²¹ Show performático realizado geralmente em um palco com uma barra de ferro.



Fotografia 16 - Interior da Boate Las Vegas. Foto Silvia Lilia. 2016

No dia seguinte retornei a boate juntamente com Cinderela. Era por volta das 18h30min, o movimento do dia, véspera de feriado de Tiradentes, estava fraco. Entramos no local e subimos para conversar com a senhora que é arrumadeira da boate. Ao subirmos as escadas encontramos o corredor onde ficam localizados os quartos. O espaço tem cerca de 10 quartos, cada quarto possui uma cama de casal e um pequeno banheiro.

Ao retornarmos a parte inferior da boate onde acontecem os shows, sentamos momentaneamente a espera do *Strip-tease*. Neste momento os poucos clientes do local permaneciam tímidos, sentados em suas cadeiras cada um com suas cervejas na mesa. As mulheres transitavam pelo salão, sentavam, conversavam com os homens que ali estavam e, assim, o movimento seguia ainda pouco animado. A mulher que naquele dia realizou a performance de *Strip-Tease* aparentava ter cerca de vinte anos. Morena e com belas curvas, chamava a atenção da plateia masculina ao desfilarem pelo salão trajando apenas sutiã e calcinha. Cerca de 19h30min o show começou. Enquanto o DJ anunciava a performance tão esperada, a *striper* se concentrava no *poli dance*. Ao som de uma música romântica a mulher iniciou os movimentos da dança sensual que sempre seguiam os ritmos das músicas. A cada rebolada, olhares vorazes e sorrisos tímidos eram facilmente percebidos na plateia masculina. Suas pernas se cruzavam na barra de ferro, transbordando o ambiente de sensualidade. Os homens olhavam atentamente a performance. O jogo de luzes em meio ao ambiente escuro ocultava os detalhes dos rostos.

Um cliente que estava sentado ao lado do palco parecia extasiado, parado, ele olhava fixamente a dançarina. Minutos depois ele se aproximaria, mantendo um curto diálogo ao pé do ouvido com a *striper*. Enquanto isso, as outras mulheres da boate transitavam pelo salão, mas os olhares dos poucos homens que compunham a plateia pareciam estar voltados à mulher no palco. Aos poucos, a dançarina começou a retirar a roupa: primeiro retirou a calcinha, a que a deixou com um fio dental. Posteriormente o sutiã foi retirado e os ânimos se alteravam. O público masculino pareceu mais interessado em chegar perto, admirando-a, um deles colocara dinheiro em sua calcinha. O ritmo da música que parecia envolver a todos em meio ao show sensual, aos poucos acelerava. Era, então, o clímax maior da performance: o momento em que a dançarina retira a última peça de roupa e dança, completamente nua. Neste instante os homens assoviavam, chegavam mais e mais perto até que a mulher em uma das performances desliza a mão pela genitália, posteriormente, acariciando o rosto do cliente.

Este show é um dos grandes atrativos da boate, e revela-se um tipo de prostituição que distancia-se daquelas de rua ou das casas (GASPAR, 1989), tão frequentes em outros locais do bairro. Isto mostra a complexidade da prostituição na área, que não funciona da mesma forma em todos locais. Além desta boate, ainda na Rua Gaspar Viana, existem outras boates dentre os inúmeros bares que funcionam enquanto *locus* de prostituição. Ainda no bairro da Campina caminho com Cinderela em nossos trabalhos de entrega de preservativos em duas outras boates do bairro, são elas: Beija Bem e Desejo²².

As boates Beija Bem e Desejo constituem espaços de prostituição localizados em meio a estabelecimentos comerciais do bairro da Campina. Pode-se perceber que são mais confortáveis, com decoração mais elaborada. A boate Desejo fica localizada na Rua Sete de Setembro com a 13 de Maio, próximo a Praça da Bandeira. Este local, por exemplo, possui uma decoração com imagens de astros do Rock como Elvis Presley e Rolling Stones. No centro é possível avistar o queijo²³. A motocicleta e a jaqueta de couro presentes no palco ajudam a compor a paisagem do local. As mesas são distribuídas ao redor do centro e, ao lado esquerdo, pode-se visualizar o balcão onde funciona o bar. Neste local conversamos um pouco com as prostitutas, que são mulheres mais novas. Entregamos preservativos e de lá seguimos para boate Beija Bem.

A boate Beija Bem está localizada na Rua Manoel Barata. Apesar da boate cobrar pela entrada, como Cinderela já é conhecida no local tivemos entrada livre. Neste espaço também distribuimos camisinha. Cinderela conversou com as mulheres sobre a Campanha do

²² Nomes fictícios.

²³ Nome atribuído ao palco onde são realizadas as performances de *Pole Dance*.

Ministério da Saúde, que encaminhava prostitutas para exames de DSTs. A boate Beija Bem apresenta um espaço amplo onde diversas mesas e cadeiras são distribuídas, ali encontramos um bar, um balcão nos fundos onde pode-se consumir bebidas. Estávamos no local por volta das 16h de uma quinta-feira e o movimento da boate era bem animado. Ao som de músicas eletrônicas clientes e prostitutas conversavam, dançavam e bebiam. Enquanto Cinderela conversava com as mulheres sobre a importância do uso do preservativo e da realização dos exames, eu distribuía os preservativos e observava o movimento. É válido ressaltar que a entrega de preservativos na área é de extrema importância, de acordo com Vitória, as prostitutas podem usar num programa mais de cinco preservativos. “É um para o chupar, um pra dar o cu e outro a vagina, e ainda tem os outros quando o cliente quer mais”. (Vitória, 2017)

Em nossas caminhadas pelo bairro, o mercado do Ver-o-Peso é um trajeto quase certo. Sempre paramos por ali para procurar Vitória, conversar, ou esperar nosso ônibus. O Ver-o-Peso com sua infinidade de produtos comercializados, também se configura como um *locus* de prostituição. Entre as barracas e, principalmente, entre a área dos bares as prostitutas permanecem dispersas a procura de clientes. Vitória Margalho, prostituta antiga da Campina, batalha no mercado. Além da batalha Vitória vende canecas de time. Entre uma venda e outra é possível conseguir um cliente, ou encontrar um amigo. Ao caminhar com Vitória e Cinderela pelo Ver-o-Peso, acompanho um pouco do cotidiano da mulher neste espaço. O Ver-o-Peso sempre animado e frenético, apresenta uma riqueza de imagens e um fluxo constante de pessoas. O fluxo de transeuntes e a animação do espaço é um cenário propício para o comércio sexual. Entre as barracas de comidas e venda de bebidas, Cinderela e Vitória cumprimentam os amigos, prometem preservativos, param, observam os produtos da feira e assim seguem contando suas histórias à antropóloga. Vitória também estava à procura de um amigo que até o momento não havia aparecido. Em frente ao mercado entre estabelecimentos comerciais é possível encontrar uma boate de prostituição, onde são realizadas performances de *strip tease*. Esta boate é relativamente nova no espaço, e não fui autorizada a realizar pesquisas neste local.

Conhecer as casas de prostituição da área, bem como deambular pelo bairro na companhia de prostitutas é de extrema importância para o desenvolvimento deste trabalho. Nessa perspectiva, o percurso tornou-se assim uma importante ferramenta de compreensão da urbe, da cidade a “partir de suas entranhas” (SILVA, 2009), revelando a importância da caminhada e da experiência urbana na construção das interpretações sobre a cidade. De acordo com Hélio Silva: “O conhecimento da cidade é, portanto, um conhecimento produzido

pelos percursos. Ela nunca se destaca do observador e se oferece como um quadro no museu, para cuja contemplação adequada ele busca, com seus passos que tateiam no chão, o lugar ideal, o ângulo perfeito” (SILVA, 2009.p.174).

Ao transitar pelas esquinas da Campina com Cinderela, Vitória e Lourdes me deparo com um bairro repleto de histórias, lembranças que povoam as memórias dessas mulheres (HALBWACHS, 1994). Os passeios com Cinderela pela Feira do Açaí, nossos percursos e noitadas pelas boates da Gaspar Viana apresentam uma Belém ainda desconhecida, que aos poucos vai sendo experienciada pela pesquisadora.

1.5 - AS RAÍZES DA PROSTITUIÇÃO

Numa de minhas primeiras conversas com Lourdes Barreto, em meio a suas lembranças e inúmeras fotos espalhadas em uma mesa no GEMPAC, ouvi uma fala que guardei na memória: [...] “o bairro Campina tem raízes da prostituição”. Tal afirmativa remete ao fato deste logradouro manter sua história intrinsecamente ligada à prostituição, como também, apresentar grande quantidade de moradores e trabalhadores que mantêm alguma ligação com tal prática. De acordo com Lourdes, muitos moradores do bairro são prostitutas, boêmios, filhos e filhas de prostitutas e de cafetinas, enfim, a Campina, sobretudo a área do quadrilátero, abriga toda uma gama de pessoas que se mantêm atreladas de alguma forma à prostituição. Ali existem também donos de boates, de bares e de pensões, diversos sujeitos que movimentam o mercado do sexo (PISCITELLI, 2005) neste bairro e em seus arredores.

A reflexão sobre as raízes da prostituição me permite pensar como moradores, trabalhadores, transeuntes estão envolvidos com este universo. Em uma entrevista com senhor João²⁴, 80 anos, morador antigo do bairro, o senhor rememorou o período em que funcionava a zona do meretrício. Ele mantém uma relação muito próxima ao GEMPAC, conhece Lourdes, Cinderela e Maria Silva há muitos anos. “Vi a Lourdes bem nova, ela era uma das mulheres mais bonitas da Zona”. Em uma de suas visitas ao GEMPAC o senhor narra um pouco sobre suas experiências na zona do meretrício. É interessante notar que o senhor, a todo o momento, traça comparações entre passado e presente, pois [...] “naquela época as mulheres andavam bem vestidas, com vestidos longos, não é igual a hoje que é essa imoralidade.” Seu João acredita que a prostituição de hoje é marcada por imoralidade e desrespeito.

²⁴Nome fictício.

De acordo com o senhor existiam as boates *Moulin Rouge*, Corredor Polonês, o bar *City*, além das Casas das Madames. O senhor fala também sobre a presença dos “viados”: [...] “tinha o Oscarino, o Peruano, eles usavam vestidos também, e ficavam muito bem arrumados!” Seu João retoma os tempos da zona, de sua juventude com saudosismo e alegria (SILVEIRA, 2016) . Diz que naquele tempo havia respeito por parte das prostitutas, o que segundo ele não existe hoje. O Senhor narra romances, encontros e também os constantes desentendimentos com os marinheiros que, segundo ele “eram metidos a brabos”. Na percepção do senhor a antiga zona, marcada, sobretudo, pela prostituição centralizada em espaços privados era algo mais discreto e respeitava a moral. A prostituição de rua é vista por Seu João como algo prejudicial, onde a mulher torna público seu ofício. As roupas curtas também incomodam o senhor. Tais reflexões estão atreladas à visão de moralidade, que para este interlocutor se perderam com o tempo.

Durante a pesquisa também entrevistei o senhor Tadeu, 75 anos, sapateiro que trabalha desde a década de 60 no Bairro da Campina. Durante nossa conversa o senhor falou sobre a zona do meretrício. Contou como eram luxuosas as casas da Rua General Gurjão, enquanto a Riachuelo representava o baixo meretrício. Sobre a prostituição o senhor fala com receio, e diz que não frequentava tais ambientes, pois apenas passava pela frente. Este relembra o movimento do bairro e as festas.

Conversei com a moradora do bairro, Frances Ruth Lemos da Silva, 59 anos. Dona Frances mudou-se para o bairro da Campina na década de 70. A senhora reside em uma edificação antiga na Travessa Frutuoso Guimarães, com os quatro filhos, onde mantém um pequeno restaurante. Sobre sua relação com as prostitutas da área, a senhora comenta que sempre teve uma boa relação com “as veteranas”. De acordo com a senhora [...] “antigamente as prostitutas tinham respeito. Quando a família ia passando elas se recolhiam”. É recorrente na fala dos moradores entrevistados que as prostitutas antigas mantinham o “pudor” e o “respeito”. Contudo, é importante lembrar que no período da década de 70 o controle, as agressões às prostitutas eram constantes. Havia códigos morais rigidamente fiscalizados pelos órgãos da ditadura, que reprimiam duramente os sujeitos considerados “perigosos à moral”. Percebo que no contemporâneo a imagem das prostitutas mais jovens está frequentemente atrelada à imoralidade devido às roupas curtas e performances consideradas vulgares.

Sentada ao lado de Cinderela a senhora conta que vendia comida para as prostitutas, e que mesmo com a reabertura da zona ainda existiam diversos bares e boates destinados a prostituição [...] “tinha os bares Milani, Cascatinha, Casa Verde, Camponesinha, Copacabana Palace, Chuá, Canecão, Sambar”. A senhora, juntamente com Cinderela continuou falando

sobre os bares, sobre o movimento que existia à época: “tinha muito gringo”. Ainda sobre o universo da prostituição, dona Frances narra sobre as histórias que ouvia de antigos frequentadores: “Seu Esmael, ele era gigolô, ele falava que antigamente elas gostavam (as prostitutas) de ter um gigolô. Elas se arrumavam, tinham os guarda-roupas bonitos. Isso ele falava.” Dois dos quatro filhos de dona Frances foram adotados ainda na Campina, e são filhos de uma prostituta da área. Segundo dona Frances faz mais de dez anos que não vê a mãe biológica de seus filhos. De acordo com Cinderela e Lourdes era comum que moradores do bairro adotassem filhos e filhas de prostitutas. Tais narrativas revelam as diversas formas de relações mantidas entre moradores e prostitutas. Relações até certo ponto dúbias, onde a prostituta é tolerada desde que coloque-se no “seu lugar”.

A fala dos senhores revela que a relativa harmonia mantida por alguns moradores da área com as prostitutas, há ainda a visão estigmatizada sobre tal prática, constantemente associada à imoralidade e desorganização. Na perspectiva do senhor João a prostituição que se desenvolve atualmente na Campina deveria acabar. As reclamações de moradores que falam da “falta de moralidade” das prostitutas da área, que se oferecem aos transeuntes a luz do dia sem nenhum tipo de “pudor”, se mesclam também às narrativas sobre relações afetivas que envolvem, sobretudo, carinho, amizade, solidariedade e companheirismo entre as pessoas.

Por diversas vezes vi e ouvi Cinderela e Lourdes falarem e cumprimentarem os moradores, que em ocasiões de festa, serviços relacionados à saúde, ou mesmo, no cotidiano, frequentam o GEMPAC. Em um pequeno restaurante localizado na General Gurjão percebi que as prostitutas o utilizam como abrigo na hora da chuva, bem como é o lugar em que a maioria realiza suas refeições. Neste local pude perceber a relação de amizade e a descontração que elas mantêm com os donos do estabelecimento, que também são moradores do bairro.

Por ali também vi transitar diversos “filhos da puta”²⁵ que moram, trabalham, circulam no bairro, ou que fazem ou fizeram parte do GEMPAC – como Leila Barreto, Paulo Barreto, filhos de Lourdes, e Joyce Beverly filha de Cinderela – antigos gigolôs, boêmios e cafetinas. Um dos sujeitos interessantes que tive a oportunidade de conhecer durante a pesquisa foi um antigo gigolô que rapidamente passara pela instituição, carinhosamente tratado por Lourdes como Filé. Ele com uma bíblia em uma das mãos, rapidamente, cumprimentou Lourdes Barreto. Manteve um breve diálogo e seguiu para os seus afazeres prometendo retorno. De

²⁵ Categoria êmica utilizada pelas prostitutas ao se referirem aos filhos de mulheres prostitutas.

acordo com Lourdes, Filé era um homem muito bonito e um gigolô disputado entre as putas da área que hoje se converteu ao pentecostalismo²⁶.

Neste período também tive a oportunidade conversar com Dona Maria, antiga prostituta e moradora da Rua Riachuelo. Conheci um pouco da trajetória desta senhora e sua percepção sobre a prostituição na área. Maria Ferreira ou Dona Maria, como é conhecida, é natural do Município de Altamira - no interior do Estado do Pará. Trabalhou como prostituta no bairro da Campina ainda no período da antiga zona do meretrício, na década de 60 do século passado. Hoje a senhora reside em uma edificação antiga localizada na Rua Riachuelo juntamente com o marido, conhecido como “baixinho”, e um de um de seus quatro filhos. A cartolina na porta de sua casa anuncia a pequena venda sortida, que contém desde refeições, sucos, refrigerantes e cigarros. Fui levada até esta senhora através de Cinderela. Ao me receber dona Maria me leva a todos os quatro compartimentos da residência, demonstrando sempre seu cuidado pelo imóvel. Em suas narrativas, a senhora relembra sua vida na zona, seus passeios com os marítimos e como era a boemia do bairro.

Eu cheguei aqui eu tava com dezoito anos...completamente diferente isso aqui, General Gurjão, a outra rua... era bonita as casas, as mulher respeitavam tudo, as mulher bem vestida. Riachuelo também era tudo bonita as mulher e... tinha policial, mas os policial que tinha era pra guardar as mulher... a cavalaria, os homens tinha respeito com as mulher. A gente saia pra Condor, já fui mulher prostituta, mas graças a Deus, eu criei meus filhos bem, entendeu. Tem minha filha que tem marido, tem meu filho que tem a casa dele, tem o carro dele e o outro faleceu porque ele entrou no mundo das drogas e deram uma facada nele e ele morreu, era o mais velho. Tem meu filho que é deficiente também, mas... eu tô recuperando tudo direitinho, organizando ele, como eu já organizei.

É presente na fala de Dona Maria a ideia de moralidade. Para a senhora as prostitutas da década de 60 e 70 respeitavam, se comportavam de uma determinada forma: usavam roupas longas, andavam bem vestidas. Um discurso que se contrapõe aos padrões de prostituição da atualidade. Dona Maria fala constantemente sobre o fato de que seu trabalho na prostituição não impediu que ela pudesse constituir uma família, criar filhos e netos. Defende a ideia de que a mulher necessita se “dar valor”, e conduzir-se corretamente, pois a prostituição está envolta por certos códigos morais relacionados às performances, roupas e condutas.

Mas não é fator de eu ser uma mulher (prostituta), eu soube me dar valor! Tive respeito comigo. Uma mulher e um homem não veio me dizer assim: “tu é isso, tu é aquilo”, como eu vejo agora. Sempre me respeitaram, meus amigos me respeitavam. Me convidavam pra ir pra cinema, me convidavam pra ir almoçar, eu ia... com todo respeito. Eu nunca andei de short sequer vii?! Nunca! Só de calça comprida, saia e vestido.

²⁶ A interlocutora não informou a Igreja a qual Filé faz parte.

As narrativas de Dona Maria sobre a prostituição evocam lembranças saudosistas sobre a boemia, momentos em que sua trajetória se cruza as demais prostitutas entrevistadas, como Lourdes. Em suas narrativas Dona Maria apresenta um tempo humanizado (RICOEUR,1994) onde outro(Lourdes) torna-se referência. O tempo, desta forma, é marcado pela presença dos sujeitos junto a suas experiências naquele *locus* urbano. Desta forma, Dona Maria, Cinderela, Vitória entre outras prostitutas retomam um determinado período histórico atrelando- o a presença um sujeito de sua rede de pertença. A narrativa de Dona Maria exprime bem esta questão: “Tinha no tempo da Lourdes que a gente ia pra piscina, pegava esses “navio” que tinha, Anna Nery, não é?! O Roger da Fonseca, o princesa Leopoldina. A gente ia pra lá pros “navio”, a gente passeava, eles (marinheiros) levavam a gente... passeava nos “navio” da marinha, era a coisa mais bonita que existia!”

Ao longo do trabalho de campo percebi que as chamadas “raízes da prostituição” a que Lourdes se refere, perpassam as experiências dos sujeitos que têm as suas trajetórias pessoais atreladas de alguma forma àquele lugar, ao universo do bairro, àquelas paisagens citadinas. Estas pessoas sustentam, fixam, nutrem a prostituição na área e se constituem enquanto partes importantes da história da putaria em Belém.

Ao longo deste capítulo tentei mostrar a Campina enquanto um bairro-prostituta a partir do olhar das putas e, em parte, pelo de Lourdes. Tal ideia implica compreender que a história deste bairro é também a história das putas. Mais que isso, é compreender que as putas não só se configuram as paisagens do bairro, como são o bairro. Quando digo que as putas são o bairro afirmo que estas se sentem parte deste *locus* urbano— elas são a memória viva dele, seus percursos constituem as memórias do lugar (SILVEIRA, 2009) entranhadas no seu corpo - e junto a ele estabelecem relações tão íntimas que se pensarmos “na Campina” evocamos a imagem das putas, da zona na cidade de Belém. Implica, também, refletir que dentre as múltiplas intepretações possíveis acerca deste bairro, a Campina também é vista como uma puta companheira, que sofre por amor e pelo descaso de seus maridos e amantes, seus homens, que desdobram-se na figura do Estado, na perspectiva de Lourdes Barreto. A Campina representa uma paisagem feminina, um corpo fêmea agregador, porém estigmatizado e segregado. A ideia de bairro-prostituta compreende a puta enquanto paisagem e, além disso, percebe a Campina enquanto um lugar (TUAN, 1983) repleto de memórias onde as putas estabelecem laços e significados ao seu mundo, enfim, ao seu bairro no corpo de Belém.

Espero ter deixado claro neste primeiro capítulo que é impossível pensar as relações entre as prostitutas e o bairro estudado sem desenvolver uma discussão sobre poder e resistência. Um poder que na percepção de Foucault (2011) não reprime apenas com a força direta, mas que controla através do discurso e das instituições, que delimita um local para sexualidade – a zona do meretrício – e propõe a existência de corpos limpos e sadios.²⁷ É interessante refletir que se existem estratégias utilizadas por quem detém o poder (DE CERTEAU, 1994) para impor, controlar e adestrar determinados grupos, também existem as táticas, as astúcias cotidianas. Pelas esquinas, bares, boates e puteiros da Campina as putas resistem. A história da prostituição na Campina é marcada por um conjunto de estratégias e táticas (DE CERTEAU, 1994) tecidas entre o poder público, putas, boêmios e moradores. Entre amor e ódio, prazer e preconceito, penso que permanecer na Campina é uma forma de subverter e/ou resistir a certos dilemas do mundo urbano de Belém e a agitação de suas temporalidades (ROCHA& ROCHA, 2010; SILVEIRA 2009, 2016). Quando a zona foi fechada as putas foram para esquinas, se organizaram e criaram seu próprio movimento, constituindo um novo momento político e existencial para a zona. Entre alegria, sensualidade, violência e gozo: a Campina, esta fêmea, também possui putas histórias de lutas.

²⁷Basta mencionar o medo da sífilis e os constantes exames médicos aos quais as prostitutas eram submetidas. Hoje essa questão perpassa pelo controle do vírus HIV e das demais DSTS (Doenças Sexualmente Transmissíveis). O Ministério da Saúde realiza diversas campanhas em relação à prevenção e tratamento de DST/AIDS. Contudo, suas políticas de saúde se limitam a isso. Hoje o movimento de mulheres prostitutas questiona esta postura. Para o Movimento Puta, a saúde das prostitutas não se limita a DST/AIDS, é preciso prevenir e tratar outras doenças como hipertensão, diabetes, problemas mentais, entre outras formas de adoecimento.

CAPÍTULO II-O GRUPO DE MULHERES PROSTITUTAS DO PARÁ (GEMPAC) E A LUTA NAS ESQUINAS

2.1 - DA CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO PUTA À CRIAÇÃO DO GEMPAC

A luta pela dignidade e contra as diversas formas de violências sofridas pelas mulheres prostitutas fez surgir em finais da década de 80 um movimento inteligente e muito bem articulado, denominado pelas interlocutoras como “Movimento Puta”. Durante as minhas pesquisas de campo no GEMPAC, encontrei perdido junto ao enorme arquivo da instituição um documento que fala a respeito da construção deste movimento.

As consequências da convulsão política e econômica vividas pela sociedade brasileira durante os anos 60, fez surgir a esperança de pouco a pouco reconstruir sua luta organizativa rumo a um Brasil mais comprometido com o combate a corrupção, tráfico de influência, violência, impunidade e a todas as formas de discriminação contra o ser humano. E sustentada pelo espírito de luta, pela garantia de justiça e cidadania feminina, que em 1987, por ocasião do I ENCONTRO NACIONAL DE PROSTITUTAS, as prostitutas do Pará começaram a articular seu sonho de mobilização (Arquivo GEMPAC).

Este documento traça o início da trajetória política da instituição, contudo antes de adentrar no surgimento do GEMPAC é necessário refletir sobre como surgiu esse movimento em Belém do Pará. De acordo com Lourdes Barreto antes de falar sobre a criação das ONGs é necessário atentarmos para como surgiu o processo de mobilização. Segundo Lourdes, as putas que estavam mobilizadas na zona durante a ditadura não tinham espaços para dialogar e traçar estratégias de lutas: “nós não tínhamos um espaço político”. É nesse momento que a interlocutora fala sobre a Pastoral da Mulher Marginalizada. Esta instituição era atrelada à Igreja Católica, predominando o caráter assistencialista e tutelar sobre as mulheres. Embora existisse a intenção de retirar a pobre meretriz da zona e, a partir daí, ensiná-la o que era denominado pela sociedade como o “verdadeiro trabalho” destinado às mulheres, os espaços cedidos pela Pastoral eram utilizados e subvertidos pelas prostitutas: “Elas (membros da pastoral) nos levavam para fazer bordado, tricô, pintura, festejavam o nosso aniversário e nós aproveitávamos para falar da nossa vida, discutir sobre os problemas na zona”.

As putas ressignificavam estes espaços, utilizando de táticas (DE CERTEAU, 1994) para o desenvolvimento e autonomia em relação às suas lutas, proporcionando, assim, estrutura para encontros entre prostitutas de vários Estados do Brasil, pois “foi através da pastoral que eu conheci Gabriela Leite”. De acordo com a antropóloga Laura Murray (2016),

[...] “o movimento de mulheres prostitutas nasce de uma parceria entre Gabriela Leite e Lourdes Barreto quando pontuaram em uma reunião da Pastoral da Mulher Marginalizada em 1984, que as prostitutas precisavam falar por si” (MURRAY, 2016. p. 3).

Em Julho dos 1987 foi realizado na cidade do Rio de Janeiro o I Encontro Nacional de Mulheres Prostitutas, que tinha como tema “Mulher da Vida, é preciso falar”. Este momento não só marcou o início do Movimento Puta como a criação da Rede Brasileira de Prostitutas²⁸.



Fotografia 17- Primeiro Encontro Nacional de Mulheres Prostitutas. Fonte: www.sxpolitcs.org.

Posterior ao primeiro encontro foi decidido que uma estratégia interessante seria partir para a institucionalização, com a criação de entidades não governamentais locais que essas se interligassem, a partir da Rede Brasileira de Prostitutas, para lutar em prol dos direitos das mulheres prostitutas. Ainda, de acordo com o documento da instituição:

Entretanto, somente vieram conquistar personalidade jurídica em 01 de Maio de 1990, por ocasião da fundação do Grupo de Mulheres Prostitutas da Área Central – GEMPAC. Sua fundação foi efetivada por mulheres prostitutas dissidentes das ações de organizações católicas e de Organizações Não Governamentais – ONG’s. Essas mulheres perceberam que o caráter essencialmente assistencialista e os preconceitos, de certa forma limitavam a conscientização das prostitutas no Pará. Assim elas mesmas (com curtos passos) iniciaram um trabalho de formação política, baseada a realidade em que estavam inseridas, tanto na capital como no interior. (Arquivo GEMPAC).

²⁸Grupo formado por associações de prostitutas e entidades colaboradores, criado na perspectiva de unir forças na luta em defesa da cidadania e dos direitos da categoria.

Apesar do documento citar o nome da instituição como GEMPAC, em conversa com Lourdes e Leila Barreto, descobro que para que fossem aprovados em cartório todos os documentos necessários à criação da ONG, era necessário omitir a profissão, portanto, inicialmente o GEMPAC se chamava Grupo de Mulheres da Área Central. Em conversa com Leila, afirma que as primeiras atas do grupo nenhuma mulher se identificava enquanto prostituta. De acordo com Leila: “Aqui não tinha uma puta, elas eram domésticas, vendedoras, manicure”. Segundo Lourdes, no início as mulheres se reuniam em bares, esquinas, em casas cedidas por amigos, pois o grupo não possuía uma sede. Até o surgimento da sede permanente, localizada na Travessa Padre Prudêncio com a General Gurjão, o GEMPAC transitou por outros locais como as avenidas Almirante Barroso e Alcindo Cacela e, nessa trajetória, desenvolveu diversos projetos, quando seus membros participaram de inúmeros encontros de prostitutas, tanto a nível regional, como nacional e internacional.

Não me proponho nesta dissertação a fazer um minucioso histórico da instituição. Até porque a história do GEMPAC e suas contribuições à sociedade renderiam um trabalho mais amplo. Contudo, antes de atentar para a sua relação com o bairro é importante contextualizar seu surgimento e apresentar as demandas que norteiam a sua atuação institucional. A partir da documentação fornecida pela instituição, através do projeto do Puta Dei Federal de²⁹ 2016, o GEMPAC se define como:

Uma organização civil sem fins lucrativos, de âmbito estadual, com representação a nível regional e nacional, membro e fundador da Rede Brasileira de Prostitutas RBP e Membro brasileiro em Global Network of Sex Work Projects - NSWP. Não abolicionista, coordena e unifica a luta das trabalhadoras sexuais na defesa de seus direitos e emancipação política, social, econômica e cultural no Estado do Pará, cujo objetivo é fomentar através de suas ações a auto organização das prostitutas, que potencializam empoderem as mulheres à superação de preconceitos e tabus, que impedem o acesso ao exercício cidadão. Desenvolve ações e projetos através de 03 linhas básicas: Organização e Saúde Preventiva, Combate à Exploração infanto-juvenil e Geração de Renda. É administrada de forma colegiada, tendo seus associados como instância máxima para a condução política-pedagógica, planejamento, acompanhamento e tomada de decisões dentro de suas bases estatutárias(Arquivo GEMPAC).

Atualmente o GEMPAC é composto por um colegiado dividido em área executiva e coordenações temáticas. A parte executiva é distribuída em Coordenadoria Geral (Lourdes Barreto), Secretaria Administrativa (Leila Barreto), Secretaria Financeira (Amélia Garcia) e Mobilização Política (Maria Elias). As coordenações Temáticas são formadas pelas seguintes disposições: Combate ao trabalho infantil (Maria Silva), conselho fiscal (Maria Rita, Hellen e

²⁹ Evento de incidência ocorrido dia dois de Junho a nível nacional em comemoração ao Dia Internacional da Prostituta.

Telma), Geração de Renda (Jackeline) e organização das profissionais do sexo (Eunice Cinderela).

Outra questão necessária à discussão é que nem todas as prostitutas da área são militantes. No entanto, todas as mulheres da área são cadastradas e associadas, gozando, assim, dos diversos programas e parcerias realizadas. De fato, a instituição enfrenta um problema de mobilização na zona. Esta dificuldade se dá por diversos motivos: pela disponibilidade, afinal a militância toma tempo, e tempo para prostituta no exercício de sua função é extremamente precioso, por um posicionamento assistencialista³⁰, que algumas prostitutas esperam da instituição. Além disso, de acordo com Lourdes, o problema da mobilização política não está restrito apenas ao GEMPAC, é algo presente em outros movimentos sociais. Entretanto, quando pergunto qual seria o principal entrave à mobilização política em relação às prostitutas, Lourdes responde categoricamente que é o estigma.

Em paralelo à dificuldade de mobilização, o GEMPAC enfrenta graves problemas estruturais que dificultam o seu trabalho. Atualmente, a instituição não participa de nenhum projeto, e segue sua luta nas esquinas através de doações mensais, nem sempre assíduas da campanha intitulada “Amigos do GEMPAC”³¹. Para manter abertas as portas da instituição são mantidas parcerias com diversos setores da sociedade. Sobre este assunto Leila Barreto esclarece que o GEMPAC estabelece múltiplas “transas sociais e institucionais”. Leila Barreto, em seu Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Direitos Humanos, intitulado “Prostituição, a história recontada: transas sociais e institucionais em Belém”(2016), esclarece a noção de transa como sendo:

[...] um ato de transgredir, em profícuca e promíscua relação observada na organização desta categoria. Não só na diversidade das relações estabelecidas, mas na construção dos espaços de empoderamento empreendidos, o lugar assumido diante da demanda governamental às prostitutas organizadas. Nas tensões e ações do Estado em tentar tirá-las das esquinas e a resistência destas em manter a relação com o Estado, mas não perder sua identidade, seu espaço na rua, na cidade. O que chamo neste trabalho de transas sociais e institucionais (BARRETO, 2016. p. 7).

Neste sentido, segundo Leila, o GEMPAC transa com a Igreja, o Estado, os estudantes, os movimentos populares, enfim, com diversos setores da sociedade, e desta forma, garante sua permanência na luta. Em relação às “transas” que a instituição mantém com o Estado é

³⁰ Segundo Lourdes Barreto, o GEMPAC não é uma instituição assistencialista e sim uma organização que luta pela autonomia e pelos direitos políticos das prostitutas.

³¹ Amigos do GEMPAC é uma campanha em que voluntários que desejam ajudar a instituição doam, mensalmente, uma quantia mínima de vinte reais. É desta forma que a instituição consegue pagar as contas de energia e água, por exemplo.

interessante pensar que se o Estado se utiliza de estratégias (DE CERTEAU, 1994) para retirar as putas da zona, elas, por sua vez, ressignificam tais medidas subvertendo-as, se utilizando de táticas para reforçar sua luta.

Para compreendermos todo o processo de crescimento e financiamento do GEMPAC, é interessante analisar como esta instituição conseguiu durante vinte e seis anos se manter e realizar diversos projetos. Ao longo de sua criação o GEMPAC e as demais ONGs brasileiras, desenvolveram uma série de parcerias com instituições que financiam seus projetos. De acordo com a documentação disponibilizada pela instituição:

De 1994 a 2007, (o GEMPAC) realiza em parceria continuada e consolidada com programa Nacional de DST/AIDS, UNDCP e UNESC e com ICCO- Organização Inter eclesial para cooperação do Desenvolvimento- ONG Holandesa, um conjunto de projetos que fomentaram diversas ações traduziram na estadualização e regionalização do GEMPAC, Encontros Estaduais e Seminários Regionais da categoria, suas metas de auto sustentabilidade e desenvolvimento institucional por meio do trabalho do fomento de geração de renda e o efetivo enfrentamento a exploração sexual de jovens. Atuais nas áreas urbanas e rurais, garimpos, estradas e fronteiras, alcançando em suas metas as prostitutas, seu público alvo prioritário, bem como a população garimpeira, caminhoneiros, mulheres de parceria fixa, jovens adolescentes e familiares; e populações do entorno de sua área de intervenção. Com os resultados alcançados efetiva-se no Estado do Pará à referência na política de prevenção e organização da classe, inclusive capacitando ONGS e OGS, contribuindo na expansão e compreensão da Política Nacional em DST/HIV/AIDS e Auto-organização de mulheres prostitutas e combate à exploração sexual de jovens na região Norte(Projeto Puta Dei, 2016).

Em relação a estas parcerias há, de acordo com Leila Barreto, uma série de avanços pontuados no documento citado acima, que levaram à conquistas significativas no movimento, contudo, este processo de institucionalização engendrou entraves que, de acordo com a instituição, devem ser superados. De acordo com a antropóloga Laura Murray (2015), nesse processo de institucionalização para permanecerem ativas, estas ONGs tiveram que se adequar às exigências burocráticas dos órgãos financiadores dos projetos. Este processo burocrático, que perpassa pela imensa quantidade de relatórios, prestações de contas, entre outros documentos que afastam-nas das esquinas criou dilemas para o coletivo. Nota-se que estas mulheres, por vezes, passam mais tempo produzindo documentações do que dialogando com as prostitutas da área. Este também é um fator que certamente distancia o movimento do público alvo, e dificulta o processo de mobilização na área. Entretanto, desde 2011 o GEMPAC iniciou um processo de reflexão acerca de tais questões, que marca uma “volta às esquinas”.

Em 2011 retoma a quebra da institucionalização de suas metas e ressignificação dos avanços do movimento de prostitutas no Brasil. “Volta às Esquinas” marca este momento e amplia a articulação por meio de estratégias culturais e comunicacionais. Com o foco no combate a violência com base em estigma e discriminação – que traduz forte negação da identidade e desmobilização da categoria (Projeto Puta Dei, 2016).

Tendo o estigma como principal entrave à mobilização da mulher prostituta, o GEMPAC se propõe a fomentar eventos de incidência, junto a trabalhos estratégicos para a construção de identidade positiva em relação a profissão e, assim, volta aos debates em torno da violação dos direitos. Estas estratégias (DE CERTEAU, 1994) utilizadas pelo grupo para promover a quebra do estigma e a valorização da prostituta, apontam para a construção do que as interlocutoras classificam como “identidade puta”, enquanto forma de empoderamento e enfrentamento ao preconceito.

Outra questão levantada por Leila neste debate é que determinados projetos propostos pelo Estado, destinados ao GEMPAC, tinham como objetivo “tirar as mulheres da prostituição”. Na década de 90 foram doadas diversas máquinas de costuras a esta instituição, com o objetivo de fazer com que mulheres prostitutas permanecessem realizando trabalhos de costura. Contudo, o projeto destinado à retirada da puta da esquina além de complementar a renda de prostitutas, algumas como afirma Lourdes Barreto mulheres idosas, garantia a sustentabilidade a instituição.

Ao mesmo tempo em que existia nos projetos a tentativa de retirar as mulheres da prostituição, os membros do grupo se utilizavam de táticas (DE CERTEAU, 1994) para manter a sustentabilidade da instituição. Hoje, percebo que se a burocracia dos projetos propostos pelo Estado eram um entrave aos trabalhos na área, a falta de recursos (obtidos, sobretudo, com estes projetos) de certa forma dificulta a atuação da instituição na área. Sobre o assunto, Lourdes Barreto, explica que é algo generalizado, pois todos os movimentos sociais e ONGs na atual conjuntura política sofrem um momento complicado de falta de recursos.

Fui testemunha de que a vontade de abrir as portas do GEMPAC é o que move essas mulheres. Por vezes, sem água, luz, comida ou dinheiro do transporte, estas mulheres seguem firmes carregando com unhas e dentes a instituição. A proposta para seguir na luta com condições adequadas é investir na sustentabilidade. Atualmente o GEMPAC tem como projeto montar um salão de beleza, junto a outros serviços, não para retirar a puta da zona, mas para manter uma instituição com a grandeza e importância na luta pelos direitos de mulheres prostitutas aberta, e com estrutura para seguir em frente nesta caminhada. A proposta é gerar renda para manter a sede.

É importante deixar claro que ao falar sobre o GEMPAC e as lutas nas esquinas é inevitável dialogar, mesmo que brevemente, sobre suas relações dentro e fora do bairro, visto que esta ONG recebe demandas locais (ligadas, inclusive, a realidade do espaço ao qual faz parte) e gerais, pertinentes ao movimento de mulheres prostitutas.

2.2 - O GEMPAC E SUA RELAÇÃO COM A CAMPINA

No que tange à relação das putas militantes com o bairro e os sujeitos que o compõem, questiono-me, o que significa, afinal, a fala de Lourdes Barreto quando afirma: “O GEMPAC funciona como uma associação de moradores”? Ou quando Lourdes se refere ao GEMPAC como um homem que cuida, e se preocupa, com a Campina?

Parece-me que a luta pela permanência das putas (e de suas memórias) no seu lugar é, também, a luta pela resistência no e do bairro. A fala de Leila Barreto em uma reunião com os moradores da Campina foi extremamente esclarecedora, principalmente num momento da pesquisa em que eu me questionava sobre que relação era essa que o GEMPAC mantinha com o bairro. Lembro que Leila olhou para todos que estavam ali e disse que para o GEMPAC permanecer aberto, eles precisariam lutar por um bairro melhor para se viver. O bairro da Campina não é apenas um logradouro onde fica localizada a sede da instituição, ele está inevitavelmente atrelado às trajetórias de seus membros, seja através da experiência na batalha ou na militância. Da mesma forma, a instituição reconhece a importância do bairro para a história da prostituição em Belém. O fato de uma instituição que luta pelos direitos de prostitutas ficar localizada num espaço reconhecido como *locus* de prostituição mais antigo e importante de Belém facilita ações políticas e amplia os laços afetivos com o lugar.

O GEMPAC funciona três vezes na semana (terças, quartas e quintas-feiras), o horário de abertura varia em função da disponibilidade de seus membros. Portanto, ele pode abrir às 10 horas da manhã ou meio dia, e fechar às 18 ou 17 horas. Tudo depende das demandas apresentadas e discutidas pelo grupo. Pensar o GEMPAC como uma associação de moradores é refletir que esta instituição estende sua luta ao lugar, ao bairro. É pensar que o embate é pelo direito das prostitutas, mas é também pelo direito à cidade. Neste sentido atribui um valor afetivo ao lugar, e por isso é válido lutar por um bairro que tenha políticas públicas, segurança e serviços de saúde adequados.

Dentre seus vinte e seis anos o GEMPAC mantém sua atuação em assuntos que não se limitam à prostituição, se mantendo ativo em projetos como o “Não Deixe a Luz da Esquina

se Apagar”, que primava pela melhor atenção ao bairro da Campina, principalmente pelo poder público. Em diversos eventos o grupo organizou festas e mutirões com o objetivo de ocupar os espaços permeados por matagais no bairro, transformando-os em áreas de lazer. Este projeto ganhou certo destaque entre os meios de comunicação, trazendo certa visibilidade ao grupo.

O programa “Formativo Informativo”³², que distribui preservativos e propõe a conscientização em torno das DSTs, não está restrito unicamente às prostitutas e, sim, a todos os moradores e trabalhadores do bairro que desejem participar. Junto a isso esta instituição também recebe doações do Programa do Governo Federal Mesa Brasil e distribui alimentos entre prostitutas e moradores do bairro. Também pude acompanhar ações como a do consultório de rua, com a presença de enfermeiros e agentes comunitários de saúde, bem como de serviços de assessoria jurídica e a emissão de documentos que atendiam transeuntes, moradores, trabalhadoras e trabalhadores da área.



Fotografia 18- Entrega de preservativos no Programa Formativo Informativo. Fonte: facebook. 2016.

Sobre os serviços destinados à comunidade Valéria da Silva (29 anos), moradora do bairro fala da importância da instituição para os moradores: “Eles são muito voltados para prostitutas, mas a gente vai e tem projetos de saúde, a gente vai lá faz exame, ainda mais que aqui não tem um posto de saúde”. Sobre sua participação no projeto destinado aos jovens, filhos de prostitutas e de moradores do bairro, denominado “Ateliê da Vida”, Valéria comentou que:

³² Programa destinado à realização de entrega de preservativos e orientação em relação à DST/AIDS.

Quando eu tinha 16 para 17 anos eu fiz curso de teatro lá (GEMPAC), tinha auxílio do governo, vale transporte. A gente fez um espetáculo que se chamava: “Quiproquó Pai d’égua; Nazaré nem sabe se foi assim”. Sabe o Auto da Compadecida? Foi tipo assim, mas com a história de Belém. Na verdade o GEMPAC tinha um projeto para ocupar os jovens. A gente aprendia as coisas, foi muito importante! Meus colegas fizeram, os filhos das prostitutas fizeram. Tinha um psicólogo que fazia acompanhamento. “Nós ganhávamos uma bolsa de cinquenta reais, vale transporte e alimentação”(Valéria, 2017).

Além desses serviços destinados à comunidade é interessante pensar nos laços de amizade entre os membros desta instituição e os moradores da Campina. É comum a instituição receber a presença de alguns moradores, amigos de longas datas que por ali circulam, sentam, tomam um cafezinho relembrando as histórias passadas e colocando as novidades em dia. Nos meus primeiros meses de trabalho de campo pude perceber a visita constante de um morador da área, que possui um depósito de água próximo à instituição. O senhor costumava visitar a instituição todos os dias em que esta permanecia aberta, quando mantinha um diálogo constante que se estendia pela tarde adentro. Conversava sobre os problemas familiares que lhe afligiam, sobre a violência urbana, entre outros assuntos cotidianos, e assim o senhor passava boa parte de suas tardes num, aparentemente, prazeroso diálogo.

É necessário refletir que essa relação também é tecida por estigmas e tensões. Por duas vezes fui procurada por amigos da instituição (dentre eles um morador) para conversar com as putas, pois na perspectiva dos senhores não é necessário que essas mulheres se afirmem enquanto prostitutas, não era necessário falar “sobre o que realmente faziam”. Para esses senhores, eu deveria assumir uma postura assistencialista e ajudar as putas largar a prostituição. Mal sabiam eles que a pesquisadora não tem intenção nenhuma de retirá-las de lá, muito pelo contrário, quero vê-las nas esquinas e na luta por muito tempo, ou pelo menos pelo tempo em que estas se permitirem ficar na batalha. Quero vê-las entoado sempre suas vozes, pois meu objetivo ali sempre foi ouvi-las.

2.3 - O CARÁTER COSMOPOLITA

O GEMPAC mantém uma forte relação com o bairro, funcionando, inclusive, como uma associação comunitária, neste sentido, é interessante pensarmos como esta instituição ultrapassa as fronteiras locais, se articulando a outros contextos através da rede de mulheres prostitutas tanto a nível nacional como internacional. A luta pelos direitos de mulheres prostitutas é entendida tanto pelo movimento quanto por mim nesta pesquisa como lutas por direitos humanos, ou como bem analisa José Miguel Nieto Olivar (2007), pelo “direito humano de ser puta”. Neste sentido, partindo dos estudos de Ulrich Beck (2007), Boaventura de Sousa Santos (2005), Kawame Appiah (2006) e Gilberto Velho (2010), acredito que o GEMPAC apresenta uma interessante capacidade cosmopolita que fortalece e expande sua luta.

Pensar o cosmopolitismo implica, inevitavelmente, falar em globalização e mundialização. Porque significa, também, pensá-lo no plural, em cosmopolitismos, percebendo-o nas suas diversas formas, levando em consideração os contextos sociais, as trajetórias e as formas como os sujeitos se relacionam dentro dele (VELHO, 2010). No âmbito das discussões propostas sobre o assunto, Ulrich Beck (2007) analisa o processo de globalização como “um novo jogo de poder mundial que implica redefinir as regras de poder entre os Estados-Nação, o capital e os movimentos da sociedade civil” (BECK, 2007, p. 2).

Nesse processo, segundo Beck, os Estados-Nação perderam suas forças frente ao crescimento do grande capital oriundo de empresas transnacionais. Longe de compreender os sujeitos de forma passiva diante desse fenômeno, Beck ressalta a importância da luta política e da organização de grupos a nível transnacional, como uma alternativa possível. De acordo com Beck:

Tenho uma visão ativa da globalização. E uma de minhas ideias principais é que os atores políticos devem começar a aprender como organizar a si mesmos e identificar-se com políticas transnacionais, construindo, como o capital global já o fez, um novo espaço para a política a nível transnacional. Inventando novas formas de cooperação entre os Estados, entre a sociedade civil, atores que incluam contextos nacionais diferentes para se ter uma visão de mundo globalizado e localizado ao mesmo tempo. O conceito apropriado para definir isto seria “soberania de inclusão”(BECK, 2007, p. 2).

De acordo com Ulrich Beck, o cosmopolitismo enquanto alternativa que difere ao processo dominador e desigual que constitui a globalização, implica levar em consideração outras formas possíveis de relações entre nações, culturas, políticas e economias. A

mundialização, por sua vez, é o processo que decorre na aproximação de pessoas, o contato e influências entre elas a partir das mais variadas formas de aproximação (contato face a face, econômico, entre outros).

O cosmopolitismo, nesse sentido, pode ser visto enquanto uma forma de consolidar meios mais harmônicos de viver em um mundo a cada dia mais conectado, menos isolado, onde coexistem múltiplas culturas e realidades distintas (VELHO 1994). De acordo com o filósofo Kwame Appiah (2006), na lógica cosmopolita deve-se ter a ideia de respeito às diferenças, e de que temos obrigações que se estendem muito além de nossos laços de parentesco e de cidadania, quando devemos valorizar, acima de tudo, a vida humana. Na crítica a um cosmopolitismo eurocêntrico, de um governo único que pensa a humanidade de forma homogênea, Appiah se propõe pensar num cosmopolitismo que valoriza a diversidade humana.

Ainda, sobre os debates em torno da globalização e do cosmopolitismo, Boaventura de Souza Santos (2005) analisa dois tipos de globalização: uma pautada no modelo neoliberal e uma globalização contra- hegemônica. Segundo Boaventura:

Designo por globalização contra- hegemônica o conjunto vasto de redes, iniciativas, organizações e movimentos que lutam contra as consequências econômicas, sociais e políticas da globalização hegemônica e que se opõem às concepções de desenvolvimento mundial a esta subjacentes, ao mesmo tempo que, propõem concepções alternativas (SANTOS, 2005, p. 7).

Este tipo de globalização, segundo o autor, atua contra as desigualdades produtoras de exclusão social. A globalização contra-hegemônica apresenta um “ethos redistributivo” (SANTOS, 2005), priorizando, segundo o autor a [...] “redistribuição de recursos, materiais, simbólicos, sociais e políticos” (SANTOS, 2005. p. 8). A redistribuição para o autor implica práticas mais igualitárias e o respeito às diferenças. Para Boaventura existem formas político-jurídicas alternativas que admitem relações de autoridades mais igualitárias. Tais práticas igualitárias são denominadas por ele de “política e legalidade cosmopolita subalterna” (ibid., 2005.p. 8).

Partindo deste debate, segundo o antropólogo Gilberto Velho (2010:15), “[j]á faz parte do senso comum identificar metrópole como cosmopolitismo”. De acordo com o autor, tal referência traz consequências para a análise do tema, pois nem todos os sujeitos cidadãos usufruem igualmente desse “ethos cosmopolita”. Gilberto Velho analisa o cosmopolitismo na cidade partindo de suas pesquisas sobre trajetórias, para pensar como no universo cidadão, palco de inúmeras formas de sociabilidade, trajetórias e múltiplas realidades, marcadas pela

heterogeneidade cultural. Os sujeitos experienciam a urbe e lidam com as diferentes formas de cosmopolitismo. Ainda, de acordo com o autor: “Obviamente, há vários tipos de cosmopolitismo que se diferenciam, histórica e culturalmente, em função de circunstâncias, posição, carreira e trajetórias sociais.” (VELHO, 2010, p. 18).

Ao analisar a trajetória de uma família açoriana nos Estados Unidos, Velho (2010) percebe que as diferentes gerações lidam com essa nova vida de maneiras distintas. Os jovens lidam com a nova vida com mais facilidade, estes experienciam a cidade, sua língua e sua cultura de forma mais aberta, ampliando suas redes de sociabilidade para além do círculo de parentesco enquanto seus pais se mantêm mais retraídos à mudança, preservando tradições. Segundo Velho (2010): “Assim a viagem, o processo de migração, a inserção em uma nova sociedade e em uma grande cidade não se traduzem em um cosmopolitismo homogêneo que possa ser compreendido como uma variável simples e linear.”³³

Para Gilberto Velho o cosmopolitismo não está restrito ao mero deslocamento geográfico, mas a capacidade de transitar em diversos meios sociais, de perceber e decifrar pontos de vista, de socializar, de perceber e respeitar as diferenças. Para exemplificar seu pensamento, o autor cita como exemplo o escritor brasileiro Machado de Assis. Em sua biografia o escritor nunca foi apresentado enquanto homem do mundo porque viajado, contudo, sua percepção sobre os diferentes perfis de pessoas, lugares, sua capacidade de reflexão, presente em suas obras o caracterizariam, segundo Velho, como um cosmopolita.

Diante desse universo conceitual complexo e rico é interessante, portanto, atentarmos para as diferentes visões a respeito de cosmopolitismo, nos diversos contextos em que são produzidas e a que estão direcionadas. Nessa perspectiva, a partir das múltiplas visões de cosmopolitismo estudadas aqui, tal conceito está diretamente ligado ao saber viver em um mundo cada dia mais conectado, permeado por múltiplas culturas, onde o local pode interferir no global. O cosmopolitismo possibilita a diversos grupos unificarem suas lutas em prol da busca por direitos e pela valorização da dignidade humana.

Nesse sentido, podemos analisar o cosmopolitismo presente em grupos que se organizam para além de fronteiras geográficas, políticas, culturais, econômicas, articulando resistências e agenciando as realidades. Tais questões me permitem pensar diferentes formas de táticas (DE CERTEAU, 1994) utilizadas por grupos historicamente marginalizados que buscam ter suas vozes de fato ouvidas (SPIVAK, 2010) e seus direitos garantidos.

³³Ibid., 2010.

A integração entre ONGS de Mulheres Prostitutas, como é o caso do GEMPAC (Grupo de Mulheres Prostitutas do Pará), DAVIDA e DASPU, de São Paulo, e as demais instituições/grupos que lutam pelos direitos de prostitutas, em redes nacionais como a RBP (Rede Brasileira de Prostitutas)³⁴, CUTS (Central Única de Trabalhadores(as) do Sexo), ou internacionais NSWP (Global Network of Sexy Work Projects), Fundo Red Umbrella, PLAPERTS (Plataforma Latino Americana de Personas que Ejercen el Trabajo Sexual), entre outras, possibilita analisar o caráter cosmopolita de tais movimentos que não estão restritos apenas às suas localidades, pois se expandem e interligam suas lutas de maneira globalizada.

Longe de encarar tais grupos de forma uniformizadora é importante ressaltar que cada um deles apresenta histórias e demandas locais, entretanto, é interessante ressaltar o caráter cosmopolita com o qual tais associações mantêm ligações, no sentido de que são levantadas bandeiras de luta contra a discriminação para com a mulher prostituta, contra a exploração sexual e o reconhecimento de suas atividades laborais enquanto profissão, entre outras demandas colocadas como pautas comuns de luta.

O grupo ao qual atrelo esta dissertação, o GEMPAC, desenvolve várias atividades entre as mulheres prostitutas do bairro da Campina, Belém, onde mantém parceria com instituições de atuação na Prevenção e Tratamento de DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis), como o Ministério da Saúde, entre outras, além de integrar o movimento nacional. A instituição tem ligações internacionais em prol da luta a favor de mulheres prostitutas. A principal fundadora do GEMPAC, Lourdes Barreto, ao lado de Gabriela Leite, fundadora da DAVIDA, é uma das mais ativas militantes no Brasil e, porque não dizer do mundo, lembrando que o Brasil é referência no que diz respeito à militância de mulheres prostitutas.

De acordo com a fala de Leila Barreto registradas em uma de minhas visitas a campo no ano de 2015, colocou-se em pauta enquanto objetivo do grupo a discussão sobre direitos humanos. A luta contra a violência simbólica, física, policial, contra o abuso sexual, o tráfico de seres humanos e o reconhecimento da prostituição enquanto profissão, desvinculadas de visões vitimizadoras e moralizantes passaram a ser demandas de diversos ONGS de mulheres prostitutas que a partir da militância articulada somam suas lutas. Ainda de acordo com Leila, [...] “a grande sacada deste movimento, foi que desde o início elas se articularam em redes”. A criação de uma Rede Brasileira de Prostituição que promove articulação entre as diversas ONGs do Brasil é de fundamental importância para o movimento. Estas mulheres desde o

³⁴ Grupo de associação de prostitutas e entidades colaboradores com a luta em defesa da cidadania e dos direitos da categoria.

início da formação do movimento se articulam através de encontros e de visitas, reuniões, onde são discutidas e debatidas as principais questões referentes ao movimento de prostitutas.

Durante a participação de eventos promovidos pelo grupo percebi que alguns integrantes que estavam no local mantinham contatos através do uso da internet com membros de grupos de mulheres prostitutas de outros países, fato que destaca o caráter cosmopolita desta instituição.

Partindo do debate exposto acima sobre cosmopolitismo percebo que uma das maiores bandeiras levantadas pelos teóricos aqui estudados, é a de ressaltar a luta por direitos humanos, prevalecendo, assim, o respeito ao próximo, à natureza e às diferenças. A organização em grupos que, como o GEMPAC, se unem através de pautas comuns para conquistar direitos é para autores como Beck (2007) e Boaventura de Souza Santos (2005), de fundamental importância para a formação de uma sociedade cosmopolita justa e igualitária, por isso, capazes de contribuir para a transformação das feições do mundo contemporâneo.

2.4 - PROSTITUIÇÃO: TRABALHO, IDENTIDADE E ESTIGMA

Os debates sobre prostituição estão permeados por múltiplas perspectivas e posicionamentos. Em torno destes debates pode-se perceber que a prostituição segue sistemas políticos e jurídicos que conduzem as formas como os Estados, ou grupos, se posicionam sobre a atividade, são eles: proibicionista, abolicionista, regulamentarista e laboral (BARRETO, GROSSI, MAYORGA, 2010; TAVARES, 2002). No sistema proibicionista a prostituição é considerada crime, sendo penalizados todos os agentes envolvidos (prostitutas, facilitadores, proxenetas e clientes). A perspectiva abolicionista tem como objetivo acabar com a prostituição, pois considera a atividade como uma forma de violência e exploração. Tal percepção é liderada, sobretudo, por determinados grupos feministas, dentre estes as feministas radicais, e os membros de instituições religiosas como a Pastoral da Mulher Marginalizada. De acordo com os discursos do feminismo radical a prostituição é uma das principais formas de exploração da mulher pelo patriarcado. Tal percepção desconsidera as vozes emanadas pelos movimentos de prostitutas e exclui toda forma de agência e diversidade destes grupos. É válido ressaltar que o Brasil é um país abolicionista desde 1951, conforme Letícia Barreto, Mirian Grossi e Claudia Mayorga (2010):

O Brasil é considerado abolicionista, tendo assinado em 1951 o Tratado Abolicionista Internacional, da ONU, e a legislação nacional entende como legal a

prostituição, mas ilegais os empreendimentos vinculados a esta e também o rufianismo (BRASIL, 2002). Há ações de controle e de supressão e intervenções de caráter profilático e moralizador, como destaca Cristiana Pereira (2005). No contexto nacional podemos observar traços abolicionistas na Pastoral da Mulher Marginalizada (PMM) e na Marcha Mundial das Mulheres (MMM), grupos presentes no contexto de Belo Horizonte. A Pastoral, fundamentada em visões cristãs, acredita que as prostitutas devem ser resgatadas, trabalhando sua dignidade, associada a projetos de geração de renda, quer, em última instância, retirar as mulheres da prostituição (TEDESCO, GROSSI, MAYORGA, 2010, p.4).

O terceiro sistema apresentado é o regulamentista. Neste sistema a prostituição é tolerada, pois tanto a prostituta como os demais agentes envolvidos na prostituição não são penalizados. Contudo, o regulamentarismo pode engendrar políticas higienizadoras e cerceadoras³⁵. Barreto, Grossi e Mayorga (2010) consideram tais sistemas como eixos de análise sobre a prostituição e dentre os já citados acrescentam ainda o eixo laboral, atrelado diretamente às reivindicações dos movimentos de mulheres prostitutas. Para essas autoras no eixo laboral:

[...] encontramos a visão da prostituta como uma trabalhadora, noção esta profundamente influenciada pela emergência destas como sujeitos políticos, muitas vezes organizadas em torno de um movimento, mais ou menos consolidado. Se acredita que as explorações ocorridas são frutos do estigma e do isolamento, sendo necessário lutar por melhores condições de trabalho (OSBORNE, 2002), já que a violência estaria associada ao caráter informal e subterrâneo da atividade (KEMPADOO, 2005; BARRETO, GROSSI, MAYIORGA, 2010, p. 5).

É importante deixar claro que apresento um posicionamento em relação a este debate. Encaro a prostituição enquanto trabalho que, como bem analisa José Miguel Nieto Olivar (2014), apresenta suas particularidades. Por isso, de acordo com o autor, falar que a prostituição é um trabalho como outro qualquer mascara suas especificidades e reduz a análise.

³⁵ Id., 2010.



Figura 02- Desenho do GEMPAC. Fórum Red Umbrella. Fonte: observatório da prostituição/IFCS/UFRJ.2016.

Como bem afirma Olivar nenhum trabalho é como outro qualquer, todos guardam singularidades e características próprias. Ainda, de acordo com este antropólogo, compreendo a prostituição não apenas como a troca de sexo por dinheiro, pois a partir de minhas pesquisas de campo percebi que a prostituição engendra relações que extrapolam o âmbito econômico e sexual. Tal prática se configura enquanto um conjunto de relações possíveis (OLIVAR, 2013) porque intimamente atreladas às experiências dos sujeitos no cotidiano. De acordo com José Miguel Olivar (2013):

[...] prostituição é também uma imagem, uma ideia, um feixe de relações simbólicas (WAGNER, 2010; STRATERN, 2006), que padece de uma relativa estabilidade de valor negativo no Ocidente, enquanto guarda-chuva axiomático, imagético, que envolve e constrói (e é envolvida e construída por) uma diversidade indeterminada de práticas nem todas econômicas, nem todas sexuais (OLIVAR, 2013, p. 33).

Pareceu-me ser esse o caminho a seguir quando resolvi estudar as prostitutas da Campina. A prostituição extrapola o econômico e o sexual já que ganha outros contornos, pois evoca afetos e permeia movimentos de luta, identidade, liberdade, sociabilidades, que não podem ser explicados unicamente por um estudo voltado às relações entre homens e mulheres, num contrato que envolve sexo e dinheiro. Se a prostituição é um “feixe de relações simbólicas”(idem, 2010, p. 33) pretendo atentar, neste tópico, para questões específicas que norteiam as falas e lutas que emanam no corpo da instituição ao qual atrelo minha pesquisa: trabalho, identidade e estigma. Estes aspectos que atravessam o universo da prostituição

permanecem intimamente ligados e são de extrema importância para atentarmos às complexidades deste universo.

No que se refere aos debates em torno da temática do trabalho é válido ressaltar que a prostituição no Brasil, realizada de forma autônoma e consciente por indivíduos maiores de idade, não é considerada prática criminosa. O que é considerado crime é a criação de estabelecimentos direcionados a tal prática, como por exemplo, boates e casas de prostituição sob responsabilidade de um cafetão ou cafetina, sob pena de um a quatro anos de prisão enquadrados no crime de rufianismo. Além disso, também é considerado crime facilitar o trânsito de pessoas para outros Estados ou países para que estas se prostituam, sob pena de tráfico de pessoas. A prostituição é legalmente reconhecida enquanto ocupação desde o ano de 2002, segundo a antropóloga Soraya Simões (2010) o reconhecimento da prostituição enquanto ocupação tornou-se uma das principais pautas de reivindicações do movimento de mulheres prostitutas de diversos países, inclusive do Brasil. Estes movimentos contaram com o apoio do Ministério da Saúde e do Ministério do Trabalho e Emprego que se desenvolveu segundo Simões da seguinte forma:

Utilizando a ‘metodologia por pares’ e beneficiando-se da ideia de agente ‘multiplicador,’ ou seja, da ação de um membro da categoria informando os outros membros sobre determinado problema e modos de agir, o Ministério da Saúde não só consubstanciou a formação das associações como as transformou em seu “braço direito” no combate às doenças venéreas e AIDS. O auxílio institucional e financeiro para campanhas de fortalecimento da identidade coletiva representou a consolidação de um novo capital social e político e, do mesmo modo, cumpriu o papel de um *seed money* que veio contribuir para o processo de definição da categoria como uma *ocupação* reconhecida pelo Ministério do Trabalho” (SIMÕES, 2010, p. 26).

De acordo com Marlene Rodrigues (2009) a inclusão da prostituição por parte do Ministério do Trabalho e Emprego, além de significar uma importante vitória do movimento de mulheres prostitutas representa um avanço significativo, sobretudo no tipo de políticas destinadas às prostitutas. De acordo com a autora, com a profissão reconhecida pelo CBO:

[...] há que se ressaltar o fato dessa iniciativa significar uma alternativa às soluções policiais – sob a responsabilidade de autoridades policiais ou sanitárias – ainda bastante demandadas em diferentes segmentos da sociedade brasileira (RODRIGUES, 2009, p.71).

Além da luta pelo reconhecimento enquanto ocupação, as articulações políticas do movimento de mulheres prostitutas foram fundamentais para o desenvolvimento dos projetos de Lei (PL nº 3436/1997) proposta pelo Deputado Wigberto Tartuce (PSDB/DF), (PL nº 98/2003) desenvolvido em 2003 pelo o Deputado Fernando Gabeira, e o Projeto de Lei

Gabriela Leite (PL nº4.211/2012) proposto pelo Deputado Jean Wyllys, do PSOL. Dentre estas propostas duas delas são passíveis a crítica tanto por intelectuais quanto pelo próprio movimento de mulheres prostitutas. Sobre a proposta de Wigberto Tartuce de acordo com Cláudia Fonseca e Elisiane Pasini (1998) o projeto tem um caráter higienizador e destoa dos interesses das mulheres prostitutas:

Wigberto Tartuce declara aos jornais que, ao trazer esse projeto para o Congresso Nacional, seu objetivo principal é evitar a disseminação do vírus da AIDS: “Eu estive com prostitutas quando era jovem. Peguei doenças simples e me curei com antibióticos. Tive sorte, porque naquela época não havia AIDS”. Ele estipula portanto na proposta de lei: “É obrigatório aos profissionais [...] o cadastramento em unidades de saúde e o exame mensal para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis... [Esses] exames deverão ser devidamente anotados em cartão de saúde de acompanhamento de doenças sexualmente transmissíveis” (FONSECA & PASINI, 1998, p. 4).

A PL proposta por Jean Wyllys gera no seio do movimento inúmeras discussões, sobretudo no aspecto que reserva cinquenta por cento do pagamento do programa aos donos das casas de prostituição. De acordo com Leila Barreto, houve pouca participação do movimento nesta proposta de Lei (principalmente em relação a anterior de Fernando Gabeira), o que foi duramente criticado por parte da militância. Por outro lado, outros membros deste movimento acreditam que apesar das lacunas, este projeto é o que tem de mais concreto em relação ao reconhecimento da profissão e que, se aprovado, posteriormente, o próprio movimento articulado pode propor modificações.

Em uma conversa com Vitória, prostituta atrelada ao GEMPAC, que atua há mais de 30 anos no bairro da Campina, esta me contou do desejo de ver seus direitos garantidos na profissão e das dificuldades que enfrenta com o preconceito. Dentro das disposições propostas no Projeto de Lei Gabriela Leite, a partir de 25 anos de serviço este profissional terá direito a aposentadoria. Durante a pesquisa de campo pude perceber que a aposentadoria é uma reivindicação fortemente reclamada pelas prostitutas mais velhas.

Cinderela, prostituta há mais de trinta anos é a principal porta voz deste debate. Seguidamente Cinderela expõe a necessidade de ter garantido o direito de se aposentar: [...] “eu já trabalhei muito, estou cansada e quero minha aposentadoria para viver tranquila”. Outro ponto fundamental deste projeto se destina a “tirar os profissionais do sexo do submundo, trazendo-os para o campo da licitude e garantindo-lhes a dignidade inerente a todos os seres (sic) humanos.” (Projeto de Lei 4.211, de 2012). Diante desta discussão, tirar os/as profissionais do sexo da marginalidade é uma bandeira de luta, que resgata a busca por

direitos inerentes aos seres humanos. Isso implica em falar no respeito às diferenças, liberdades e à integridade como um todo.

Tais reivindicações e bandeiras de luta em reconhecer legalmente a prostituição como profissão, estão ligadas as tentativas de reduzir as vulnerabilidades da atividade, bem como de contribuir para o auto-reconhecimento e fortalecimento da identidade puta. De acordo com Lourdes e Leila Barreto, o reconhecimento enquanto puta é uma forma de enfrentamento e de quebra do estigma. Nesta perspectiva, uma das principais atribuições propostas pela construção do movimento de mulheres prostitutas está atrelada a busca de reforçar a identidade da mulher prostituta. A própria reflexão sobre o termo identidade puta na perspectiva de um auto-reconhecimento parte, do processo de reflexão e luta do movimento organizado. Diante disso não foi a antropóloga que escreve esta dissertação que construiu a ideia de identidade puta.

É interessante pensar que a própria utilização das palavras puta ou prostituta surgem da reflexão de transferir a este termo, historicamente estereotipado, negativo e ofensivo, um caráter positivo, vinculando a puta à imagem da mulher guerreira, na perspectiva de pensar a puta enquanto poder (OLIVAR, 2014). Percebo que a utilização do termo profissional do sexo é utilizada, sobretudo, na elaboração de projetos, entrevistas, parcerias etc. (SARAIVA, 2009).

Nos estudos referentes à identidade na prostituição, Maria Dulce Gaspar em sua obra “Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e identidade Social” (1989), parte do interacionismo simbólico para compreender o jogo de representações tanto do ponto de vista dos clientes como das próprias prostitutas. De acordo com a autora as representações destes sujeitos seguem percepções divergentes. Para o cliente as prostitutas são vistas a partir de atributos generalizantes e negativos. Desta forma, estas mulheres são denominadas mentirosas, perigosas, arruaceiras, escandalosas, mentirosas e promíscuas. Contudo, as prostitutas demarcam fronteiras entre si e estabelecem hierarquias que as diferem em relação às demais. Segundo Gaspar (1989):

As garotas demarcam fronteiras e limites ao admitirem que de fato são prostitutas, mas que são diferentes, e portanto melhores que as que fazem ponto em determinadas ruas ou que usam drogas em excesso. O mecanismo de atribuir estigma a outras modalidades de prostituição é assim um elemento estruturante do processo de construção de identidade das garotas de programa (GASPAR, 1989, p.20).

Neste estudo estou interessada em pensar a categoria identidade em seu aspecto político. Parto, portanto, da perspectiva de que tal categoria não é estática, fixa (HALL, 2005), mas

apresenta uma incrível plasticidade habilmente utilizadas pelas interlocutoras em suas ações cotidianas. É necessário compreender que além da identidade puta estas mulheres estão atravessadas por outras identidades, como a identidade negra, indígena, atreladas aos movimentos de portadores do vírus HIV. A identidade puta não é algo totalizante e fechado, podendo ser dessa forma jogada, manipulada, mascarada. Apresento aqui uma experiência vivida em minha pesquisa, que me parece interessante para demonstrar este jogo das identidades. Numa tarde de quinta-feira, estávamos eu, Cinderela, Maria Silva, Índia e Lourdes Barreto trabalhando na entrega de preservativos. Em meio ao delicioso cafezinho da tarde servido cotidianamente no GEMPAC, entre uma ou outra risada, Índia³⁶ relembra de uma amiga da área e comenta que encontrou com um assíduo frequentador da casa de prostituição onde trabalha. Segundo Índia, o homem a reconheceu e em meio uma parada de ônibus, repleta de pessoas falou: “Ei, diz para tua amiga que amanhã vou com ela. Se ela não estiver vou contigo, viu?!” Nesse momento Índia fingiu que não conhecia o senhor e quando uma pessoa a advertiu de que ele estava falando com ela, esta retrucou, [...] “não conheço, acho que ele é doido”.

A rua, o espaço público, e mesmo a aldeia de qual faz parte são espaços onde esta interlocutora não se assume enquanto prostituta. Enquanto a zona é um lugar onde essa identidade pode vir à tona, e aliás, onde se pode reivindicar direitos assegurados às prostitutas, no ambiente doméstico, na rua, na aldeia percebe-se que em tais espaços esta identidade deve ser mascarada. Para a mulher prostituta o estigma (GOFFMAN, 1998) é tão violento e marcante, que esconder a profissão tanto no ambiente doméstico, entre a família, como em lugares públicos é uma forma de proteção e de negociação com a realidade (VELHO, 1994).

Ao tentar usar o equipamento audiovisual noto que a presença das prostitutas se esvai, e as mulheres, sejam da área próxima ao GEMPAC (General Gurjão, Riachuelo e Padre Prudêncio) ou da Rua Gaspar Viana, se recusam a aparecer. Isto porque, devido o forte estigma que carregam na profissão preservar o eu (GOFFMAN, 1998) é algo muito importante nesses espaços. O uso de nomes fictícios, a resistência em aparecer nas fotos ou assumir publicamente a profissão, evidencia o forte estigma presente no universo da prostituição.

Das 15 mulheres entrevistadas ao longo da pesquisa são bem poucas que assumem publicamente a identidade de “puta”. Lourdes Barreto e Cinderela, por exemplo, são as prostitutas entrevistadas que mais se identificam enquanto tal. O peso da tatuagem que marca

³⁶Prostituta indígena da Etnia Tembé, também militante do movimento indígena e integrante do colegiado do GEMPAC.

o braço esquerdo de Lourdes com a frase “Eu Sou Puta”, realizada por esta senhora aos 70 anos, expõe muito bem a forma como essa mulher se representa. De acordo com Leila Barreto, filha de Lourdes, é uma forma máxima de “saborear o estigma”. Tais reflexões me permitem pensar como estas mulheres lidam com a profissão, assim como, com identidades que são plásticas, podendo ser dessa forma manipuladas (Hall, 2005) e negociadas na trama cotidiana.

A relação de sexo em troca de dinheiro e a manutenção de prática sexual com vários parceiros fogem a determinadas regras estipuladas ao comportamento feminino. A figura da mulher enquanto mãe, dona do lar, mulher de casa em oposição à mulher da rua (DAMATTA, 1997), enquadra a prostituição enquanto prática marginal situada fora do que a sociedade concebe como correto. Para pensar em meio a tais relações sociais mediadas por jogos de impressões, onde constantemente lidamos com opiniões, aprovações e desaprovações, a preservação do eu frente ao coletivo aparece enquanto uma espécie de cápsula protetora.

O estigma em relação à prostituição engendra a produção de estereótipos como os de que as prostitutas são pouco confiáveis, são incapazes de educarem os filhos, más influências, pessoas de péssima índole e consideradas de vida fácil, enfim, a elas são atribuídas uma série de características negativas, utilizadas como justificativas para práticas violentas. Certo dia em conversa com Leila Barreto, esta narrara um fato marcante em sua vida. A interlocutora relata o espanto que uma senhora teve ao ver que a filha de uma prostituta poderia ter uma letra bonita. Pode-se perceber que o peso do estigma também se irradia para a família da mulher puta. Durante um encontro de prostitutas em que Leila teve a oportunidade de participar ela entoou uma fala que representa muito bem este aspecto: “Eu sou o maior palavrão da sociedade brasileira!”

Partindo da perspectiva de Irving Goffman (1998), o processo de manipulação de impressões que marcam o fazer das prostitutas, bem como o estigma que permeia a profissão, o classifica enquanto prática desviante. Goffman (1998) utiliza o termo estigma para fazer referência a um atributo percebido socialmente como profundamente depreciativo. Nesta perspectiva, o estigma não está centralizado no atributo em si, mas nas interações sociais mantidas com ele. O autor afirma que determinados atributos altamente estigmatizados em algumas sociedades podem ser perfeitamente normais em outras, por isso é essencial percebermos como os indivíduos se relacionam. Sobre estigma o autor afirma que:

[...] Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui

um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto (GOFFMAN, 1998, p.14).

Isto porque, em nossas relações cotidianas fazemos uma espécie de jogo de impressões, onde criamos expectativas em relação aos outros, assim como, preservamos nosso “eu” em busca de sermos aprovados socialmente. Construimos imagens sobre as pessoas com quem nos relacionamos baseados em exigências que apresentamos de forma rigorosa. De acordo com Goffman (1998), mesmo sem percebermos, ao conhecer alguém, construimos uma identidade virtual do indivíduo baseada no que esperamos. Contudo, este indivíduo também possui uma identidade social real que, muitas vezes, pode não estar de acordo com o que esperamos dele. Dessa relação o indivíduo pode apresentar características as quais não concordamos, e que consideramos inferiores e, mesmo, erradas.

Em meio as interações cotidianas estabelecemos, segundo Goffman (1998), uma série de contatos face a face ou mediados por outros participantes, onde emitimos opiniões, através de expressões verbais e não-verbais as quais este autor denominou de “linha”. Diante dessas relações precisamos lidar com impressões alheias e para isso, manter o que autor conceituou de “fachada”. Nas palavras do autor a fachada seria:

[...] como um valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular. A fachada é uma imagem do eu delineada ou em termos de atributos aprovados – mesmo que essa imagem possa ser compartilhada, como ocorre quando uma pessoa faz uma boa demonstração de sua profissão ou religião ao fazer uma boa demonstração de si mesma (GOFFMAN, 2011, p. 13).

Outra questão relevante a se pensar em relação ao estigma está intimamente ligado a aquisição de DST AIDS. Ser reagente ao vírus HIV AIDS é um segredo que não deve ser revelado a qualquer pessoa. De acordo com uma interlocutora, uma prostituta portadora do vírus pode sofrer grande estigma e passar a ser diferenciada na área. Isso significa também a perda de clientes e forte preconceito. Portanto, é um atributo considerado negativo entre os próprios pares e que em muitos casos é negado, mascarado.

Os estudos sobre grupos considerados socialmente como desviantes (BECKER, 2008) em seus processos de interação com as demais pessoas e com os espaços citadinos, nos permitem pensar noutras formas de sociabilidade (SIMMEL, 1968), novos mapas citadinos traçados a partir de outras perspectivas e experiências na cidade. Tais reflexões indicam sobre como estes grupos se relacionam com a urbe, como se organizam e se identificam, criando táticas de permanências frente estratégias de retirada (DE CERTEAU, 1994). É, portanto, em

meio às astúcias e transas criativas (BARRETO, 2016) que as prostitutas da Campina se organizam, negociam com a realidade e elaboram táticas e políticas de enfrentamento frente o estigma e estratégias higienizadoras.

CAPÍTULO III- “CADA MARIA TEM A SUA HISTÓRIA”

3.1- MEMÓRIA E NARRATIVA

Neste capítulo apresento as narrativas de cinco mulheres prostitutas que mantêm suas vidas de alguma forma atreladas ao bairro da Campina. Partindo destas narrativas, compreendo a memória não apenas como um conjunto de lembranças que tem por objetivo reviver os fatos pretéritos, mas como uma forma trabalhada de reconstrução do passado (HALBWACHS, 2006). Estas Histórias longe de seguirem um encadeamento lógico ou linear (BOURDIEU, 2002) estão fragmentadas, umas mais atreladas ao passado e outras ao presente, mas todas elas narram um pouco do que é ser puta na Campina.

Ao analisar o material de pesquisa percebo que ao mesmo tempo em que estas memórias tem um caráter coletivo (HALBWACHS, 2006), elas também se apresentam enquanto memórias em disputa (POLLACK, 1989), que no jogo entre o silêncio e a fala destoam da memória oficial construída sobre o bairro. Nesta perspectiva, dialogo diretamente com os autores Maurice Halbwachs (2006) e Michel Pollak (1989). Acredito que as oposições teóricas entre os autores, longe de se excluírem de maneira estanques, engendram vastas contribuições nos estudos sobre a temática, possibilitando assim, ampliar meu campo de análise e percepções sobre as diversas dimensões da memória.

Sociólogo francês e seguidor da sociologia durkheiminiana, Halbwachs se tornou célebre por sua obra “A memória Coletiva” (2006). Para este autor, a memória é um fenômeno coletivo sempre atrelado as comunidades afetivas ao qual o indivíduo permanece envolvido. De acordo Halbwachs a memória tem uma função: promover a coesão grupal, tendo em vista que o indivíduo só recorda porque estabelece uma relação de pertencimento a um determinado grupo. Estes sentimentos de integração são fundamentais para manter a unidade do grupo. A memória coletiva, nesta abordagem, constitui as bases para construções de identidades. Ainda na perspectiva de compreender a memória enquanto um fenômeno coletivo, me apoio nos estudos de Rocha e Eckert (2009; 2010) e Ecléa Bosi (1994). Segundo Rocha e Eckert (2010) a partir da memória os indivíduos evocam paisagens, traçam itinerários. Na percepção de Bosi a lembrança é uma forma de durar no tempo, assim como Halbwachs, esta autora acredita que “na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho é trabalho” (BOSI, 1994, p. 55).

Dentro deste campo de estudo também dialogo com o conceito de memórias subterrâneas, de Michael Pollack (1989). Apesar deste autor manter uma visão oposta a de Maurice Halbwachs, acredito que pensar as memórias de prostitutas enquanto subterrâneas, ou formas de resistência que destoam da história oficial pode ser complementar ao meu trabalho. Os estudos de História Oral sobre memória, de acordo com Pollack, voltam seus olhares às memórias em disputas, que afloram em períodos de crise, como o exemplo das lembranças sobre o Stalinismo. Quando as memórias subterrâneas emergem, estas rompem com a memória oficial construída em torno da figura mítica de Stalin, enquanto “pai dos pobres”. Nesta perspectiva a memória deixa de assumir um papel de geradora de coesão e passa a ser desestabilizadora e subversiva. No momento em que as prostitutas narram as histórias sobre os horrores da ditadura e sobre o processo de higienização que sempre sofreram durante sua permanência no bairro, estas mulheres rompem com a ideia de harmonia e com todo discurso de revitalização, urbanização e moralização da área central.

Estas memórias são guardadas por camadas marginalizadas e passadas muitas vezes oralmente entre seus pares e, longe de serem apagadas de suas lembranças, permanecem latentes e emergem nos momentos propícios. As memórias que evocam o peso da violência policial, permeadas por constantes estupros e ameaças diverge dos discursos que tinham na figura da polícia o exemplo de instituição guardiã da moral e dos bons costumes. É a partir daí que geram conflitos com as memórias oficiais, compreendidas aqui como uniformizadoras.

De acordo com o autor o silêncio não é caracterizado enquanto esquecimento, e sim como forma de resistência ao discurso oficial. No exemplo sobre o silêncio dos grupos judeus, mostra que evitar a fala sobre um acontecimento tão doloroso também pode estar relacionado à fuga ao sentimento de culpa por parte dos que colaboraram com este regime. Outro exemplo sobre as memórias subterrâneas utilizada por Pollack é o caso dos recrutados Alsacianos, que denunciam a forma forjada pela memória oficial de como se criou o mito que “conduziram as vítimas da história ao silêncio e à renegação de si mesmas” (POLLAK, 1989 p.7). Para o autor estas memórias tão divergentes entre si apresentam uma característica comum: são testemunhos da vivacidade das lembranças individuais e de grupos que, sobretudo, se opõe às memórias oficiais, como segue:

Essas lembranças proibidas (caso dos crimes estalinistas), indizíveis (caso dos deportados) ou vergonhosas (caso dos recrutados à força) são zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade englobante. Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, "não-ditos". As fronteiras desses silêncios e "não-ditos" com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento (POLLAK, 1989.p.7).

Segundo Pollak o difícil acesso à escuta, o medo de represálias e mal-entendidos moldam os discursos, silêncios e usos de metáforas. Esses conflitos entre memórias oficiais e memórias subalternas podem ser entendidos, portanto, como formas de dominação e resistência, forjadas na trama do cotidiano e permeadas por situações tensionais.

Na tentativa de dialogar com estes autores temos o trabalho de Teresinha Bernardo (1998) que em sua obra “Memória em Branco e Negro”, dialoga com os conceitos de memória coletiva de Halbwachs e de memória subalterna de Pollack, para analisar as diferentes narrativas acerca da cidade de São Paulo entre os anos 20 na perspectiva de homens e mulheres brancos e negros, a autora mostra como as memórias estão intimamente atreladas as nossas experiências e, por esse motivo, ao colhermos relatos de diferentes grupos acerca de um mesmo período histórico perceberemos que as visões sobre os fatos terão divergências.

No que diz respeito as narrativas de mulheres brancas e negras, Teresinha traz a tona, a partir da memória, o cotidiano dessas mulheres. Destes relatos emergiram paisagens, momentos felizes e críticos, memórias subterrâneas que em alguns casos denunciam uma cidade desigual e hierárquica. Os relatos narrados por mulheres negras são permeados por histórias sobre a cidade escura, desigual e extremamente hierárquica, lugar onde o negro não tinha uma vida digna. À mulher negra restava o trabalho árduo em casa de família, como empregada doméstica ou em fábricas.

Os espaços da cidade para o *footing* eram marcados pelos finos trajes que anunciavam toda a hierarquia social presente na metrópole. A memória de uma velha negra sobre esse lugar destoa da memória oficial, que resguarda o *footing* como um lugar de troca de olhares e possíveis romances. Para a senhora este era um lugar para ricos e para que ela pudesse transitar por lá precisava pegar as roupas da patroa sem que esta soubesse. Por esse motivo, o *footing* para ela era um lugar em que se deveria andar com ressalva, lugar em que seus pés doíam muito por conta dos sapatos apertados.

Ao abordar a memória Teresinha dialoga com conceitos de memória coletiva (HALBWACHS, 2006) e de memórias subterrâneas (POLLAK, 1989), demonstrando como o cotidiano da mulher negra estava atrelado uma memória coletiva, que remetia a seus pares, contudo, em suas narrativas tais mulheres denunciavam o preconceito e a exclusão que sofriam. Ao apresentar as memórias de mulheres brancas é perceptível que a cidade de São Paulo ganha ares de progresso, pois evocam a urbe paulistana em constante processo de urbanização.

Esta obra me ajuda perceber como narrativas divergentes que perpassam por grupos distintos e por marcadores sociais - como gênero, classe, etnia - revelam memórias subterrâneas (POLLAK, 1989) e coletivas (HALBWACHS, 2006), onde o conteúdo das narrativas apresentam as experiências vividas pelos sujeitos em meio aos grupos aos quais estão atrelados em contextos específicos. A partir desta autora posso analisar as múltiplas visões sobre a prostituição no bairro, narradas por sujeitos distintos, dentre eles prostitutas e moradores antigos da Campina.

Em minha pesquisa percebo que estas memórias, por vezes, estão atreladas ao outro e, assim, apresentam encontros, momentos em que as interlocutoras se cruzam, contudo estes relatos ganham um caráter subterrâneo (POLLAK, 1989) e revelam fatos negados, ou escondidos, pela história oficial. As violências e humilhações sofridas pelas putas por parte do poder público e a sociedade em geral, bem como todo processo de higienização da área revelam memórias em disputa³⁷. Neste sentido, percebo que a memória da zona do meretrício é constantemente reconstruída no momento da narrativa. Pode-se perceber que memória e narrativa são dimensões intimamente ligadas. De acordo com Paul Ricoeur (1997), a narrativa evoca temporalidades, pois ao narrar um acontecimento o sujeito se situa num tempo, por esse motivo, segundo o autor, no momento da narrativa [...] “o tempo torna-se um tempo humano” (RICOEUR, 1997, p. 15). De acordo com Walter Benjamin em sua obra “O Narrador”: [...] “a arte de narrar está em vias de extinção” (BENJAMIM, 1987, p. 197). Benjamin fala sobre a extinção de um tipo de narrador, ou seja, àquele que narra suas experiências e as transforma em histórias dotadas de lições, conselhos. De acordo com Ecléa Bosi: [...] “A arte de narrar vai caindo com triunfo da informação. Insurgida de explicações, não permite que o receptor tire dela alguma lição” (BOSI, 1994, p. 86). Percebo que nas esquinas da Campina emergem outros tipos de narradores e narradoras que contam suas trajetórias, memórias e experiências dotadas de significados sobre este *locus* urbano, constituindo, assim, uma aura do lugar.

³⁷Ibid., 1989, p.7

3.2 MEMÓRIAS DE PUTAS: CINCO OLHARES SOBRE A CAMPINA

Em um dia de reunião e distribuição de preservativos nas dependências do GEMPAC, em meio ao tradicional café da tarde, eu, Maria Silva, Maria Elias, Vitória, Cinderela e Amélia aguardávamos duas estudantes do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará. Por volta das 14h as moças entraram, se apresentaram e falaram do interesse em conhecer mais sobre a prostituição. Maria Elias, puta militante, integrante do colegiado do GEMPAC, contou um pouco de sua história e dos movimentos aos quais milita e, além disso, problematizou a vitimização das prostitutas. Ao narrar um pouco de sua trajetória às moças, Maria fez questão de ressaltar um fato de extrema importância: a diversidade entre as putas, pois segundo a interlocutora “cada Maria tem a sua história”, cada puta é única.

Sentadas nos bares, nas portas das casas, em trechos das esquinas, boates ou mesmo, fazendo uma peça de crochê a espera de um possível cliente, as prostitutas da Campina desenham um cenário complexo e heterogêneo, que permeia a prostituição no bairro. Por entre as esquinas observo mulheres com trajetórias, origens, etnias e gerações diversas. Diante deste universo percebi a necessidade de compreender que a prostituição na Campina apresenta múltiplas formas, rostos, corpos, performances, etnias e classes. Por esse motivo é importante refletir que as putas deste logradouro não são um todo homogêneo, e que entre estas trajetórias diversas atravessam questões como gênero, classe, raça, etnia e idade.

Apresento neste trabalho as trajetórias de mulheres cis gêneros³⁸, pertencentes às classes populares, provenientes de bairros periféricos de Belém. Neste trabalho não realizei uma pesquisa relacionada à como minhas interlocutoras se identificam em relação ao aspecto étnico-racial. Contudo, ao narrarem suas trajetórias estas mulheres adentram nestas temáticas, como no caso de Cinderela e Maria Silva. Certamente estas intersecções atravessam a zona do meretrício e são questões relevantes para este estudo, apesar de não ser o aspecto central ao qual me proponho estudar. Outro aspecto importante que atravessa as histórias das mulheres entrevistadas é a idade. Todas as mulheres ao qual desloco minha análise estão numa faixa etária entre 50 a 70 anos. Entre as prostitutas ainda na batalha apresento mulheres entre os 55, 57 e 72 anos.

É fundamental levar em consideração que estes marcadores influenciam em suas trajetórias, visões de mundo e na própria vivência enquanto prostitutas. Certo dia, em um evento no GEMPAC intitulado Dia Internacional da Mulher Livre, Cinderela pediu a fala e

³⁸ Pessoas que foram designadas a um gênero ao nascer e se identificaram com ele.

destacou a problemática de que era necessário atentar para puta pobre, que está chegando à velhice sem qualquer direito garantido. Nesse momento, Cinderela estabelece muito bem a distinção entre ela e “outras prostitutas”, colocando a questão de que na prostituição existem diversas intersecções que também diferenciam suas vivências na profissão.

Nesta perspectiva, compreendo que as relações de gênero configuram uma dimensão da vida cidadina extremamente cara a este trabalho. Quando falo de mulheres prostitutas e suas relações com a cidade, analiso as formas como estes sujeitos vivem e interpretam a urbe, diante disso, gênero, assim como classe, trabalho e raça tornam-se intersecções importantes que marcam as experiências dos sujeitos na cidade. Partindo desta discussão, compreendo o gênero enquanto uma categoria histórica analítica e performática, criada e constantemente reinventada pelo movimento feminista (PISCITELLI, 2008; SCOTT, 1989; BUTLER, 2003).

De acordo com a historiadora Joan Scott, para desenvolver os debates sobre gênero é necessário pensá-lo enquanto uma categoria histórica e analítica (1989), criada no seio do movimento feminista e que ao longo de sua construção passou por diferentes abordagens. Ao negar os essencialismos presentes na dicotomia sexo e gênero, analisados enquanto perspectivas universais e a-históricas, Scott formula a partir da análise crítica destas abordagens o seu próprio conceito de gênero, como “[...] um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” (SCOTT, 1989: 21). Para esta autora o que interessa saber é como as diferenças corporais são compreendidas e significadas pelos sujeitos e, a partir disso, como são hierarquizadas nas relações sociais, pois para Joan Scott a categoria gênero está intimamente ligada às relações de poder.

Outra autora de extrema importância para pensarmos o gênero fora de dicotomias e essencializações é Judith Butler (2003). Em sua obra “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” (2003), Butler também irá questionar a oposição entre sexo e gênero, a partir de críticas a determinadas perspectivas feministas que apresentam sexo enquanto categoria “natural” e gênero como “construção social”. Ao questionar um modelo feminino essencializado, que segundo a autora, não existe, Butler (2003) demonstra as limitações desta visão binária a cerca da temática. Por este motivo para esta autora o gênero passa a ser compreendido enquanto performance, percebendo-o não mais como algo fixo, estável, mas como uma categoria plástica, fluida.

De acordo com Adriana Piscitelli (2008) o movimento feminista passou por grandes transformações, sobretudo na década de 80. Em meio às críticas ao binarismo entre sexo e gênero, as mulheres negras reivindicavam uma análise que privilegiasse os estudos sobre raça.

Ao longo da década de 90, o movimento passou por novas problemáticas que envolviam a necessidade de reconhecer além de raça e classe, a religiosidade. Segundo Piscitelli (2008):

As insatisfações com a centralidade concedida à categoria gênero suscitaram ainda outras problematizações. As feministas do Terceiro Mundo e/ou que trabalham com teoria pós-colonial chamaram a atenção para a necessidade de articular gênero não apenas a sexualidade, raça, classe, mas também a religião e nacionalidade (SHOHAT, 1992; MACKLINTOCK, 1992; MOHANTY, 1991). Com esse último termo elas aludiam ao posicionamento desigual, em escala global, propiciado pela nacionalidade. Isso que, à falta de um nome melhor, chamo de localização, para aludir à posição estrutural das nacionalidades que estão interagindo. (Piscitelli, 2008, p.263)

Mediante este contexto surgem, então, os estudos interseccionais que dentro de sua pluralidade de abordagens procuram compreender que para além das percepções centralizadas na categoria gênero, as mulheres também estão marcadas por outras intersecções não menos importantes dentro de relações de poder, são elas: raça, classe, religiosidade, idade, etc. Diante disso, o estudo sobre as trajetórias de prostitutas do bairro da Campina apresenta o complexo desafio de compreender de que forma todos estes marcadores transversalizam a temática, e são de fundamental importância para a análise de suas trajetórias, bem como das interpretações acerca do universo urbano e a construção de identidades. Segundo Adriana Piscitelli, numa perspectiva construcionista da interseccionalidade, [...] “os marcadores de identidade, como gênero, classe ou etnicidade não aparecem apenas como formas de categorização exclusivamente limitantes. Eles oferecem, simultaneamente, recursos que possibilitam a ação” (PISCITELLI, 2008, p.268).

Estas intersecções são permeadas por relações de poder onde os sujeitos apresentam múltiplas agências. Dessa forma, as putas do bairro da Campina não são compreendidas aqui enquanto sujeitos oprimidos, passivos, calados frente todas as estratégias de controle. Estas mulheres sofrem, sim, diversas violências pelo fato de serem putas, de serem negras, idosas, por serem mulheres, contudo, também se utilizam desses marcadores enquanto potências, pois agenciam e negociam com a realidade utilizando na trama cotidiana certas táticas frente a estratégias (DE CERTEAU, 2004) dominadoras e higienizadoras.

Lourdes Barreto: “Eu Sou Puta!”.



Fotografia 19 - Lourdes Barreto

Imagem retirada da internet, disponível no site: <http://www.outros400.com.br>. Foto Kleyton Silva.

Meu nome é Lourdes Barreto, sou natural do Estado da Paraíba sou trabalhadora sexual, tenho setenta e quatro anos e cheguei aqui no final dos anos 55 já pegando os anos 56. Vim com o objetivo de trabalhar na prostituição aqui no bairro da Campina e trabalhei muitos anos no trabalho sexual. Também participei de muitas ações: do fechamento da zona nos anos 70, em 64 da ditadura militar a gente tava aqui dentro da zona já lutando pela questão dos direitos humanos das trabalhadoras do sexo. Eu sou mãe de quatro filhos, vó de dez netos e vou ser bisavó de quatro bisnetos. Eu gosto muito do meu trabalho como trabalhadora sexual (Lourdes Barreto, 2016).

Lourdes Barreto, 74 anos, é uma das líderes mais reconhecidas do movimento de mulheres prostitutas tanto a nível nacional como internacional. Juntamente com Gabriela Leite³⁹, foi pioneira na criação da Rede Brasileira de Prostitutas e, conseqüentemente, na articulação do movimento. Mãe amorosa e enérgica, avó e bisavó dedicada, visivelmente apaixonada pela família, Lourdes transborda energia e se apresenta enquanto grande liderança política e “esteio” da família Barreto. É em meio à sede do GEMPAC que Lourdes resolve falar um pouco sobre seu convívio familiar na Paraíba.

Eu sou Paraibana e nasci na cidade de Catolé da Rocha, mas morei em Campina Grande, morei em Joaserinho, morei em várias cidades da Paraíba. Na época tu tinha dois tipos de classe: pobre e rico. A minha família era uma família pobre que tinha água na cisterna para beber, tinha gado, tinha feijão, tinha milho para comer, então, não era considerada uma família miserável. A minha família sempre foi muito

³⁹ Gabriela Leite foi sócia fundadora da Rede de Mulheres Prostitutas, da ONG DAVIDA e da marca DASPU. Foi uma das principais lideranças do movimento de mulheres prostitutas. Gabriela faleceu em outubro de 2013.

conservadora, meu pai era um homem muito violento dentro de casa. Não estudei quando era jovem porque naquela época mulher não estudava para não escrever para namorado, então eu passei muita dificuldade, assim, em termo da violência doméstica, da violência que a minha mãe era uma mulher submissa (Lourdes Barreto, 2016).

A memória sobre a vida na Paraíba não é algo central na fala de Lourdes, as narrativas traumáticas emergem em meio a críticas à violência doméstica e sexual. Contudo, longe de atrelar tais histórias à entrada na prostituição, Lourdes reafirma constantemente que compreende a prostituição como uma opção de trabalho que lhe trouxe autonomia e proporcionou momentos incríveis.

Em sua belíssima obra, intitulada “Prostituição, a história recontada: Transas sociais e institucionais em Belém (2016), Leila Barreto, filha de Lourdes Barreto, conta um pouco da trajetória de sua mãe junto a instituição ao qual esta senhora foi fundadora, o GEMPAC. Em entrevistas direcionadas à filha, Lourdes narra detalhes interessantes sobre sua trajetória como, por exemplo, o fato de ter rodado por várias cidades do Nordeste como Fortaleza, Recife, Natal, Campina Grande até chegar em Belém, diretamente para uma casa de prostituição no bairro do Guamá chamada “Moza”. Tal relato aponta para o fato de que apesar do bairro da Campina abrigar naquele período boa parte dos estabelecimentos destinados à prostituição, a periferia da cidade também estava permeada por bares, boates e casas voltadas ao meretrício.

No que diz respeito à violência sexual, Lourdes fala a mim de forma mais clara e aberta em uma atividade que propus em meio ao calendário das ocupações da UFPA⁴⁰ em 2016, e em frente a uma pequena plateia de estudantes falou: [...] “agora eu vou falar um pouco sobre a minha vida. Eu saí de casa, porque sofria abuso de um tio”. Lourdes narrou sua trajetória enquanto puta, falou sobre o movimento que ajudou a construir, conversou sobre sexualidade, suas descobertas sexuais, gozos e os múltiplos clientes que já obteve em sua longa jornada como prostituta. “Eu já trepei com todo tipo de gente, homem, mulher, gay”. Em Belém esta mulher viveu na antiga zona do meretrício localizada no bairro da Campina, presenciou seu fechamento e sua reabertura, e mesmo morando em Ananindeua⁴¹, é na Campina junto ao GEMPAC que ela ainda passa boa parte de sua vida. É da Campina que guarda as memórias da juventude. É nela e, também, por ela, que Lourdes luta até hoje.

⁴⁰ Movimento estudantil que propôs a resistência ao Governo Temer e protesto a aprovação da PEC 55 (proposta de Emenda Constitucional, aprovada em congresso que propôs restrições de investimentos dos gastos públicos em saúde e educação por 20 anos).

⁴¹ Município vizinho de Belém.

Esse bairro, eu tenho muita paixão por ele, porque eu vivo nele. Eu durmo em Águas Lindas, mas eu vivo no bairro da Campina, onde eu já passei dia e noite porque eu já morei em várias casas. Aqui eu tive quatro filhos, todos eles viveram nesse bairro aqui e alguns netos.

É, eu trabalhei, aqui na zona, na zona confinada. Morei na casa da Madame Bibi, da Fernanda, da Madame Alfani, morei em várias casas. Aqui naquela época a gente tinha várias casas de prostituição, mais de 180 casas de prostituição, só aqui no bairro.

Quando eu cheguei aqui o Edifício José Peixoto ainda era uma horta, quando cheguei aqui, ainda estavam aterrando a Carlos Gomes, ainda era Igapó. Quando eu cheguei aqui a Praça da República estava, ainda, se instalando como uma praça. Quando eu cheguei aqui não era Presidente Vargas, era Quinze de Agosto.

De acordo com Simon Shama (1996), memória e paisagem estão intrinsecamente ligados e dialogam entre si. Quando Lourdes narra sua trajetória na antiga zona ela evoca paisagens e estas paisagens passadas duram através do tempo, nas suas memórias. Esta narradora não se configura apenas enquanto sujeito espectador da dinâmica das paisagens do bairro, uma vez que também é a paisagem, pois se integra a este *locus* urbano e junto a ele permanece em constante devir. Ao narrar suas histórias sobre o bairro, Lourdes evoca um emaranhado de imagens passadas que reverberam junto às paisagens urbanas atuais. Por entre as esquinas da Campina pairam as memórias da antiga zona, do terraço do Grande Hotel, da Fábrica das Palmeiras, dos navios atracados nos portos junto ao doce cheiro dos perfumes importados e laquê, que inebriavam os grandes cabarés do quadrilátero do amor e que fazem parte da memória olfativa sobre o lugar. “Nós costumávamos tomar o chá da tarde na Fábrica das Palmeiras, conhecido hoje como Buraco das Palmeiras. Íamos ao Grande Hotel, que hoje é o Hilton. Ficávamos no terraço, que hoje as cadeiras do terraço ficam no Bar do Parque.” O porto, espaço importante e estratégico junto às prostitutas, também é ressaltado pela interlocutora [...] “a zona tem uma relação com os portos. Aqui atracavam navios de todo o mundo. Isso aqui parecia o Círio de Nazaré, de tão movimentado”.

Lourdes relata com saudosismo os tempos em que vivia no bairro, e se diz arrependida de não ter aceitado morar em uma casa neste logradouro. De acordo com a interlocutora: “Eu fico doente quando não venho para a Campina!” Foi no trabalho da prostituição no bairro da Campina que Lourdes criou seus filhos, construiu sua vida, conquistou liberdade, autonomia e descobriu sua sexualidade “foi no cabaré que gozei pela primeira vez”. Lourdes caracteriza o gozo como “um acidente de trabalho”, tal afirmativa infere que ao longo da experiência na putaria as mulheres estabelecem limites simbólicos corporais (PASINI 2015; TEDESCO 2008; OLIVAR, 2013) que profissionalizam tal atividade, destituindo o sexo/programa do caráter afetivo ou prazeroso.

O gozo parece ser algo reservado as relações amorosas, no entanto, muitas vezes questões mais íntimas e subjetivas invadem o trabalho e é possível sentir prazer, se apaixonar, formar laços de amizade e solidariedade com os clientes. É importante ressaltar que o programa em si não está limitado ao ato sexual. Em muitas conversas, Lourdes, dentre outras interlocutoras, como Dona Maria e Cinderela, narram histórias sobre programas em que os clientes as procuravam para conversar, sair para beber e falar sobre seus relacionamentos e dramas. Tais afirmativas estão atreladas a uma fala constantemente destacada por Lourdes: a de que a prostituta tem várias profissões em uma só [...] “ela é psicóloga, assistente social, no garimpo essas mulheres são banco, porque guardam o ouro ou dinheiro dos garimpeiro”. As prostitutas adquirem, dessa forma, diversas potencialidades, pois apresentam múltiplos papéis e funções em seus locais de trabalho.

De acordo com Lourdes, “no meu tempo a prostituta era uma importante educadora sexual. Sou do tempo em que os bigodetes - os filhinhos de papai - vinham para zona para serem iniciados na vida sexual pela prostituta”. A perspectiva de educadora sexual perdura até os dias atuais, sob outras formas. No bairro da Campina são as putas que distribuem camisinha, conversam sobre sexo, prevenção e tratamento de DSTs. As mais velhas, como Cinderela, conversam com as mulheres mais novas sobre as performances no programa, apresentam diversas táticas de batalha que aliam a satisfação do cliente ao sexo seguro. Entre estas táticas de batalha estão: o uso antecipado da camisinha feminina para os clientes que resistem ao preservativo masculino e as técnicas para colocar a camisinha com a boca para realizar sexo oral.

A trajetória de Lourdes na prostituição, diferentemente das demais interlocutoras, perpassa por diversos momentos da zona do meretrício. Esta interlocutora viveu na antiga zona, ou zona confinada, viu este *lócus* de prostituição ser interdito, lutou diante desse processo e, também, presenciou sua abertura e reconfiguração. Sobre a zona confinada, Lourdes conta sobre o luxo, acerca dos clientes ilustres que gozavam de seus prazeres, mas também denunciava os abusos por parte das donas dos estabelecimentos e as jornadas excessivas de trabalho. “Eu fiz greve no cabaré! Reunia as “mulher” para reivindicar as jornadas de trabalho exaustivas!”. Sobre o fato Lourdes conta que para exigir melhores condições de trabalho ela reuniu as mulheres do cabaré em que vivia, e ficou durante a noite trancada num quarto. Mediante negociações com a dona do estabelecimento e depois de ter as exigências garantidas, as prostitutas voltaram a trabalhar. Lourdes também relata a truculência policial e os constantes abusos no período da ditadura militar.

Imagina naquela época uma prostituta dentro de uma zona confinada, aonde só iam os clientes e a polícia ia lá para prender. Eu não sofri muita violência dos clientes, acho que os clientes foram até bondosos, foram bons, tive alguns pequenos problemas, mas acho que o maior problema que eu sofri foi da sociedade. Na questão da violência policial, a gente ia presa, era enjaulada num camburão e levada até a delegacia, e eu vivi muito isso.

Todo processo higienizador que de tempos em tempos atravessa o meretrício do bairro, esbarra justamente na potência criativa das “transas” (BARRETO, 2016) das prostitutas. Desta forma, num constante processo de negociação e articulação, as putas transaram com a igreja, com o Estado, com os moradores, com movimentos sociais. Dos setores mais liberais aos mais conservadores as putas atraem para si, conquistam e gozam, de acordo com suas necessidades.

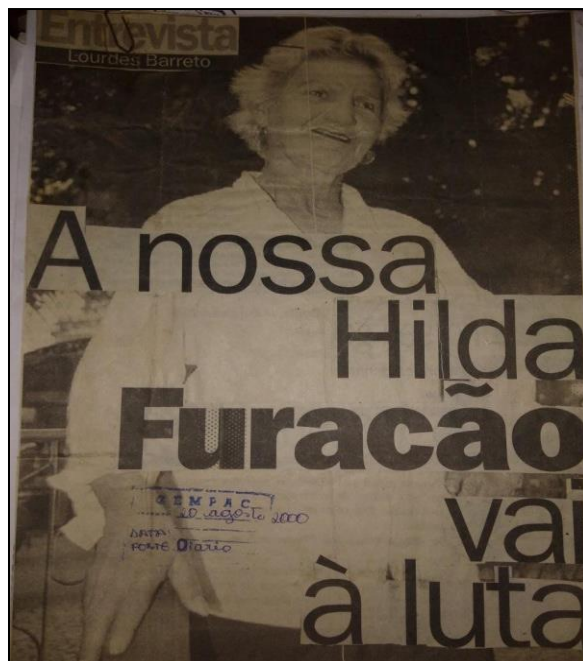
Neste fazer-se mulher puta (OLIVAR, 2013) na Campina, Lourdes adquiriu diversas potências, dentre elas a de uma grande líder. Sua retórica é hipnótica e em meio às frases marcantes, críticas, provocativas e jocosas, somos atraídos mediante sua fala a repensar certas verdades e tabus. Sobre a sua atuação política, Lourdes Barreto narra acerca dos órgãos públicos importantes que ajudou a fundar, numa luta que não esteve apenas ligada aos direitos das trabalhadoras sexuais, mas a movimentos atrelados ao direito das mulheres e a prevenção e tratamento em relação ao vírus HIV e, portanto, da AIDS.

E eu enquanto trabalhadora do sexo tenho ajudado a construir aqui em Belém, inclusive, aqui no bairro da Campina, uma discussão onde fundamos o Conselho Estadual da Mulher, ajudamos a fundar a Delegacia da Mulher [...] Eu cansei de dormir em colchão no chão, na luta para que todos os portadores do vírus HIV tivessem direito a tratamento (Lourdes, 2016).

Lourdes foi candidata, no de 2000, a Vereadora pelo Partido dos Trabalhadores (PT), onde obteve uma grande quantidade de votos, contudo não alcançou o bastante para se eleger. Sobre a Candidatura, em meio aos arquivos do GEMPAC, encontro diversas reportagens, dentre elas uma intitulada: “A nossa Hilda Furacão⁴² vai à luta” (Diário do Pará, 2000). Em entrevista divulgada nesta matéria, Lourdes fala sobre as dificuldades que enfrentou em se identificar como mulher prostituta no momento de regularizar sua candidatura: “Quando preenchi minha ficha para sair candidata, botei como ocupação, profissional do sexo. A Juíza Eleitoral passou um corretivo para não constranger a sociedade” (Lourdes Barreto, Diário do

⁴² Faz referência a novela global que tem como protagonista Hilda, uma mulher rica que após desistir do casamento tornou-se prostituta.

Pará, 2000). De acordo com esta interlocutora, o seu maior desafio [...] “foi mostrar a cara para sociedade pela primeira vez, dizer que era prostituta para população”.⁴³



Fotografia 20 - Lourdes Barreto. Diário do Pará. 2000.

Em meio as eleições de 2016 era notória uma certa disposição à uma nova proposta de candidatura, agora pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Contudo, a falta de recursos e incentivos desanimaram Lourdes a tocar o projeto. Acredito que parte deste desânimo pode ser resumido em uma única frase: “Nenhum partido está preparado para ter uma puta candidata como eu”. Ao estudar o universo da prostituição logo percebi que se afirmar enquanto prostituta é enfrentar constantemente o estigma (GOFFMAN, 1996), mesmo nos setores ditos mais abertos da sociedade.

Sobre o estigma que sofreu e, ainda sofre, por se identificar enquanto puta, Lourdes afirma: “Eu tenho um sonho, porque eu ainda sonho. Eu sonho que um dia essa sociedade vai pedir perdão para nós, putas!”. De acordo com a interlocutora assumir a identidade de puta é, também, uma forma de resistir, uma política de enfrentamento e de quebra do estigma. Lourdes carrega tatuada no braço esquerdo a frase (EU SOU PUTA) que marca sua trajetória. A palavra PUTA é pejorativamente atrelada à marginalidade, afinal, puta é palavrão, palavra ofensiva, é um termo feminino, sexualizado, proferido agressivamente à mulher que não segue o padrão que lhe é imposto socialmente. É uma categoria atribuída, sobretudo, a profissional do sexo. Hoje o termo PUTA foi ressignificado por esta senhora, transformando-

⁴³Id., 2016.

se agora numa categoria de empoderamento, pois “[a]gora quando eu levanto o braço todo mundo sabe que eu sou puta”.

Sua luta política, entretanto, continua como militante. As falas, muitas vezes marcadas pela tristeza frente a situação do GEMPAC, bem como à conjuntura política do país, não parecem conter a vitalidade de quem ajudou a formar um dos mais importantes movimentos da década de 90, além de diversas secretarias, Conselhos (Conselho da Mulher), Delegacia da Mulher, entre outros órgãos fundamentais aos direitos humanos. Lourdes é sócia fundadora da Rede Brasileira de Prostitutas, e permanece, atualmente, como Coordenadora do GEMPAC, sendo ela uma das principais militantes do movimento de prostitutas do mundo.

A partir das conversas com esta interlocutora percebo que na prostituição ela se constrói enquanto mulher. A prostituição não aparece aqui como uma dimensão separada de sua formação pessoal. Na prostituição, Lourdes não aprendeu apenas a profissão, mas também incorporou e compartilhou valores, formas de se relacionar com as pessoas que ultrapassam o caráter sexual. As narrativas apresentadas na obra de Leila Barreto (2016) representam de forma muito explícita esta reflexão:

[...] Dentro da zona, eu aprendi a ser mulher. Aprendi, identifiquei a minha sexualidade. Aprendi a ser a mulher que sou. Aprendi a ser solidária, respeitar as pessoas e amar o próximo. Isso tudo foi dentro da zona, que a minha família não ensinou. Minha família me ensinou outros valores. Mas isso eu aprendi dentro da zona. Aprendi a ser mulher mesmo dentro da zona. Vi que eu tinha que lidar com os dois lados da moeda – lidar com pessoas ruins e boas. Tive que sacudir o corpo mesmo e a mente, partir para cima, e dizer que eu estava ali enquanto mulher, enquanto uma cidadã que estava lutando contra o estigma e preconceito de toda uma sociedade (BARRETO, 2016).

A partir dessa fala pode-se notar que é, também, na zona que Lourdes se constitui enquanto mulher e cidadã. Longe do exotismo criado em torno desta profissão, percebo que estas mulheres não estão fora de relações morais, de parentesco, de concepções românticas sobre o amor, casamento e maternidade. Nesse sentido, é importante ir além de imagens borradas que descrevem as prostitutas como desordeiras, infiéis ou pobres coitadas (FONSECA, 1996). Estas mulheres como afirmam Fonseca (1997) e José Olivar (2013), adquirem diversas potencialidades em suas trajetórias configurando-se enquanto mães, esposas, filhas, avós e putas. Ainda, de acordo com Olivar:

Essas mulheres, como as vimos e ouvimos, antes de ser putas em oposição a ser esposas ou prostitutas são tudo aquilo junto, instavelmente junto. Aprenderam, construíram ou ganharam essas potências todas em suas trajetórias (OLIVAR, 2013, p. 313).

Lourdes em sua trajetória foi a mãe que cuidou dos filhos e é a avó que carrega os áudios e fotos do bisneto, se aflige com os problemas familiares, mas também é a puta que viveu na zona, que batalhou nas esquinas da Campina e a militante que luta dia após dia pelo direito humano de ser puta (OLIVAR, 2013).

Eunice: a Cinderela do GEMPAC

*Venha de onde vier
Chegue de onde Chegar
Aquele amor que sonhei
Virá que eu sei,
É só esperar
Venha de onde vier
Chegue de onde Chegar
Encontrará Cinderela
De beijo mais puro
De amor pra lhe dar
Cinderela, Cinderela
Menina moça,
Coração a palpitar
Cinderela, eu sou
Cinderela
E o Meu príncipe encantado
Vai chegar. (Ângela Maria)*

A música “Cinderela”, interpretada pela Cantora Ângela Maria é uma canção que marcou a vida de Eunice, mais conhecida pelo seu nome artístico, Cinderela. Ao transitar pelo bairro da Campina com Cinderela é fácil encontrar um morador que ao perceber sua presença cante o refrão desta canção. Em um dia de pesquisa no GEMPAC pergunto a ela: “Mas, porque te chamam de Cinderela?” e, rapidamente responde: “Porque eu sou cantora! Esse é o meu nome artístico.” E assim Cinderela narra a história de seu nome, seu sonho de ser cantora e de conhecer Ângela Maria.



Fotografia 21 - Cinderela. Estação das Docas. 2017

Minha mãe era fã da Ângela Maria. Quando eu era pequena ela sempre cantava essa música. Eu ficava só ouvindo. Até que um dia eu cantei ela todinha. Aí a minha mãe falou: olha, ela já sabe cantar toda música! Aí eu chamava as minhas amigas e pegava um banco, fazia elas sentarem tudo ao redor e remedava igualzinha. Desde pequena, uns seis anos, eu canto. Aí fiquei conhecida como Cinderela, porque eu sei cantar essa música igualzinha a Ângela Maria.

Prostituta há mais de trinta anos, faz parte do colegiado do GEMPAC, e participa do trabalho de conscientização do uso de preservativos em locais de prostituição. Mãe, avó, bisavó, atriz, cantora, educadora sexual e puta. Cinderela conhece como ninguém o universo da prostituição na área. Natural do Estado do Maranhão, esta interlocutora veio ainda pequena para o município de Igarapé-Açu, localizado no interior do Estado do Pará.

Olha, foi assim: eu vim de casa de família. Eu vim do Maranhão e fui pra Igarapé-Açu, fiquei lá com a minha família morando. Nós éramos 16 filhos, meu pai era policial. Então como nós era muitos filhos, meu pai não tinha como vestir e calçar todo mundo. Alimento a gente dava jeito porque era roça, aquela coisa muita fruta, cupuaçu... aquela coisa. Quando eu comecei a me espertar... comecei, comecei com 7 anos, eu comecei a engrossar e querer andar direitinho. Aí apareceu uma senhora lá, eu já estava com uns 10 anos de idade. Ela gostava muito de mim, ela e o filho dela. Ela esta, estava grávida. Quando eu conheci ela eu não sabia o que era gravidez, nunca a minha mãe falou como que saía um filho e nem como era uma regra, naquele tempo ninguém explicava, não. Aí eu disse mãe, mãe, mãe, me deixe ir? Daí, mana eu vim me botaram dentro do carro. [...] Aí eu já vim pra casa da mulher. Era altas e baixa e aí eu já era mãe do menino. Ele me chamava de mãe de Dadá. Ela foi engrossando, foi crescendo ficando barriguda. Aí esse marido dela estudava na Universidade na época, ele estudava à noite. Estudava muito de noite, aí eu levava cafezinho... aquela “arrumação”. Aí eu vi que eu vim pra ser babá não pra ser babá dele. Aí ele pedia café e ficava me chamando. E o menino dormia no quarto e eu trancava lá. O menino ficava com o pai dele lá e ela foi para o hospital ter filho. Fazia muitos meses que eu estava lá, estava acostumada já, eu já tava conhecida lá. Já tinha quase um ano que eu estava lá. Eu comecei a engrossar a ficar bonitinha, e esse homem não me estuprou, mana!

A prática de trazer meninas do interior do Estado do Pará, infelizmente, ainda é comum em nossa região. Diversas meninas são trazidas para trabalharem como empregadas domésticas, babás na capital, com o intuito de mudar de vida, estudar e conseguir ajudar a família, mas na prática, o que acontece em muitos casos é a exploração dessas garotas, muitas vezes atreladas ao estupro e ao assédio sexual⁴⁴.

Depois do acontecimento trágico esta interlocutora fugiu e, durante esse período passou a morar com vendedores de carne e de peixe do Ver-o-Peso, onde mantinha relações sexuais em troca de comida e moradia entre outros bens. Esta prática é caracterizada por Adriana Piscitelli (2013) como intercâmbio sexual onde mulheres de camadas populares podem adquirir bens ou certa ascensão social. Ao conseguir livrar-se da vigilância dos trabalhadores do Ver-o-Peso, Cinderela desceu as ladeiras estreitas do bairro da Campina e conheceu Lourdes Barreto na porta de um Cabaré. A partir deste momento as trajetórias de Cinderela e Lourdes se cruzaram. Lourdes levou Cinderela para sua casa e, a partir daí, uma longa história de amizade foi construída. Cinderela passou a batalhar nas esquinas da Campina, teve seus seis filhos e, com o dinheiro que ganhou na zona, comprou casa e ajudou os filhos, pais e irmãos.

Entre as conversas e entrevistas que tive com esta interlocutora é recorrente as narrativas tristes. Por esse motivo é de fundamental importância problematizar tais questões. As histórias tristes não se mantêm presentes apenas na fala de Cinderela, pois é comum as prostitutas contarem suas histórias de entrada na prostituição a partir de um acontecimento trágico, marcante. Isto não quer dizer que algumas mulheres não apresentem realmente trajetórias marcadas por violência e pobreza, contudo, como analisa Gaspar (1989), este também pode ser uma espécie de representação, ou uma espécie de cápsula protetora frente ao estigma. É como se ao contar uma narrativa trágica, justificasse sua trajetória na prostituição. Contudo, como bem analisa Soraya Simões (2010), tais narrativas implicam numa barreira à autoestima e à concepção positiva da própria profissão.

Ao fazer uso da história triste, que relata o momento fundador da possessão do seu estigma, a prostituta se desembaraça, justamente, da responsabilidade de ter efetuado uma escolha. Por serem eminentemente tristes, essas narrativas justificadoras distanciam o sujeito das virtualidades – confiança, respeito e estima – que lhe asseguram o auto reconhecimento positivo do qual necessita para se sentir uma “pessoa normal.” E, entre outras coisas, “uma profissional”.

⁴⁴ Sobre este tema temos os estudos de Irene Rizzini e Cláudia Fonseca, que abordam o trabalho doméstico entre crianças e adolescentes, e Maria Angélica Motta-Maués (2006, 2012) que discute a circulação de crianças.

Apresento a trajetória de Cinderela não como a história de uma mulher vitimizada, que pelas mazelas da vida foi “cair na zona”. Meu objetivo não é apresentar uma mulher que, por conta de abusos, tornou-se prostituta, mas mostrar como esse fazer-se mulher prostituta (OLIVAR, 2014) está atrelado a um agenciamento e a construção da própria história. É importante ressaltar que a visão vitimizadora desconsidera as agências, táticas e astúcias dos sujeitos (DE CERTEAU, 1994). É válido deixar claro que, também, compreendo a dor como parte constituinte das trajetórias. É necessário compreender que estas mulheres foram e, ainda são, vítimas de inúmeros casos de violência sem, portanto, vitimizá-las. Desta forma, a violência policial e moral sofrida por uma mulher que viveu num período de forte repressão irradiada, sobretudo à mulher prostituta, negra, pobre e analfabeta não deve ser negligenciada. A forma como muitas vezes era tratada em seu cotidiano revelam aspectos sutis do racismo a brasileira, velado, negado mas que no cotidiano se apresenta de forma cruel “aqui eu era chamada de escurinha”. De acordo com Cinderela:

Uma vez eu estava na Praça da República e me pegavam porque eu não tinha documentos. O policial me mandou abrir a bolsa e colocou droga. Lá eles me levaram presa, mandaram eu tomar banho, me estupraram numa sala e depois que eu lavei o salão disseram: Vai te embora, amanhã tu estás aqui de novo!

Entre os sorrisos saudosistas refletidos em sua face ao lembrar dos bons tempos de prostituição durante a juventude, Cinderela também narra as batidas policiais permeadas por constantes prisões indevidas, estupros e todo tipo de irregularidades sofridos por elas e as demais colegas na zona. Como bem afirmam Simões (2010), Fonseca e Pasini (1998) tais medidas higienizadoras foram duramente aplicadas por todo país. Onde havia puteiro, havia presença de policiais, ora para agenciar ora para violentar. De acordo com Fonseca e Pasini (1998):

Historicamente, a polícia tem servido ora de aliado (alguns servindo como agenciadores, outros subornados para fazer vista grossa às idas e vindas dos fregueses), ora de inimigo. Não existe prostituta de rua que não tenha sido presa em algum momento. As mais antigas contam das batidas quase diárias, antes da intervenção do Conselho Estadual de Direito da Mulher, Núcleo de Estudos da Prostituição, Grupo de Apoio e Prevenção à Aids e outros órgãos que apareceram no cenário social no início dos anos 90. Na melhor das hipóteses, só ficavam presas algumas horas - se tivessem algum homem eficiente que soubesse engordar a bolsa dos cabos da polícia. Mas, em geral, sofriam humilhações diversas. Por exemplo, era praxe, nas delegacias, aproveitar as prostitutas momentaneamente presas para fazer faxina. E, é claro, a propina que garantia a pronta liberação podia ser em espécie ou fornecida em favores sexuais (FONSECA e PASINI, 1998, p. 4).

A sua fala, como a de Lourdes revelam, por exemplo, o que foi ser puta durante a ditadura militar. Ser puta pobre e negra numa zona de prostituição constantemente reprimida pelas “mãos de ferro da ditadura militar” (LOURDES BARRTO, 2016), certamente evocam memórias subterrâneas (POLLAK, 1999), adormecidas, que marcam esta interlocutora. Saber lidar com esse universo, transitando em diversos lugares, mudando os pontos, fugindo, fazendo amizades, eram táticas utilizadas por Cinderela para enfrentar as adversidades.

Apesar das narrativas permeadas por acontecimentos trágicos, ao rememorar suas histórias no bairro, Cinderela apresenta diversos momentos felizes. Diz sentir muita falta daqueles tempos “tempo bom, que não volta!”. Quando fala sobre sua trajetória no bairro, Cinderela relata, sobretudo, um encontro que marcou sua vida e constituiu uma amizade que perdura até hoje: o dia em que conheceu Lourdes Barreto. De acordo com a interlocutora:

Quando eu vim pra cá, não tinha mais a zona. Já estava tudo com tijolo. Aí eu perguntei: porque que tá assim, nessas casas que não moram mais ninguém? Aí disseram que era a zona que tinha fechado. Eu andei, eu encontrei a boate que chamavam Sambá, tocando aquelas músicas. Um monte de mulher bonita, arrumada. Quando eu olhei, mas eu não podia entrar porque eu era de menor, e o dono de lá era pouco enjoado. Aí eu olhava, brechava e vi a Lourdes com um cabelão, toda bonita, toda com o cabelo no rabo de cavalo e a saia, que ela gostava muito, e aparecia a calça. Aí a Lourdes disse assim: essa moleca o que está fazendo aqui? Aí ela perguntou: onde tu moras? E eu disse: eu não tenho casa, eu moro na rua! Aí ela disse assim pra mim: Tu não queres ir pra minha casa? Eu só vou quando a senhora for daqui. Aí ela disse: eu não vou agora daqui, só vou sair daqui quando eu batalhar, que eu não tenho dinheiro agora. Aí eu disse: o que é batalhar? Ela disse: é ganhar din din. Aí eu peguei e disse: eu queria ir com a senhora mesmo. Aí ela disse que ia me levar. Aí ela me levou pra casa dela, tinha tudo quanto era tipo de comida, a mesa era muito farta. Mana foi a minha casa [casa de Lourdes] e a minha família, como até hoje eu vivo aqui no GEMPAC e eles são a minha família. E eu gosto demais deles, da Leila, Paulo [filhos de Lourdes]. Eu pari um filho na casa da Lourdes, eu não sabia que “arrumação” era aquela. Minha mãe nunca contou uma barriga, nunca contou uma regra, se falasse isso naquele tempo, Deus te defenda!

Assim, Cinderela teve sua primeira filha, dos seis que viriam ao longo de sua trajetória. Posterior ao nascimento desta filha a interlocutora passou a “batalhar” nas ruas do bairro e a se relacionar, principalmente, com “gringos endinheirados” – como a mesma se refere a estrangeiros – que desciam dos portos para frequentar a zona. Em suas deambulações pelo bairro, Cinderela reencontrou o irmão e conseguiu manter contato com a família. Nas esquinas da Campina ela também conheceu um “gringo” que a levou para Paramaribo e lá manteve-a em cárcere privado. Pouco tempo depois do episódio, Cinderela conseguiu escapar desta casa e começou a trabalhar em boates de *Strip-Tease* da localidade.

Durante o trabalho nas boates parte do dinheiro era reservado ao dono do local, as mulheres só podiam sair acompanhadas de clientes com poucas roupas e nenhum pertence

valioso. Tal questão expressa um aspecto amplamente combatido pelo movimento puta: a exploração do trabalho sexual. Ao encontrar um casal conhecido de Belém, a mulher mais uma vez fugiu. Foi levada em um navio cargueiro até um garimpo no Estado do Amapá, onde por algum tempo trabalhou como cantora e prostituta.

Estas narrativas mostram que Cinderela utiliza táticas para subverter os momentos trágicos. A fuga se apresenta como uma forma de não aceitar a exploração e opressão. Desta forma fugir da casa onde fora violentada, dos comerciantes do Ver-o-Peso quando achou que não poderia mais continuar ali, do “gringo” que a manteve em cárcere privado, fugir da boate que não pagava de forma justa por seus serviços são formas de agenciamento da realidade tecidos por Cinderela em suas astúcias cotidianas. A busca pelo melhor local para realizar seu trabalho, como o garimpo, onde a interlocutora teve uma relativa ascensão, destoa da visão da prostituta “coitada”, alienada, vitimizada. De acordo com Cinderela:

No Garimpo eu me dei bem! Ganhei muito dinheiro, muito ouro. Tinha um anel em cada dedo, dente de ouro, cordão, tudo. Lá eu tive um banho de loja. Eu saía com os homens e dizia: eu quero este vestido e eles compravam! Eu voltei com muito dinheiro do garimpo. Com esse dinheiro eu comprei a minha casa, comprei casa para os meus pais, ajudei minha família.

Ao relembrar as histórias que viveu no bairro, Cinderela conta sobre a prostituição na rua, relembra os percursos que traçava pelo bairro, seus itinerários e as boates que chegou a ver, além das amigas e dos amantes que teve na zona. Sobre os locais de prostituição, Cinderela conta que existiam várias boates. Na fala da interlocutora:

Quando eu vim tinha o Sambar, entre a Presidente Vargas e os Correios. Tinha o Copacabana, tinha o Cascatinha, tinha o Canecão, tinha um bocado de coisa boa. De vez em quando eu corria porque a polícia vinha e nós éramos presas. Nas portas, a gente chamava os clientes, só eram casas boas. Quando começava a ficar fraco nós pegávamos o navio e íamos embora.

Esta fala nos revela uma característica importante do tipo de prostituição exercido por Cinderela: a mobilidade. Quando o movimento no bairro da Campina seguia fraco, muitas prostitutas procuravam outros locais como o bairro da Condor, ou mesmo, pegavam o barco para o município de Barcarena. O município de Barcarena apresenta um polo industrial, criado em 1976. Neste período a concentração de trabalhadores era grande e, assim, muitas prostitutas atravessavam até a região para batalhar em pequenos bares e boates da região. Cinderela narra como naquele período os homens sabiam cortejar um mulher. As prostitutas acompanhavam os homens pelos restaurantes, bares, boates do bairro.

Tempos, bons. Naquele tempo era muito legal! Os homens eram educados, eles sentavam e chamavam a gente com o dedo assim: cá! Pagavam bebidas boas, era muito bom! Não é igual agora que a mulher só tira a calcinha e pronto.

Por entre as boates e as pensões da Campina, Cinderela descobriu a sexualidade. A mulher conta que as prostitutas mais antigas ensinavam as mais novas, muitas vezes na prática, como manter relações sexuais com os clientes. Isto mostra como, em alguns casos, as técnicas relacionadas a profissão são repassadas entre as “veteranas” às mais novas que, aos poucos, ganham experiências no ofício. De acordo com a interlocutora:

A Fátima era minha professora sexual. Ela disse que tinha um amigo dela, um gringo que queria ser meu amigo também, e ele queria que ela ensinasse tudo o que ela fazia com ele pra mim. Nesse tempo eu não sabia fazer boquete, dar o cu. Aí ela disse pra mim: olha, depois ele vem aqui atrás de ti, e não é que ele apareceu?! Ele estava no Sambar, uma boate chique, toda acolchoada. Ele tava sentado no bar aí chamou a gente perguntou o que eu queria beber. Eu disse que queria um Campari. Ele pediu o Campari, eu tomei. Ele falou: olha, a Fátima vai ser tua professora, ela vai te ensinar tudo o que tu tem que fazer. E aí a Fátima subiu no quarto, ele só olhando não fez nada comigo nem com ela. E assim ela me ensinou o que eu tinha que fazer. Da outra vez ele foi só comigo. E eu já sabia o que tinha que fazer.

De acordo com Mariana França (2017), a aprendizagem se constitui de múltiplas formas na prostituição. No caso de Cinderela houve uma prostituta mais experiente que demonstrou como deveria ser feito o programa, contudo muitas habilidades referentes ao ofício se desenvolvem também com as experiências de cada pessoa, quando as prostitutas, aos poucos, estabelecem limites corporais com os clientes e aprendem a fazer sexo de outra forma, e com a prática “distanciam as formas de atuação romântica para o sexo comercial” (França, 2017, p. 6). A prática na prostituição engendra diversas formas de fazer [...] “eu vou, ponho a camisinha com a boca. Não faço sem camisinha!”. Colocar a camisinha com a boca faz parte de todo um conjunto de táticas utilizadas pelas putas para aliar o prazer ao uso do preservativo, um tipo de negociação criativa, onde a puta consegue manter o prazer do cliente e a segurança. Dentre estas práticas em conversas com outras prostitutas da área descobri que a camisinha feminina também pode ser usada para a prostituta colocar no dedo na hora de “comer o cliente”⁴⁵. Outra prática criativa e interessante é o “beijo técnico”, prende-se a respiração e sob hipótese alguma coloca-se a língua na boca do parceiro, isso serve para evitar o contato mais direto na hora do beijo.

Sobre suas experiências relativas aos programas e clientes, Cinderela costuma falar uma frase que demonstra, em sua perspectiva, toda sua experiência sexual nesta longa jornada na

⁴⁵significa introduzir o dedo no reto do cliente.

prostituição:[...] “já peguei todo tipo de homem! Eu já fiz ponte de pica de Belém até o Japão”. Fazer uma “ponte de pica de Belém até o Japão” não está atrelada apenas a quantidade de homens que esta interlocutora realizou programa, mas também as diversas formas de fazer um bom programa, de “baixar o pau” do cliente (o que não é para qualquer uma segundo Lourdes e Cinderela), de lidar com as fantasias e as particularidades de cada indivíduo.

Na perspectiva de Cinderela a prostituição se constitui enquanto um trabalho, que além de todo processo de negociação, aprendizado, limites corporais e formas de fazer (gozar, sentir prazer, “baixar o pau”) apresenta também suas ferramentas [...] “andamos com nossas ferramentas que são as camisinhas, a nossa maquiagem, os nossos perfumes da Natura e da Avon, que são caros, e a pomada vaginal.” Ferramentas indispensáveis a qualquer puta, que em suas artes de fazer e ser mulheres prostitutas negociam e agenciam a realidade que as cercam.

Selma Lúcia: a coroa de programa



Fotografia22 - Selma: a Coroa de programa. Rua General Gurjão, 2017. Foto Silvia Lilia.

Me apresentando: Me chamo Selma. Sou realmente prostituta da área daqui da zona do bairro da Campina, onde há anos atrás chamavam baixo meretrício. Hoje a gente chama zona. No caso, já estou aqui há trinta e sete anos, trinta e oito anos essa faixa. Quando eu cheguei aqui, que eu conheci, aqui era bem movimentado, tinha bastante boate, bares, muito movimento, até, então, de uns 10 anos pra cá, 8 anos vem caindo o movimento daqui. A movimentação, né?! Que antes, há uns trinta anos atrás, dava pra gente conseguir alguma coisinha. Daqui eu arrancava pra pagar o aluguel, daqui também eu criei meus filhos e consegui alguma coisinha, comprar um barracozinho que eu posso chamar de casa, né?! Uma casinha para botar meus filhos embaixo.

Conheci Selma através de Lourdes, no GEMPAC, num dia de entrega de camisinhas. No início do ano Selma trabalhava em frente à casa de uma senhora que aluga quartos para as prostitutas, na Travessa Padre Prudêncio. Neste período esta interlocutora dividia o ponto com mais duas mulheres. Por questões que ela não explicou com muita clareza, Selma passou a realizar suas funções na General Gurjão.

Sempre simpática, Selma, como mesmo diz, é uma “coroa”. Bem arrumada, cabelos curtos com mechas loiras. Produzida, com roupas bem coladas que apresentam com clareza a protuberância dos seios e glúteos, ela caminha entre a Padre Prudêncio e General Gurjão, para um pouco na frente do GEMPAC e conversa, mas sem tirar os olhos dos possíveis clientes que transitam apressados pelas calçadas, a quem Selma carinhosamente aborda com um “oi meu amor”. Nesses trinta e sete anos de batalha no bairro, Selma relembra os antigos espaços de prostituição e o movimento que embalava as ruas da área central.

Funcionava o GEMPAC, né?! Que aqui era o Ula Drinks e funcionava lá na esquina também que era o Bar do Gato e a Seresta do Jerônimo que funcionava ali na Primeiro de Março, esquina da Aristides Lobo, a sede do Boêmios da Campina e aqui tinha vários bares abertos, né?! Vários bares de encontros de prostitutas e os clientes que vinham procurar as mulheres. Também frequentava muito aqui turistas, né?! Marinheiros, na época, muito marinheiro, muito turista nesse baixo meretrício, que no caso é a zona da Campina. Isso aqui já foi muito bom pra gente.

Assim como as demais interlocutoras as memórias retomam sempre o passado em oposição ao presente, marcado, segundo a interlocutora, pelo descaso em relação à zona. Outra questão frequente na fala de Selma sobre o bairro é a violência. De acordo com esta interlocutora a violência na área é um fator desagregador e extremamente problemático para o exercício da função. A violência a qual a prostituta se refere está atrelada ao avanço da área de tráfico e ao consumo de entorpecentes, bem como aos constantes casos de assaltos e furtos em direção às áreas de prostituição, constantemente reprimidas por práticas policiais e repressoras.

Diante deste cenário permeado por repressão e descaso do poder público, diminui significativamente o movimento em torno do comércio sexual. Acredito que o problema deste logradouro esteja diretamente atrelado ao evidente descaso de um Estado que fecha os olhos à camada pobre da população, que também habita o centro da cidade. Os “micróbios dos cortiços” (TRINDADE, 1999) que permeavam a Campina em meio ao gozo da *Belle Époque* insistem em reaparecer no logradouro, da mesma forma que o Estado insiste em direcionar a este “outro urbano” (JAQUES, 2012) uma série de medidas repressivas e higienizadoras. Ainda

sobre as medidas repressivas Selma se refere à discricção exigida ao funcionamento dos estabelecimentos da área voltados a prostituição:

[...] não pode colocar som, a polícia não deixa colocar som, a polícia não deixa negócio de ficar muito movimento onde tenha jogo de baralho, droga, misturado com a prostituição. Tem que ser aquela coisa bem discreta, senão a polícia vem e fecha, como já fechou mais de 15 casas de prostituição aqui, já.

Quando converso com Selma a respeito da prostituição ela trata o tema como opção, pois [...] “quando era mais nova optei pela prostituição, dei um tempo, agora voltei porque eu gosto da minha liberdade, de ter o meu dinheiro, sem tá pedindo nada para ninguém, aperreando minha família”. A prostituição para Selma, além de uma forma de adquirir independência, está atrelada à liberdade. Ainda, de acordo com a interlocutora, a prostituição a afasta da solidão.

A gente quando fica de uns 50 anos para cima, a gente fica muito caseira, aí bate a solidão, sem marido, aí os filhos crescem vão tudo casando, a gente acaba ficando sozinha, conversando com a televisão e com as paredes. Os filhos foram quase todos embora, eu tô só, então, eu venho pra cá, que eu converso com uma amiga aqui, com uma amiga ali, desabafo meus problemas para uma, a outra já vem desabafa o dela pra mim, e aparece um cliente eu já saio, já pego uma pontinha (dinheiro) daqui, uma pontinha dali, quando tu vê, já findou o dia e assim a gente vai levando.

A perspectiva de Selma sobre a prostituição não está envolta por uma percepção vitimizadora. Para esta mulher a prostituição não é algo negativo, muito pelo contrário, é pelas esquinas da Campina que Selma dá sentido a vida, se sente livre, viva e motivada. Na prostituição ela estabelece laços afetivos, redes de sociabilidades que a afastam da rotina e solidão. Quando pergunto se Selma gosta da profissão esta afirma: [...] “eu entendo a prostituição de dois lados: de um lado é para me ajudar financeiramente, pagar minhas dívidas, suprir com as minhas necessidades e de outro lado pela minha liberdade. Eu gosto da minha liberdade!”

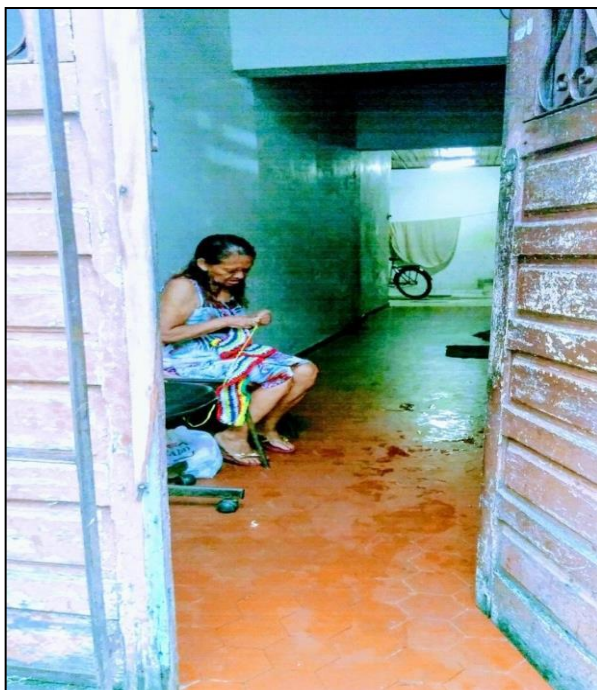
Quando pergunto como ela se identifica, rapidamente responde: “Ah eu gosto de garota de programa. Apesar que já tô coroa, com 55 anos. Mas garota de programa, ou uma coroa de programa? Vamos dizer, uma coroa de programa, né?!”. O termo coroa de programa, certamente, me leva a pensar como estas mulheres em idade acima de quarenta ou cinquenta anos lidam com a profissão e com a sexualidade. Percebo que envelhecer na zona, longe de estar relacionado à debilidade, incapacidade sexual pejorativamente atrelada à velhice é encarada por essas mulheres como mais um etapa da vida, que não necessariamente significa

a aposentadoria na profissão ou a falta de tesão, mas pode também ser um sinônimo de experiência.

Apesar da concorrência dura com as prostitutas mais novas, estas mulheres negociam com a realidade que as cercam, usam suas armas de sedução como a paciência e o jeitinho carinhoso de lidar com um fluxo complexo e heterogêneo de fantasias. São dotadas de um “jogo de cintura” envolto por altas doses de experiência e esperteza, “fatais” na hora de “amarrar” o cliente [...] “às vezes a gente sai com um gatinho, é até uma coisa complicada, né?! A moleca fica doidinha por um menino novo e ele não sai por algum motivo, né?! E aí ele sai com a gente. Ele tá saindo com a gente, dando aquele prazer e ainda tá pagando, não é legal?” A fala de Selma retoma minha lembrança do dia em que fui a uma boate na Gaspar Viana com Cinderela. Estávamos sentadas conversando quando, de repente, chega um homem aparentemente jovem e inicia uma conversa ao pé do ouvido com Cinderela. Pouco tempo após o breve diálogo o rapaz se afasta e Cinderela comenta que o homem gostaria de um programa e ela não realizou porque estava desenvolvendo um outro trabalho em minha companhia (pesquisa de campo).

De acordo com Miriam Goldembeg (2008), no Brasil o corpo é um capital. Para esta autora “o corpo-capital é um corpo sexy, jovem, magro e em boa forma, que caracteriza como superior aquele ou aquela que o possui” (GOLDEMBERG, 2008, p. 17). É interessante notar que apesar do corpo jovem ser um capital de extrema importância nessa profissão, as prostitutas mais velhas também possuem suas armas de sedução, suas táticas para conseguirem clientes neste meio tão disputado. Entre as táticas estão o cuidado, o diálogo, carinho e a experiência.

As narrativas de Selma destoam da percepção negativa sobre a prostituição, onde as mulheres aparecem como infelizes na profissão: [...] “eu já trabalhei em feira, já trabalhei em vendas, mas eu nunca gostei de deixar a prostituição de lado, porque eu sempre gostei”. Esta interlocutora relata que mesmo realizando outras funções, permanecer na prostituição também estava atrelada ao prazer, a sociabilidade e ao gozo de liberdade.

Dona Emiliana Ramos da Costa: entre o crochê e a putaria.

Fotografia 23 - Dona Emiliana a espera de clientes. Foto Silvia Lilia. 2017.

A imagem da senhora sentada tricotando enquanto a chuva da tarde acalenta o abafado tão característico de Belém, retoma a imagem que se tem de uma mulher idosa. O que um observador desatento talvez não saiba é que a senhora que adora fazer peças em crochê é uma puta em plena batalha. E é assim toda tarde na General Gurjão. Dona Emiliana senta e tricota até a presença de um possível cliente.

Tímida, dona Emiliana não costuma falar muito, sobretudo a uma estranha que além de tudo se mostra interessada em conhecer um pouco sobre sua vida. Apesar de conversar sempre com a senhora, e que ela já tenha se habituado a me ver toda semana pela área, não sou necessariamente alguém próxima a ela. Mesmo assim, a senhora me concedeu uma breve entrevista. Dona Emiliana é natural do município de Chaves, localizado na Ilha do Marajó, na microrregião do Arari. Ela veio a Belém com a promessa de estudar na casa de uma senhora que conhecera no município. Assim como Cinderela e Maria Silva, Dona Emiliana conta que foi submetida a uma série de “serviços” domésticos e que nunca conseguiu de fato estudar “[...] ela disse que ia me botar no colégio, que eu ia brincar com o filho dela. Aí eu torrava café, pilava no pilão, eu lavava roupa.” Dona Emiliana não sabe dizer ao certo quanto tempo ficou na casa da antiga patroa, mas a senhora guarda na memória como conseguiu sair:

Aí eu mandei a madrinha fazer uma carta, como se fosse minha mãe, e aí eu dei para ela, como se fosse minha mãe. Voltei para Chaves, fiquei um tempo com a minha mãe. Passei uns dois meses lá. Aí eu trabalhava na casa dos outros, aí procurava uma casa que pagassem melhor, aí eu ia.

Em um dado momento da entrevista a senhora afirma que trabalhar na prostituição é melhor do que em casa de família. Assim como dona Emília, Cinderela afirma o mesmo. Certo dia, num prostíbulo próximo ao GEMPAC, ouvi atentamente a fala de uma prostituta. A mulher dizia que na prostituição consegue ganhar muito mais do que se fosse realizar serviços domésticos, ou trabalhar como caixa de supermercado. Tais perspectivas refutam alguns discursos de que toda prostituta acredita que a prostituição é uma atividade negativa. É claro que ao longo de suas trajetórias estas mulheres sofreram violências, que em determinados momentos da vida desejam abandonar a profissão, no caso das mais velhas, inclusive, pelo cansaço, idade. Contudo, a fala de Maria do Socorro⁴⁶ é interessante para analisamos esta questão. De acordo com Maria do Socorro [...] “a vida na prostituição é meia complicada, mas é divertida. É divertida pra quem sabe viver”. Esse saber viver que Socorro se refere está ligado a saber lidar com os códigos, regras, e aplica-se a um constante aprendizado sobre o ofício.

Sobre sua trajetória na prostituição Dona Emiliana conta que começou a batalhar quando o marido a deixou sozinha com os dois filhos. A senhora disse ter mais um filho, que por dificuldades financeiras não pôde criar. Ela diz não lembrar o ano e nem a idade ao certo, mas desconfia que tivesse seus “vinte e poucos anos”. Dona Emiliana chegou no período em que aconteceu o processo de reabertura da zona.

Eu morava numa casa com o pai da minha filha e ele foi embora, aí a minha filha era pequena ainda, sabe?! Aí foi embora e me deixou com menina... aí eu tava passando necessidade. Aí uma vizinha minha disse: ‘olha vai lá para Riachuelo, para casa da ...’ de uma senhora que tinha casa pra li, sabe?! Ela até já morreu, vai pra lá que lá tu ganha o teu dinheiro e ela te dá comida, dá quarto pra ti deitar. Aí eu não tinha coragem, aí ela pegou... o marido dela brigou com ela, pegou as coisas dela... aí ela mandou prender ele. Aí a gente veio pra cá.

Nesta narrativa a prostituição se apresenta enquanto opção de trabalho sugerida por uma amiga à Dona Emiliana, num momento em que a senhora precisava assegurar a renda familiar. É interessante pensar que mesmo recebendo o benefício ao idoso, Dona Emiliana permanece na batalha. É em um quarto simples, localizado numa edificação antiga da Rua

⁴⁶ Prostituta que atua há muitos anos no Bairro. Durante todo período da pesquisa tive apenas breves conversas com Socorro. Marcamos por diversas vezes para que eu pudesse realizar uma entrevista, contudo socorro nunca apresentou disponibilidade.

General Gurjão que a senhora realiza seu trabalho. Este quarto a senhora divide com uma colega de trabalho, e entre o pequeno espaço repleto de cordas e toalhas penduradas, existe um cantinho especial reservado às sacolas de retalho e linhas de crochê com a qual confecciona seus tapetes, entre outras peças de enfeite. O pequeno quarto possui um ventilador, uma cadeira, uma cama de casal, uma pequena mesa onde a senhora e a colega guardam alguns pertences e uma televisão. Um vaso de flores, juntamente com espelho e maquiagem, transformam a janela na penteadeira onde é possível guardar o espelhos e cosméticos.



Fotografia 24–A janela do quarto. Foto Silvia Lilia. 2017

Segundo a senhora é com o dinheiro adquirido na batalha que ela complementa sua renda. Quando pergunto sobre a frequência de clientes ela responde que obtinha muito mais quando batalhava em outra casa, mas releva que a idade limita, mas não inibe a procura de clientes. De acordo com Dona Emiliana seus filhos e netos sabem de sua profissão e insistem em dizer que já está na hora de parar. A senhora afirma que pensa realmente em largar o ofício. Contudo, uma pergunta que todos dedicam à dona Emiliana é: porque ela ainda permanece ali? Timidamente ela responde que precisa do dinheiro da batalha. Entretanto, arrisco-me a dizer que na batalha dona Emiliana permanece viva. O fato é que todos os dias é possível encontrar a senhora sentada em seu ponto, na Rua General Gurjão, geralmente, conversando com a colega e delicadamente tecendo suas peças em crochê. Quando pergunto

sobre sua trajetória na zona as respostas são breves: a senhora diz que veio depois da reabertura da zona período em que os “policiais ficavam pelas portas”. Sobre as casas de prostituição a senhora fala da Casa Verde, estabelecimento mencionado por prostitutas como Lourdes e Cinderela. Fala, ainda, da casa do finado Ramos.

Dona Emiliana sempre foi uma prostituta que me chamou muito atenção, sobretudo por desconstruir as percepções sobre a sexualidade entre mulheres mais velhas. Numa profissão onde o corpo jovem, belo, sexy é um capital (GOLDEMBERG, 2008) extremamente valorizado, uma senhora de setenta e dois anos realizando serviços sexuais destoa de um modelo reservado à mulher na velhice. Isso nos leva ao debate em torno de um modelo de corpo feminino desejável atrelado à jovialidade e à magreza (GOLDEMBERG, 2008). Neste sentido, a batalha na terceira idade parece ir de encontro à visão que liga velhice à deterioração do corpo e demência. As putas idosas na zona veem pulsar suas sexualidades, sociabilidades e fantasias.

Maria Silva: “Eu sou uma Puta Santa!”

Maria Silva, 50 anos, natural do município de Tomé Açu é uma puta militante e que acompanhou a trajetória de 26 anos do GEMPAC. Maria é integrante do colegiado do grupo e faz parte da coordenação de combate à exploração infantil. Sempre presente na instituição era fácil ver Maria toda arrumada e cheirosa, carregando os netos consigo. O charme, a vaidade e personalidade forte são suas características marcantes e estão presentes em frases como: “Eu sou meio enjoada, às vezes as mulheres falam: a Maria é uma puta muito fresca!”. “Eu quando não vou com a cara de alguém, eu não disfarço!” Ao longo de minha estadia na instituição pude compreender um pouco da trajetória desta fascinante interlocutora, apaixonada pela vida no interior e que se apresenta enquanto uma mulher intensa e sedutora.

Meu nome é Maria Silva. Eu vim do interior do Estado (Tomé Açu), com poucos anos de idade. Minha vó me deu pra uma família, aí eu foi começando a sair de casa por um prato de comida, por calçado e por estudo mas, não tive muita oportunidade de estudar, porque em casa de família a gente quase não tem essa oportunidade. Antigamente era assim: você vinha pra cá pra Belém pra trabalhar, servir de babá, mas você não pegava dinheiro, sabe?! O que você pegava era uma roupinha do filho da patroa, que já não queria mais, um sapato. E aí como eu fui crescendo e já queria mais e mais, né?! Aí eu já fui tomando um rumo na minha vida. [A]ssim, umas colegas lá do prédio, elas me deram uma dica. Então eu via como elas se vestiam, como elas andavam, então, eu queria andar assim, eu era nova, não é?! Queria andar cheirosa, de shortinho bonitinho, tudo. Olha, a gente vive em casa de família, serve de babá em casa de família, mas na trajetória que a gente vive numa casa de família, a gente vai conhecendo o filho do patrão, o patrão mesmo, aí... não é toda hora que a

mulher vai tá na casa, então tem que dar em cima do patrão! Aí o negócio, tu vai andar bonita, tu vai andar com as unha pintadas, com o cabelo arrumado, com um sapato que tu queres andar... aí tá, fui gostando da ideia, né?! Fui me aprofundando na ideia. Aí, como eu passava pouco tempo em casa de família, o máximo que eu passava era cinco meses... cinco, seis meses, porque quando a patroa descobria o “caso Maria” (risadas), ninguém gostava... porrada na Maria Silva! Mas eu era atentada. Mas eu comecei umas amizades... assim... e eu saía da casa... elas me botavam, eu peguei porrada, pontapé, jogavam minhas coisas no meio da rua, aí eu juntava e depois ia lá com os maridos delas e dizia “olha, tua mulher me botou pra fora, já descobriram nosso caso, dá teu jeito...” aí (marido) “Tá, vai pra tal lugar assim que eu vou alugar um kitnet pra ti”. Se um não tava em Belém, por algum motivo, já tinha outro que eu podia ligar. Aí fui gostando, gostei, parei em muitos lugares, comia o que eu queria, usava a roupa que eu queria usar. Já dei mais atenção pra minha família quando eu ia no interior, levava aquele monte de presente; todo mês eu mandava pra minha vó, paneiros, mais paneiros de compras, que hoje em dia é cesta básica. Antigamente a gente fazia compra e não vinha nesses sacos, vinha num panheiro, sabe?! Aí eu já ia lá no porto e deixava... aí pegava... eu não tinha só um amigo, eu tinha amigo que tinha dinheiro, às vezes eu precisava de médico, alguma coisa... eu quase não pegava dinheiro mas eu tinha muita roupa, perfume, o que eu queria eu tinha, até porque é, como diz a minha colega aí :“não é dinheiro e é!” porque, quanto é que tá custando uma calça de marca hoje em dia? É trezentos reais, quinhentos reais, então eu sou acostumada a usar assim...

Segundo a antropóloga Adriana Piscitelli (2013), para além do programa existem diversas formas de intercâmbio sexuais, que extrapolam os limites da prostituição e envolvem a troca de sexo por dinheiro ou bens. Para a autora [...] “uma dessas formas tradicionais é a relação entre uma mulher jovem e um homem mais velho e rico, que fornece dinheiro e outros tipos de bens” (PISCITELLI, 2013: 27). Entre outras formas de trocas sexuais estão a do “velho que ajuda”, relacionamentos mantidos geralmente entre jovens de camadas populares com homens mais velhos que as possibilitem apoio econômico. Para Piscitelli estes intercâmbios parcialmente mercantilizados, também estão relacionados numa relação de dádiva e reciprocidade. Maria conquistava os patrões e em troca dos favores sexuais prestados, eles ofereciam roupas, compras, sapatos, almoços e jantares em bons restaurantes. Não havia uma cobrança definida, uma tabela de preços para realização do ato sexual. Contudo, os homens sabiam que deveriam compensá-la, ou o elo de reciprocidade poderia ser quebrado.



Fotografia 25–Maria Silva. Rua General Gurjão.Silvia Lilia,2016.

Esse negócio de prostituição, porque como tu falou: tu já foste em boate, fazer programa em boate? Não! Nunca fiz, nunca fui. A minha prostituição foi como eu tô te contando. Eu ligava para os meus amigos, saía da casa de família, mas aquele vínculo com o patrão continuava. Então, eu ligava, se tivesse precisando. Eu ligava: Tô precisando de tal coisa assim, assim, assim. (Ex-patrão) Tudo bem! Resolvia o meu caso. Eu tô precisando de roupa. Quando tinha festa ou um aniversário: Olha eu tô precisando de um carro assim. Olha, eu tô precisando de cesta básica. É...uma dispensa como a gente falava, uma dispensa para levar para minha família que eu vou viajar. (Ex-patrão) Ah tá! Qual é o barco que tu vai? Ah eu vou em tal barco, tô em tal porto. Pode deixar que eu mando deixar lá. Eu tinha roupas boas, levava para minhas irmãs roupas, muitas coisas boas. E pra mim, eu comia o que eu queria.

Sua ligação ao bairro da Campina, diferentemente das demais mulheres entrevistadas, não está relacionada à batalha e, sim, à militância [...] “essa relação com o bairro é na área da militância”. Assim como as demais militantes do GEMPAC, Maria distribui preservativos, doações que chegam através do Mesa Brasil, participa dos eventos, reuniões, encontros e atendimento ao público na instituição. Ao longo de sua trajetória no GEMPAC a interlocutora foi conhecendo melhor os moradores, prostitutas e as áreas de prostituição presentes no bairro. Em sua fala, Maria ressalta a importância do bairro da Campina: [...] “um bairro que é carnavalesco, um bairro cultural. É aqui que é a Praça da República, os grandes hotéis, tem aqui uma área comercial, os bancos, né?!” É sobretudo neste bairro, junto a instituição que a interlocutora faz-se uma puta militante. O fato de não batalhar na rua ou em boates, mas realizar a troca de bens de consumo por favores sexuais entre os

padrões faz com que a interlocutora estabeleça uma interessante diferença entre o ser puta e prostituta.

Eu me considero como uma puta, puta, puta, puta, porque a prostituta ela vai pro quarto, ela cobra pelo trabalho dela, eu não! Por exemplo, eu tô a fim daquele cara, eu vou comer esse cara aí! Eu vou, vou, vou até que eu conquisto aquele cara. Não me importo se ele vai me pagar. Ele me põe no carro dele, me põe no motel, me paga o motel, me deixa em casa, pra mim tá ótimo! Eu não tô cobrando nada. Então essa é a puta. Ela não tá cobrando nada, essa aí é a puta verdadeira, ela vai só pra sentir o prazer, porque ela quer comer aquele cara. Eu vejo assim. Agora a prostituta ela é a profissional mesmo, ela tá trabalhando e ela tá cobrando, eu não! Se eu tiver vontade de sair com aquele cara, eu saio mesmo.

Diferente de outras interlocutoras, Maria estabelece uma clara distinção entre ser puta e prostituta. A puta, na perspectiva de Maria, é a mulher que “dá de graça”, que transa por prazer. Além da classificação prostituta/puta, esta interlocutora também se coloca enquanto o sujeito ativo no processo de conquista “eu vou comer este cara”. Em sua obra *Devir Puta*, José Olivar (2013) analisa a partir do conceito de predação familiarizante de Carlos Fausto (2002), as formas, performances e táticas presentes no exercício da prostituição dadas pelas prostitutas de Porto Alegre no momento da batalha.

De acordo com Olivar os termos “caçar e comer” são categorias centrais, sobretudo na prostituição de rua. Neste caso, caçar estaria atrelado à ação feminina, destinada à puta em busca de clientes. O ato de comer é constantemente relacionado ao sexo masculino, pois é o cliente e o marido que comem a puta. De acordo com Olivar a puta comida pelo marido e pelo cliente não é um sujeito passivo [...] “não existe passividade nenhuma em deixar-se comer, pois lembremos que, nessa lógica, o que o cliente espera na hora da caçaria são corpos prenhes de agência e subjetividade” (OLIVAR, 2013, p. 130).

Obter o controle no ato sexual, além de satisfazer o cliente é dotar a puta de agência, controle do corpo e prazer. Tal como o ato de cozer a carne, utilizado por determinadas etnias indígenas para transformar o animal sujeito em objeto da caça e, com isso, afastar o perigo que representa ingerir carne crua de um animal nesses grupos⁴⁷ presentes na análise de Carlos Fausto (2002), o ato de estabelecer limites corporais, e se manter no controle do programa, faz com que as interlocutoras de Olivar evitem o perigo de se envolver ou sentir prazer com o cliente.

Talvez, a problemática que encontro no ato de comer descrito por Maria Silva não caiba totalmente a este conceito. Contudo, esta reflexão me trouxe inspirações para compreender o

⁴⁷Se a carne for consumida ainda crua a presa pode se vingar do grupo que a comeu.

processo de conquista presentes na fala de Maria, sobretudo na categoria comer utilizada pela interlocutora. Nessa relação, Maria não é comida, ela come! Uma prática antropofágica que extrai o que é importante para si: bens materiais, prazer, amor. Maria Silva se apresenta enquanto guerreira estratégica. Numa guerra, ela lança suas armas: a capacidade de sedução e performance juntamente com a discrição para que as patroas não percebam o jogo sedutor. Ao extrair bens ou dinheiros dos patrões, Maria adquire para si capacidade de expandir as opções de presa:

Eu arrumei um, um carinha aí que eu gostava dele e tirava do outro pra ele poder ficar comigo. Eu gostei dele, eu sabia que ele era sem vergonha, vagabundo, um vagabundinho que não queria nada, que era filhinho de papai e só estudava. Mas como eu gostava dele eu pegava dos outros pra eu bancar ele pra ficar comigo. [...] Eu tirava do outro pra dar pra ele, pra mim bancar ele, entendeu? Porque eu gostava dele! Eu vou dizer que é mentira? Se eu gostava dele, o cara batia um charque que era uma beleza, pensa num cara, era ele, então, pronto!
[...]Eu sou uma puta, e eu sou uma puta santa. Eu sou uma puta santa, sabe porquê? Eu sou uma santa pra ir trepar com o cara de graça por aí, e sou uma puta ou uma puta sem vergonha ainda, né? Porque se eu tiver dinheiro eu ainda pago pra trepar com ele se eu tiver afim dele. Eu pago! Quantas vezes eu já num fiz isso pelo cara que estive a fim? Dessas bem ralé mesmo, sou eu! E eu não estou nem aí. Uma vez uma colega minha disse assim: Maria tu és uma puta sem vergonha, além do cara ir te comer tu ainda paga, põe gasolina no carro do cara pra ti viajar com ele. Pra passar dois, três dias fora daqui e sair de Belém, paga gasolina, paga hotel. Se eu não tivesse casa de família pra eu ir. Se eu quisesse ir pra algum lugar, bora! Eu ia, ia até conquistar o cara, até conquistar a confiança dele e ia pra onde eu queria. Pegava de outro macho e levava ele.

Maria Silva é santa e puta ao mesmo tempo. Ela é santa porque “trepar de graça” em sua perspectiva, só uma santa extremamente caridosa faria e, ao mesmo tempo, é puta porque também faz sexo por prazer e pelo prazer, portanto, pelo gozo vale apenas pagar. Vale tirar de outros “machos” o suficiente para bancar o gozo. Nesta perspectiva, percebo que para esta interlocutora é necessário ser santa para ser puta: “dar de graça” classifica a santa e a puta ao mesmo tempo. Contudo, outra reflexão sobre ser santa e puta é apresentada num contexto diverso. Nas casas de família onde trabalhou, Maria também tornava-se santa para poder se transformar na puta. De acordo com a interlocutora era preciso ser santa na frente da patroa, para que quando esta saísse, ou dormisse, ela pudesse tornar-se puta. Na perspectiva de Maria ser santa e ser puta apresentam as complexidades de uma análise que não estabelece oposições estanques entre estas categorias. Em sua leitura uma mulher pode ser santa e puta ao mesmo tempo, podendo desta forma alternar os papéis e negociar com a realidade que a cerca.

Ao analisar estas trajetórias percebo a complexidade destas putas em seus devires na cidade. Permeadas por táticas criativas, permanecer na Campina reside na capacidade incrível de suas “transas” (BARRETO,2016) e “jogos de cinturas”, num constante processo de negociação. Entre putas militantes, putas santas, coroas de programas e outras tantas putas que configuram um complexo paisagístico do bairro, a Campina segue permeada pela sutileza, sensualidade e astúcia presentes na putaria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer os caminhos que me levaram à construção desta dissertação vi pulsar na Campina um conjunto de memórias, imagens, rostos, corpos e performances que habitam este *locus* urbano e que compõem nele um conjunto complexo de paisagens. Para pensar as relações que as putas mantêm com bairro foi necessário captar a potência de suas narrativas, realizar uma descrição densa (GEERTZ,2011) junto ao trabalho de campo que privilegiou as formas como estas mulheres interpretam e experienciam o bairro, além de uma pesquisa sobre a história da putaria na área. Nesta perspectiva, percebo que as putas e o bairro da Campina se mantêm intimamente co-integradas (BERQUE,1998). Sob esse ponto de vista, compreendo as putas enquanto paisagens do bairro, sujeitos que seguem agentes e agenciados em sua dinâmica.

Nesses onze meses de pesquisa precisei adentrar as entranhas da Campina e junto às minhas interlocutoras, percorrer seus itinerários, realizar entregas de preservativos no GEMPAC, em esquinas, casas e boates, participar de eventos, preparar junto com elas o almoço, comprar mantimentos, fazer faxina, enfim, foi necessário ir muito além do momento da entrevista num constante exercício de alteridade tão característico a profissão de antropóloga.

Em minhas errâncias pelo bairro me deparei com complexidades e formas heterogêneas de habitar e praticar a urbe. Ali coexistem vendedores ambulantes, comerciantes, artesãos, artistas, transeuntes, moradores, putas e uma infinidade de sujeitos que cotidianamente cruzam suas esquinas, avenidas e travessas em meio às suas motivações cotidianas. Entre as esquinas da Campina também se cruzam histórias, trajetórias, memórias que pairam e reverberam junto ao corpo do bairro.

A Campina, assim, segue atrelada a prostituição, sobretudo, através de seus praticantes. Estes se configuram na perspectiva de Lourdes Barreto como raízes que sustentam e nutrem a putaria no bairro. São testemunhas vivas dos tempos áureos da prostituição, pessoas que de alguma forma tem ligações com tal prática e são gentilmente abraçados por este bairro fêmea, ou melhor, bairro-prostituta.

Ao longo do trabalho também percebi que na Campina estas mulheres seguem um movimento de luta pelo direito humano de ser puta (OLIVAR,2007) e contra qualquer tipo de violência. Movimento este, que extrapola os limites do bairro, do Estado, do Brasil e segue integrado em redes que garantem seu caráter cosmopolita. Além disso, vejo que a instituição

GEMPAC funciona como um *locus* de apoio e assistência aos moradores do bairro realizando ações, eventos e projetos que integram além de prostitutas, moradores do bairro e transeuntes. A campina desnudada pelas putas segue romântica, companheira e ao mesmo tempo fêmea violada. Locus de sensualidade, trabalho, sociabilidade, luta, vida e gozo, a Campina segue extensa e frenética, ainda hoje vista como um dos espaços mais antigos e requisitados quando se trata de putaria. Nela, as putas seguem traçando seus percursos, construindo suas trajetórias e projetos em meio à labuta cotidiana.

Entre putas militantes, santas putas, coroas de programas, percebo riqueza e potência contida em minhas interlocutoras. Longe de percebê-las atadas pelas rédeas da vitimização compreendo estas mulheres como sujeitos dotadas de agência. Em meio à névoa que emite imagens distorcidas e borradas sobre a prostituição atrelando tal ofício à subalternidade frente ao patriarcado, existem putas mulheres de luta com histórias incríveis dotadas de sabedoria e poder.

Nesta pesquisa me propus juntamente com as reflexões acerca do universo urbano estabelecer discussões sobre prostituição, seus aprendizados, saberes e performances. Nesta perspectiva percebo a Campina como um lugar onde as putas performatizam, aprendem e ensinam diversos saberes e modos de fazer. Neste espaço estas mulheres engendram saberes criativos pertinentes à profissão, formas de agenciar o programa, de obter maior lucro, aliadas à satisfação do cliente e segurança. A experiência que marca profissão das antigas, veteranas, velha guardas, putas velhas longe de ser um fator relacionado à deterioração do corpo ou da sexualidade, em alguns casos, junta-se ao “saber fazer”, ao “jogo de cintura”, cuidado e “jeitinho” na hora do programa, transformando a experiência de um puta antiga à habilidade na hora de “agarrar o cliente”.

A partir do convívio diário dentro e fora do GEMPAC percebi que há uma forte relação entre as putas e o bairro. Relações históricas, que marcam uma variedade incrível de trajetórias. Ao longo da pesquisa compreendi que a zona é muito mais do que um locus dedicado ao prazer, pois é um lugar (TUAN, 1983) de memórias e de lutas, onde vi emergir uma intensa religiosidade, companheirismo e sociabilidade.

Dentre as relações mantidas pelas putas com o bairro percebi que na Campina minhas interlocutoras se constroem enquanto mulheres, militantes e putas. Estas mulheres estabelecem laços com o lugar, seus habitantes e demais trabalhadores. É na zona do bairro que Lourdes, Cinderela, Maria Silva, Selma, Dona Emília, Dona Maria, Vitória, entre outras mulheres adquirem diversas potencialidades. Na zona confinada ou nas esquinas da Campina as putas, portanto, agenciam a realidade estabelecendo uma variedade criativa de transas

(BARRETO,2016) que as mantém não apenas enquanto espectadoras, mas como sujeitos na dinâmica do bairro.

Por entre as esquinas da Campina percebo uma boemia que não morre, apenas se reconfigura e em meio a permanências e modernizações abraça a putaria sobre seu corpo. É no corpo fêmea deste bairro-prostituta que as putas se mantém errantes por excelência, além de ávidas conhecedoras deste lócus urbano, a todo o momento por elas experienciado, narrado, rememorado e interpretado. Ao analisar os diversos significados que o bairro assume frente a percepção de mulheres prostitutas, foi possível compreender como minhas interlocutoras vivem e se organizam junto a este *locus* urbano. De acordo com Rocha e Eckert (2010) a compreensão da cidade e das formas como os habitantes a experenciam revela quem somos e como vivemos. Lugar da putaria, da militância, da boemia, de prazeres e encontros, de vida, fêmea abandonada, companheira, puta. A Campina é multifacetada pelas percepções de seus praticantes e envolvida por uma variedade de trajetórias. É lá, nas esquinas da Campina, que as putas também constroem suas vidas, seus projetos e trajetórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPIAH, K. A. Introduction: Making Conversation; Moral Disagreement; The Counter-Cosmopolitans; Kindness to Strangers. In: **Cosmopolitanism. Ethics in a World of Strangers**. New York: W. W. Norton & Company Inc, 2006.

BARRETO, L.S.A. **Prostituição, a história recontada**: transas sociais e institucionais em Belém. 2016.34 f. Originalmente apresentada como monografia de Especialização em Educação em Direitos Humanos. Instituto de Ciências Jurídicas, Universidade Federal do Pará, Belém. 2016.

BARRETO, L. GROSSI, M.P. MAYORGA, C. A. Pensando a prostituição, a pesquisa e a militância. In Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, 2013. Bahia. Universidade do Estado da Bahia, 2013. 11p.

BARTH, F. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. **Teorias da etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenard. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

BECKER, H. Outsiders. **Estudos de Sociologia do Desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BECK, U. Cosmopolitismo, um novo paradigma para as ciências sociais. Entrevista, 2007. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/10685-cosmopolitismo-um-novo-paradigma-para-as-ciencias-sociais-entrevista-com-ulrich-beck>>. Acesso em março 2016.

BEHAR, R. Biografia en la sombra. In: **Cuentame Algo Aunque Sea Uma Mentira: Las historias de la comadre Esperanza**. México: FCE, 2009.p.391-423.

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 3.ed., 1987.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, pp. 84-91.

BERNARDO, T. **Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo**. São Paulo: EDUSP, 1998.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. **A ilusão biográfica**. FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2002.p.167-182

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRASIL. Projeto de Lei nº 4.211, de 2012. Lei Gabriela Leite. Legislação Federal. Disponível

em:<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=32BFF66F055813F2879DA1BD87681B56.node2?codteor=1019532&filename=Avulso+-PL+4211/2012.>Acessado em: 15 de Nov. 2015.

CLIFFORD, J. **A experiência Etnográfica**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CRUZ, E. **Ruas de Belém: Significado histórico de suas denominações**. 2 ed. Belém: CEJUP, 1992.

DENZIN, N. Autoetnografia Analítica o Nuevo Déjà Vu. **Astrolabio**, n.11. 2013.p. 207-220.

DA SILVEIRA, F. L. A; SOARES, P. P. de A. M. Etnografia do mundo urbano de Belém(PA): considerações sobre as transformações nas paisagens do distrito de Icoaraci. Recife: **Revista Antropológicas**, v. 18, p. 237-270, 2008.

DA SILVEIRA, F. L. A. As dinâmicas das paisagens de Belém (PA): memórias, ruínas, e imaginários no mundo urbano. In ANDRADE, R.(Org). **Amazônias, cidades e jardins.: anatomia urbana e identidades paisagísticas**. Rio de Janeiro. UFRJ,2016.

DA SILVEIRA, F. L. A.; CANCELA, Cristina Donza. **Paisagem e Cultura: Dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade**. Belém: EDUFPA, 2009.

DA SILVEIRA, F. L. A; DA ROCHA, M.C.M.G. O Bairro de Batista Campos e as dinâmicas do tempo na cidade de Belém, Brasil. Memórias e paisagens arruinadas. **Museu Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v.8, n.1, p.169-182, Janeiro-Abril. 2013. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v8n1/v8n1a10.pdf>Acesso>. Acesso em: 12 de Jul de 2014.

DA MATTA, R. Carnavais malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DE ALMEIDA. C. M .R. Belém do Pará, uma cidade entre as águas: história, natureza e definição territorial em princípios do século XIX. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

DE CERTEAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de fazer. V. I. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

DO CARMO, C.M, DE SOUZA, E. M, CUNHA, A. M, MAIA, D.G. Da boca do lixo à boca do luxo: o cosmopolitismo das prostitutas da Daspu. **IPOTESI**, Juiz de Fora, v.15, n.2, p. 151-158, jul./dez. 2011.

ESPÍTO SANTO JÚNIOR, J. **Entre Cabarés e Gafieiras: Um estudo das Representações boemias na periferia de Belém do Pará, 1960-1980**.303f. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

EVANS-PRITCHARD, Edward E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FAUSTO. C. Banquete de gente: comensalidade e canibalismo na Amazônia.**Mana**

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser Afetado”. **Cadernos de Campo**, n.2005.p.155-161.

FARIAS, B. O Merengue na formação da música popular urbana de Belém do Pará: Reflexão sobre as conexões Amazônia-Caribe. *Revista Brasileira do Caribe*, São Luis, Vol. XI, nº22. Jan-Jun 2011, p. 227-265.

FRANÇA. M. Práticas e sentidos da aprendizagem na prostituição. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 325-349, jan./abr. 2017. Práticas e sentidos da aprendizagem na prostituição. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832017000100011>>. Acesso em: 20 de Abril de 2017.

FONSECA. C. A. Dupla Carreira da Mulher Prostituta. **Revista de Estudos Feministas**. Vol.4. n. 1, p.7-33.1996. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16650/15210>>. Acesso em 13 de janeiro de 2014.

FONSECA, C; PASINI, E. A mulher prostituta - uma situação limite de cidadania. Trabalho apresentado em: XX Reunião Brasileira de Antropologia, Salvador, 1998.

FOOT- WHYTE, W. *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

GHASARIAN, Cristian. **De La Etnografia a La Antropologia Reflexiva**: nuevos campos, nuevas prácticas, nuevas apuestas. Buenos Aires: Del Sol, 2008.

FOUCAULT. M. **A História da Sexualidade I**. São Paulo: Paz e Terra,2014.

GASPAR. M.D. **Garotas de Programa**. Prostituição em Copacabana e Identidade Social. Rio de Janeiro: Zahar,1989.

GEERTZ, C. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GIDDENS,A. **As Transformações da Intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. SãoPaulo: UNESP, 2005.

GOFFMAN. E. **Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. São Paulo: LTC,1988.

_____. **Ritual de Interação. Ensaios sobre comportamento face a face**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HENRIQUE. M. C; AMADOR.. L. H. M. **Da Belle Époque à cidade do vício**: o combate à sífilis em Belém do Pará, 1921-1924. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.scielo.br/hcsm>>. Acesso em 19 de novembro 2015.

JAQUES, P. B. *Elogio aos errantes*. Salvador:EDUFBA,2012.

LATOUR, Bruno. **Le métier de chercheur**: regard d un anthropologue, INRA Editions, 1995.

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta. A história de uma mulher que decidiu ser prostituta.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MALINOWSKI, B. **Um diário no sentido estrito do termo.** Trad. Celina Cavalcante Falck. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MAFFESOLI, M. **A Conquista do presente.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994. MAUÉS, M. A. M; IGREJA, D. G. L; DANTAS, L.M.S. De Casa em casa, e rua em rua... Na cidade: “circulação de crianças”, hierarquias e espaços sociais em Belém. In: Reunião Brasileira de Antropologia. **Anais...** Bahia, 2006. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2031/maria%20angelica%20motta.pdf> Acesso em 01 de Maio de 2016.

MATTA, R. D. **Carnavais Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** 6ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

MAGNANI, J. G. C. Antropologia urbana e os desafios da metrópole. Tempo social, USP, 2003.

MURRAY, L. Entre “Fazer Direito” e “Direitinho”: a gestão de vítimas e as políticas de proteção. **Revista Ártemis**, Vol. 13 nº 1; jul-dez, 2014. pp. 28-41. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/22532>> Acesso em: 20 de Out. 2015.

_____. Uma reflexão histórica, teórica e etnográfica sobre o ativismo de prostitutas no Brasil 30ª Reunião Brasileira de Antropologia. Políticas da Antropologia. Ética, Diversidade, 2016. Paraíba. **Anais...** Paraíba, 2016.

OLIVAR, J. M. N. O Direito Humano de ser Puta: uma reflexão sobre Direitos sexuais no universo da prostituição Feminina em Porto Alegre. **Teoria e Sociedade**. nº 15.2 – julho-dezembro de 2007 p. 108-137.

_____. **Devir Puta: Políticas de prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes.** Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2013.

PANSINI, E. **Prostituição e a Liberdade do Corpo.** CLAM-AMB. 2005.

_____. Limites Simbólicos Corporais na prostituição. **Cadernos Pagu** (14) 2000: pp.181-200.

PARK, R. E. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In: VELHO, Otávio G. (org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

PERLONGHER, N. O. O negócio do michê. Prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Brasiliense. 1987.

POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Rio de Janeiro: Estudos históricos, 1989.

PISCITELLI, A. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, vol.11, nº2, Jul/Dez, 2008, pp.263-274.

_____. **Trânsitos, Brasileiras nos mercados transnacionais do sexo.** Rio de Janeiro, Editora da UERJ/CLAM, 2013.

RAGO, M. **Os Prazeres da noite**. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997.

RIZZINI, I, FONSECA, C. As meninas e o universo do trabalho doméstico no Brasil Aspectos históricos, culturais e tendências atuais. Organização Internacional de Trabalho. Programa Internacional para a Eliminação do Trabalho Infantil – IPEC. 2002. Disponível em <file:///C:/Users/Vinicius/Downloads/As%20meninas%20e%20o%20universo%20do%20trabalho%20dom%C3%A9stico%20no%20Brasil%20aspectos%20hist%C3%B3ricos,%20culturais%20e%20tend%C3%Aancias%20atuais%20Irene%20Rizzini,%20Claudia%20Fonseca%20(1).pdf.> Acesso em: 01 de Maio de 2016.

ROCHA, A. L. C. D; ECKERT, C. A vida social é apresentar reciprocidades. Florianópolis: **Revista de Ciências Humanas**, nº 2, Volume 43, p. 491- 499 Outubro de 2009.

_____. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. Campinas: **Revista Rua**, nº 16, Volume, Junho de 2010.

_____. Memória e ritmos temporais: o pluralismo coerente da duração no interior das dinâmicas da cultura urbano-contemporânea. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, nº43, Volume 23, p. 105-124, Janeiro-junho de 2009.

RODRIGUES, C. I. **Vem do bairro do Jurunas**. Sociabilidade e construção de identidades entre ribeirinhos em Belém. 2006. 292 f. Originalmente apresentada como tese de doutorado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco. 2006.

RODRIGUES, M. T. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer?. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 12 n. 1 p. 68-76 jan./jun. 2009.

SANSOT, Pierre. Le paysage sonore. In: *Variations paysagères*. Paris: Klincksieck, 1983, pp. 74-85.

SANSOT, Pierre. Le paysage sonore. In: **Variations paysagères**. Paris: Klincksieck, 1983, pp. 74-85.

SANTOS, B. D. S. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. Cap 6, **Nuestra América**. Reinventar um Paradigma Subalterno de Reconhecimento e Redistribuição. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

SARAIVA, L. J. C. O renascer de Vênus: prostituição, trabalho e saúde em tempos de SIDA: (Belém-Brasil e Lisboa- Portugal). Originalmente apresentado como tese de doutorado na Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.

SCHAMA, Simon. “Introdução”. In: **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 13-30.

SCOTT, J. Gênero: **Uma categoria útil para análise histórica**. 1989.

SGANZELLA, N. C. M. Feito Só por mãe! sentidos de maternidade e família entre mulheres prostitutas. Originalmente apresentado como trabalho de dissertação na Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2011.

SILVA, H. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez. 2009.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de Sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. **Sociabilidade, um exemplo de Sociologia pura e formal**. In: MORAES E FILHO. E .D. (org). São Paulo: Ática,1983.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** 2010. SIMÕES. S.S. **Vila Mimosa**: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca. Niterói: EDUFF,2010.

_____. Identidade e política: a prostituição e o reconhecimento de um métier no Brasil. **Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar**, v.2, n.1, jan.-jun., p.24-46, 2010.

SOUSA, S. L.S.S. Memórias de artífices. Originalmente apresentado com trabalho de conclusão de curso na Universidade Federal do Pará. Belém, 2015.

VANDENBERGHE, F. Um estado para o cosmopolitismo. **Novos Estudos - CEBRAP**. Print version ISSN 0101-3300, Novos estud. - CEBRAP n.90 São Paulo July 2011. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002011000200007.> Acesso em 10 de agos de 2015.

TEDESCO, L.D.L. Relatos de Boemia: Prostituição e Memória na “Zona Boêmia” de Belém. In: **Diálogos Antropológicos**: diversidades, patrimônios, memórias.Org. MAUÉS, R.H; MACIEL. M.E. Belém: L&A.2012.

TRINDADE, J.R. **Errantes da Campina**. Belém: 1800-1900. 1999.193 f. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado em História Social. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de História, Universidade Federal Do Pará, Belém.1999.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. História oral. Rio de Janeiro: paz e terra,2002p.254- 278.

TUAN, Y.**Espaço e lugar. A perspectivada experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

VELHO, G. **Projeto e Metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

_____. Metrópole, cosmopolitismo e mediação. **Horiz. antropol.** vol.16 no.33 Porto Alegre June 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832010000100002> http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832010000100002&script=sci_arttext> Acesso em 30 de jan 2017.

ZALUAR, A. **Desvendando Máscaras Sociais**. 3º edição. Rio de Janeiro: Editora S.A.,1990.